

MARCUS VINICIUS DE AZEVEDO BRAGA

Abraçados



MARCUS VINICIUS DE AZEVEDO BRAGA

Abraçados

ABRAÇADOS

Marcus Vinicius de Azevedo Braga

Data da publicação: 27/11/2025

CAPA: Helena Proença Braga

Maria Lúria de Souza Cortegoso

REVISÃO: Cíntia Cortegoso

PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador

Rua Senador Souza Naves, 2245

CEP 86015-430

Fone: (43) 3343-2000

www.oconsolador.com

Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação

B794a Braga, Marcus Vinicius de Azevedo
Abraçados / Marcus Vinicius de Azevedo Braga ; revisão Cíntia Cortegoso ; capa: Helena Proença Braga, Maria Lúria de Souza Cortegoso. - Londrina, PR : EVOC, 2025.
223 p.
1116113 p

1. Espiritismo. 2. Literatura espírita-Crônicas. 3. Literatura espírita-Coletânea. I. Cortegoso, Cíntia. II. Braga, Helena Proença. III. Cortegoso, Maria Lúria de Souza. IV. Título.

CDD 133.9
19.ed.

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	8
A quem está abraçado este livro?	10
1 A variável espiritual	12
2 A corrida do ouro	15
3 A dor que nos embrutece.....	18
4 A horizontalidade e a verticalidade da fé	22
5 A serenidade da tentativa.....	26
6 A tabacaria e a expulsão de algum paraíso.....	28
7-Convite à Interdependência.....	31
8 E andar até quando Deus quiser.....	35
9 E se?	38
10 Em tudo é o mesmo suor	41
11 No tempo em que eu era menino.....	44
12 O valor de todos.....	47
13 Onde todos podem trabalhar	50
14 Precisamos de um serpentário nas leis morais?	54

15	Reencarnação de arrumação.....	60
16	Reencarnação é oportunidade	63
17	Soul e a missão libertadora	66
18	Um instrumento seu a melhorar	70
19	Uma qualquer	74
20	Webb.....	77
21	As quatro realidades	80
22	Merecia ser estudado.....	82
23	Metaforizando a educação mediúnica	86
24	Morrer no Japão deve ser ruim.....	89
25	O aparelho	95
26	Os caça-fantasmas.....	98
27	Pesadelo	101
28	Relendo a missiva.....	105
29	Sobre a Série da Netflix: Vida após a morte .	108
30	Superpoderes.....	116
31	A barraquinha	119
32	A dor antecedente	123

33 As aventuras de Allan Kardec no mundo da pós-verdade.....	125
34 As vozes dos mortos	131
35 Cinco possíveis efeitos da Covid-19 na prática espírita.....	135
36 Coluna social espírita	140
37 Como seguimos o Cristo?	144
38 E aí, o que queremos com a IA no movimento espírita?	147
39 Espíritas de gabinete?	152
40 Evangelho ao pé da letra.....	155
41 Força, guerreiro!	158
42 Galileu da Galileia.....	160
43 O coringa do baralho	163
44 O permeado e o insulado	167
45 Pensar para falar.....	170
46 Precisamos conversar sobre	173
a intolerância religiosa	173
47 Que fé raciocinada é essa?.....	180

48	Rei dos reis.....	183
49	Resgate do afastamento	186
50	Reuniões espíritas	191
51	Sobressaltados e ressentidos.....	194
52	Tô pagando!	197
53	Abnegação.....	201
54	All You Need Is Love (?)	205
55	Encontros e reencontros	209
56	Forças poderosas	212
57	Irmãos, é preciso coragem!	214
58	O amor de Jesus	218
59	Transmutando tolerância em caridade.....	221

PREFÁCIO

Marcus Vinicius Azevedo Braga, ou simplesmente Marcão, como eu chamo esse amigo de mais de uma década de caminhada espírita, é um dos mais profícuos e argutos trabalhadores da nossa doutrina. Pai de duas filhas lindas, marido amoroso, profissional disputado, ainda é escritor, autor teatral, evangelizador, palestrante e assíduo frequentador de grupos mediúnicos.

Como espírita, costumamos repetir que a Doutrina codificada por Kardec não é um ensinamento que veio para ficar preso na letra fria dos livros. Ele pede para ser sentido e praticado em nosso cotidiano, em cada uma de nossas ações, vivências, dores, alegrias, conquistas e perdas.

O que faz Marcus Braga nesta obra? Foca seu olhar sensível e mostra, em cada um dos textos contidos nesse livro e nos anteriores que compõem essa trilogia, que isso não é uma falácia ou uma utopia: é real e deve nos acompanhar em cada momento de nossa caminhada.

Parece fácil, mas não é. O mundo real e cotidiano nos absorve e nem sempre a conexão direta com o espiritismo está visível. Mas ela está presente, mesmo que não a sintamos de forma clara. É essa reflexão que Marcus Braga nos propõe em: um livro lido, um filme assistido, uma reportagem veiculada; no trabalho, na

escola, na família, na diversão com os amigos, na praia, na montanha, na solidão de uma hora reflexiva. Em todos esses momentos a Doutrina Espírita está ao nosso lado, nos consolando, nos inspirando, nos esclarecendo, nos consolando.

O Espiritismo não quer que sejamos proselitistas. Os espíritos esperam, isso sim, que transformemos os conceitos espíritas em bússolas de nossa passagem aqui pela Terra. A leitura desta obra nos mostra, exatamente, onde, quando e como.

Boa leitura!

Brasília, DF, em 18 de abril de 2025.

Paulo de Tarso dos Reis Lyra, jornalista.

A quem está abraçado este livro?

O livro “Abraçados” é uma coletânea de artigos publicados na imprensa espírita pelo autor, e completa uma trilogia batizada de “Cotidiano espírita”, com obras editadas pela Editora Virtual O Consolador, localizada em Londrina, no estado do Paraná.

Compõe a trilogia os livros “Fruto forte” e “Viajor”, ambos editados em 2020, perfazendo os três livros um total de 225 artigos, redigidos em um período de quase 20 anos, passando por publicações nos veículos: Correio Espírita (RJ), Revista Eletrônica O Consolador (PR), Revista Harmonia-ECK (SC) e Brasília Espírita (DF), entre outras.

O espírito desta obra, bem como de toda a trilogia, é a inserção do espiritismo na vida comum, como uma poderosa lente a provocar a reflexão sobre os múltiplos aspectos da vida, tornando o conhecimento doutrinário algo vivo, às vezes, provocativo, mas que nos torne melhores.

A interdependência na encarnação no Planeta é a tônica do título, abraçados na construção de um mundo melhor, na jornada da evolução. Sozinhos vamos mais rápido e juntos vamos mais longe, já diz o adágio, e a obra “Abraçados” remete, no seu título, à ideia de se opor a essa individualidade que nos consome e nos desumaniza.

Nesses 35 anos de vivência espírita, muita coisa mudou no cotidiano espírita. Transformações que serviram de inspiração para textos que buscaram aplacar inquietações e que, com a publicação, se busca ampliar o debate sobre esses temas, abraçados em uma roda de conversa que nos faz fortes, diante dos desafios como viajores na estrada reencarnatória.

Brasília, DF, em 14 de abril de 2025.

Marcus Vinicius de Azevedo Braga

1 A variável espiritual

Recentemente, andando pelos mares da internet, encontrei alguns vídeos da palestrante radicada em Brasília, Mayse Braga. Já a conhecia de eventos, mas passei a me deter mais às palestras disponíveis e gostei muito do que vi, e creio que seja interessante destacar um aspecto da abordagem dessa palestrante que merece uma reflexão mais apurada, sob pena de cometer injustiças ao ignorar outros aspectos igualmente positivos.

São palestras muito didáticas e leves, mas o que me chamou mesmo a atenção foi um traço de trazer para as questões cotidianas a dimensão espiritual. Cada situação é sempre vista com a lembrança de que ali naqueles dilemas está um espírito imortal reencarnado em processo de evolução, e isso traz não só uma visão bem-didática, como consoladora no trato das questões mais áridas.

Pode parecer óbvio essa abordagem, mas não é. Ainda se vê, muito apartado, o conhecimento espírita da resolução das questões concretas, e se discute o que se deve fazer sem se lembrar do que se é realmente, em termos espirituais. O caminho mais fácil é fazer essa discussão apartada, pois se mantém os mesmos paradigmas de sempre, com uma etiqueta superficial de espiritismo.

O que nos faz espíritas não é dizer que acredita no aspecto A ou B. É pautar a nossa vida por essa crença viva, nos seus pilares, que são poucos, mas relevantes. É lembrar que não estamos aqui pela primeira vez; que essas pessoas que estão conosco têm relações pretéritas com a nossa história; que somos acompanhados por outras entidades similares a nós, em outro plano; e que a vida continua aqui e no infinito do Universo.

Parece que não, mas esses pressupostos mudam a interpretação dos fatos mais cotidianos, das decisões mais complexas. Os dramas humanos assumem outra dimensão e o olhar espírita se faz na compreensão de cada situação em uma visão mais ampliada. Ler um simples jornal sobre a ótica espírita, por si só, é bem diferente.

Importante que o conhecimento espírita seja algo presente na nossa vida, não em uma visão ascética, monástica, isolada do mundo, e, sim, como uma ferramenta para proceder neste período encarnado, que é relevante, sem perder de vista que estamos aqui de passagem.

Não queremos só viver na subcultura espírita, e, sim, que esse conhecimento seja uma ponte para mediar as nossas relações com o mundo, a luz de pressupostos que, para nós, fazem sentido. Não é ser espírita para viver no mundo dos espíritas. É para enfrentar o real, vivendo no mundo sem ser do mundo.

Nesse sentido, importa que nas equações de nossa vida coloquemos a variável espiritual, que muda o jogo de forças quando considerada. Será que as decisões que

tomamos em nossa vida, a forma como reagimos às alegrias e dissabores levam em consideração as verdades da doutrina espírita?

Não podemos é ler livros espíritas, estudar Kardec, ouvir palestras e pautar a nossa vida por um materialismo arraigado ou por um cristianismo de um Deus punitivo que, se contrariado, nos manda ao inferno. Esse é um dos aspectos libertadores da doutrina espírita, ao nos permitir viver sobre novos pressupostos, não só mais razoáveis, mas também fundamentados em aspectos mais lógicos e que fazem sentido.

Kardec foi um revolucionário. Jesus também. Quebraram paradigmas e inauguraram novos olhares em relação ao mundo que nos cerca, visível e invisível. Cabe a nós trazer essa revolução para o nosso interior, com um olhar coerente com o nosso falar e, conseqüentemente, com o nosso agir.

2 A corrida do ouro

A vida moderna, tão corrida, nos alista, ainda que não desejemos, em uma corrida do ouro, expressão que se refere ao movimento de migração para o Oeste estadunidense no século XIX, na busca de encontrar a sorte em uma ou mais pepitas, e que redesenhou a ocupação territorial dos Estados Unidos.

Essa corrida, no sentido figurado, ficou mais elaborada recentemente, com a entrada no jogo das redes sociais, de ofertas de dinheiro fácil, de prêmios, em uma lógica de ter coisas, de usufruir e ostentar, de consumir de forma hegemônica e que afeta a cada um de nós, mesmo que não percebamos.

Fulano, que não gosta de loterias, toda vez que tem bolão no trabalho, tem que se justificar. Se é para ganhar dinheiro, qualquer sacrifício se faz justificado. Beltrano sonha com os prêmios que vai ganhar gastando parte de seu ordenado em apostas. Sicrano é desejado amorosamente, pois tem uma boa condição social e uma carreira de sucesso.

Fugir disso é ser preguiçoso, e a ambição como valor assume um papel ao mesmo tempo central e difuso na vida das pessoas, perdidas em sonhos dourados de serem reis e rainhas de reinados de nossa época.

Essa lógica permeia as relações desde a tenra infância, todos inscritos em uma corrida por milhões,

seja pelo trabalho árduo, seja pela sorte no jogo. Em tudo, parece que ser bilionário é o objetivo comum e partilhado da existência, contraposto esse discurso a falas como “dinheiro não traz felicidade”, que parecem jocosas ao se ver como a banda toca realmente.

Mais do que uma crítica, essa é uma constatação das motivações que permeiam a sociedade nesse início do século XXI, com altas doses de individualismo, de cansaço e de insatisfação crônica, como se a vida fosse uma grande gincana, ou para ser mais moderno, um grande *Reality Show*, onde tudo é monetizado e ranqueado, com dificuldades de saber quem são as pessoas realmente.

Diante desse cenário, importa lembrar um pouco do que diz a Doutrina Espírita sobre os objetivos da reencarnação, na pergunta 132 de O livro dos espíritos:

132. Qual o objetivo da encarnação dos Espíritos?

Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, tem que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal: nisso é que está a expiação. Visa ainda outro fim a encarnação: o de pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da criação. Para executá-la é que, em cada mundo, toma o Espírito um instrumento, de harmonia com a matéria essencial desse mundo, a fim de aí cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. É assim que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta.

Importante destacar dois aspectos aqui: o primeiro, de que a encarnação é um espaço experiencial, de aprendizado, de desempenhar aquele papel junto a um conjunto de outros espíritos e nessa vivência coletiva, evoluir, em um sentido espiritual dessa palavra.

O segundo aspecto é o nosso papel como partícipe na obra da criação, evoluindo por colaborar com a obra geral, e nessa visão encontramos de novo o próximo, o meio ambiente e o coletivo.

Em um mundo imerso no individualismo e na competição, a doutrina espírita nos lembra de que a vida é passageira e eterna, e que o outro importa muito nessa discussão. De que se estamos em uma corrida, sozinho até chegaremos mais rápido, mas juntos chegaremos mais longe.

Importante recordar coisas tão simples e essenciais nessa correria dos tempos modernos na qual não se sabe o que buscar, seguindo ondas de forma acrítica, esquecendo-nos, espíritas, do tesouro que temos embaixo de nossos pés, que é o conhecimento da vida maior, de forma consistente e viva.

3 A dor que nos embrutece

O filme “O pior vizinho do mundo”, de 2022, estrelado por Tom Hanks, e dirigido por Marc Forster, sendo uma refilmagem de um filme sueco de 2015, retrata a história de Otto, um homem amargurado e que vive em uma vila, e que reclama de tudo e de todos, buscando por diversas vezes a via do suicídio, mas que ao final, revela que aquela forma de tratar o mundo é resultado de uma dor enorme, ainda não curada.

A dor não fica limitada ao espírito, espalhando-se por onde ele passa, em falas rudes, caras fechadas e ofensas gratuitas. Certamente, conhecemos pessoas assim no cotidiano, e ao investigar a sua trajetória, descobrimos a dor da rejeição, do abandono, e de mazelas não digeridas ainda. Pessoas que são objeto de nossa raiva, mas que deveríamos alimentar sentimentos outros.

Uma raiva presente no ambiente de convívio e que, por vezes, nos contamina convertendo a pessoa no estopim de desavenças, que tornam não só o seu cotidiano ruim, mas o cotidiano de pessoas próximas, seja no ambiente de trabalho, seja na família. Um verdadeiro catalisador de confusões que precisa ser anulado por ações apaziguadoras.

Como no filme, em que a cura de Otto veio pela solidariedade dos seus vizinhos, essas pessoas precisam

da mão amiga, da palavra consoladora e da paciência que entenda o que se passa, e que dê tempo ao tempo. Não, não é fácil conviver com pessoas amarguradas, e que em tudo enxergam os aspectos negativos, mas elas são carentes de nosso concurso, e quem sabe, nós também não estaremos numa situação semelhante no futuro.

A superação de uma dor leva tempo. Fórmulas padronizadas por vezes não funcionam, e o caminho escolhido pode ser o do desespero, do suicídio e do desprezo pela vida. Claro que cada um de nós tem as suas dores, no recôndito dos corações, mas muitas vezes ela assume um papel de domínio, no qual nos vemos cegos e desesperançosos, imersos nela até o pescoço.

O espiritismo não cura as dores da alma, mas pode ser uma boa ferramenta para que, pela compreensão mais alargada da existência, venhamos a entender inicialmente com a mente o que precisa no futuro semear o coração. O caráter consolador da doutrina é uma luz que pode conduzir o sofredor para fora das teias da revolta em relação ao mundo, diante das provas mais duras.

Mas não há milagre no espiritismo, e o remédio precisa de tempo para agir. Às vezes, a pessoa é espírita de longa data, com consolidado conhecimento doutrinário, mas diante da dor avassaladora, sucumbe, fecha-se e se revolta sentindo-se injustiçado diante da divindade e dos trabalhos realizados, como um Jó do Antigo Testamento.

Quando falamos que o espiritismo é uma ferramenta de auxílio, não é apenas o conhecimento, mas, também, a vivência pela prática do bem, pela atividade mediúnica e pela arte, aspectos da vivência espírita que nos ajudam não só a compreender o contexto da dor, mas, também, a tampar os buracos que a dor deixou em nossos corações.

Ao falarmos que chegamos ao espiritismo pela dor ou pelo amor, famoso adágio de nosso movimento, soa como um tanto cruel a nossa relação com a pessoa que vem pela dor, esquecendo-se de que ela precisa de ajuda diante da dor que a consome, e que se não for bem-recebida na casa espírita, poderá vagar sem rumo, com a possibilidade de destinos trágicos.

Nesse sentido, reveste-se de grande relevância a atividade de atendimento fraterno nas casas espíritas, que não é apenas uma triagem de questões mediúnicas, e, sim, um espaço de amparo e recepção de pessoas que ali se aproximam, esperando daquele hospital de almas, o apoio necessário, sem julgamentos ou críticas, o que demanda um perfil específico para as pessoas que atuam nessa área.

O mundo é repleto de "Ottos", rabugentos, amargurados e que vivem a cada dia de forma pesarosa e cinza. O espiritismo pode ser um sol para iluminar a vida dessas pessoas, mas precisa encontrar o ângulo certo para penetrar as janelas daqueles corações, e cabe a nós entender quando a espiritualidade nos sinaliza para agir nessas situações, que pode ser de forma inusitada, fora da casa espírita, mas que exija de nós o

conhecimento e o amor que devem nos caracterizar em qualquer momento.

4 A horizontalidade e a verticalidade da fé

No capítulo XIX de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Kardec trata da fé cega contraposta à ideia de fé raciocinada, trazendo esse conceito novo e basilar para a doutrina espírita, ainda que tão incompreendido. Apesar das dificuldades do trato dessa ideia, ela é essencial para se navegar na sociedade do conhecimento em que vivemos.

Começemos pela fé cega. Segundo Kardec:

A fé cega, nada examinando, aceita sem controle o falso e o verdadeiro, e se choca a cada passo com a evidência da razão. Levada ao extremo, ela produz o fanatismo. Quando a fé se firma no erro, ela desmorona cedo ou tarde. A que tem por base a verdade é a única com futuro assegurado, porque nada deve temer do progresso do conhecimento, já que o que é verdadeiro na obscuridade também o é à plena luz.

O codificador, na aurora de uma sociedade tecnológica que já despontava, traz a necessidade de uma fé que pudesse conviver com aquele mundo novo, sem perder os benefícios desta para a nossa vida, em especial em uma dimensão espiritual. Há uma percepção nítida nos escritos de Kardec, diante dos conhecimentos trazidos pelos espíritos, de que ter fé é uma necessidade humana importantíssima.

Pode parecer uma contradição essa ideia de fé raciocinada trazida nesta obra, pois a fé é o absoluto, o transcendente, que existe exatamente para suprir o inexplicável. Mas Kardec, de forma engenhosa, propõe que a razão tempere essa necessidade humana, para prevenir os prejuízos do seu excesso, quando, então, ela se faz cega.

A fé cega é vertical, de cima para baixo. Pauta-se em argumentos de autoridade. Não aceita críticas, dúvidas, questionamentos. Trata de livros sagrados, de palestras unidirecionais, focada no conteúdo e na hierarquia. Busca a letra que mata. Contempla gurus e detentores da interpretação oficial.

A fé raciocinada, ao seu turno, tem um caráter horizontal. Convive com o debate. Pauta-se na construção do conhecimento e tem espaço para a pesquisa. Vive bem em grupos de estudos, buscando os conceitos e a sua aplicação às diversas situações da vida. Sabe adaptar-se quando surge o novo, o que a torna forte ao longo do tempo. Faz sentido em uma rede de pessoas, de forma plural.

O conceito de fé raciocinada é moderno e libertador, resgatando uma espiritualidade que conviva com uma sociedade que preze o conhecimento e a pluralidade, mas que, ao mesmo tempo, exige dos fiéis uma maturidade de sair da verticalidade do poder concentrado para a horizontalidade da rede.

O século XXI demanda uma fé raciocinada, mas a fé cega campeia, ocupando espaços nas práticas e discussões, inclusive no espiritismo, com reflexos de

fanatismo e fundamentalismo. Talvez a lição mais complexa do espiritismo seja essa mediação do absoluto do crer, que trata do sentimento, com o racional dos fatos e evidências, em uma fusão que pode parecer de líquidos imiscíveis, mas que é possível se obter construções interessantes, como nos mostra a prática espírita.

Remetendo ainda a Kardec:

A fé raciocinada, que se apoia nos fatos e na lógica, não deixa nenhuma obscuridade: crê-se, porque se tem a certeza, e somente estamos certos se compreendemos. É por isso que ela não se dobra, pois a fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão face a face em todas as épocas da Humanidade. É a este resultado que o Espiritismo conduz, triunfando assim sobre a incredulidade, todas as vezes em que não encontra oposição sistemática e interessada.

Como se vê, o adjetivo raciocinada é uma forma de mediação das mazelas da fé cega. Fica, então, a questão de que talvez a fé raciocinada seja algo impossível de se alcançar plenamente, mas é importante identificar e limitar a fé cega, faca amolada que corta o espírito de fraternidade e caridade com poder e opressão.

Passados mais de 150 anos, a discussão apresentada por Kardec de uma nova forma de lidar com o transcendente, que fosse ancorada em lógica e em evidências em alguma medida, mediando a verticalidade da autoridade com a horizontalidade da construção, faz-se cada vez mais necessária, e nós, espíritas, ainda

temos encontrado dificuldade de lidar com esse antigo e moderno conceito. Uma reflexão mais do que urgente.

5 A serenidade da tentativa

Dentre as muitas belas passagens da vida de Francisco de Assis, destaca-se aquela na qual ele estava já idoso, um tanto adoecido, cuidando do seu jardim, quando lhe perguntaram o que faria se soubesse que ia desencarnar amanhã. O sol de Assis responde que continuaria, serenamente, a cuidar de seu jardim.

A serenidade demonstrada por Francisco tem lastro em uma vida correta, não perfeita. Uma vida na qual se tentou fazer o máximo, e que mantém o equilíbrio por conta de uma consciência tranquila advinda de se ter feito o que pode ao seu alcance. Isso é o que a espiritualidade superior espera de nós.

A serenidade da tentativa independe de resultados se relacionando a nossa tentativa sincera de fazer o melhor que, às vezes, não depende de nós. Claro, é importante buscarmos os resultados, a concretude, mas sem o apego e a vaidade de achar que vamos dominar todos os processos, nas questões, por vezes, insondáveis dos desígnios divinos.

Ter tentado fazer o máximo em relação àquele filho, àquele irmão é o nosso dever. É o que nos cabe. Difícil encontrar essa serenidade quando vemos que apesar do esforço, nada deu certo. Mas é preciso lembrar que as coisas não dependem apenas de nós. Cada um tem a sua cota de participação na construção do reino de

Deus, e essa visão nos leva a uma compreensão maior da vida.

Para uma ilustração final, o final de 2021 nos brindou com uma pérola cinematográfica, o filme *Não olhe para cima*, exibido pela Netflix, uma comédia dirigida por Adam McKay, e que causou grande movimentação nas redes sociais, tratando da vinda de um meteoro na direção da Terra. Se você ainda não assistiu ao filme, vou revelar alguns detalhes dele agora, o que pode prejudicar a sua experiência ao assistir a ele.

Nessa película, com a informação já disseminada que o meteoro se chocaria com a Terra e nada havia a ser feito, os protagonistas, que lutaram durante todo o filme para reverter essa situação, se reúnem em um jantar, um sereno jantar, para esperar o fim do mundo.

Nessa refeição, uma das protagonistas, vivida pela atriz Jennifer Lawrence, destaca que apesar de estarem ali aguardando o fim trazido pelo meteoro algoz, eles pelo menos tentaram. Destaca de forma emocionante a bênção da tentativa, como o Francisco de Assis de outrora. Mais que um consolo, é uma certeza de que se fez o que pôde, e que as coisas aconteceram como tinham de acontecer.

Em tempos tão conflituosos, de crise, de pandemia, de tensões sociais, é preciso serenidade para enxergarmos o que nos cabe fazer e em que momento fizemos o máximo possível, para entender que somos partes da criação, na construção de um mundo melhor, e que, como nos assevera o espiritismo, só sofreremos o que for relevante para o nosso processo evolutivo.

6 A tabacaria e a expulsão de algum paraíso

O poema *Tabacaria*, obra do poeta português Fernando Pessoa (1888-1935), por meio do seu heterônimo Álvaro de Campos, é a expressão mais completa de uma crise existencial, na qual o autor questiona a si mesmo, o Universo, a verdade, açodado pela expulsão do paraíso da inconsciência nas suas reflexões noturnas.

O trecho a seguir ilustra bem o grau de inquietação que traz o autor diante da realidade, representada por uma tabacaria do outro lado da rua:

Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade.
Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer,
E não tivesse mais irmandade com as coisas
Senão uma despedida, tornando-se esta casa e este lado da rua
A fileira de carruagens de um comboio, e uma partida apitada
De dentro da minha cabeça,
E uma sacudidela dos meus nervos e um ranger de ossos na ida.

Estou hoje perplexo, como quem pensou e achou e esqueceu.
Estou hoje dividido entre a lealdade que devo
À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,
E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro.

Uma perplexidade que se desfaz no encontro com o amigo Esteves que saía da tabacaria, cumprimentando-o cordialmente, levando-o de volta à realidade cotidiana.

Remete essa reflexão à famosa frase da psicanalista austríaca Melanie Klein (1882-1960): *Quem come do fruto do conhecimento, é sempre expulso de algum paraíso*. Ou ainda, da erroneamente interpretada fala de Jesus: *Não vim trazer a paz, e sim a espada*. Uma exaltação da inquietação como mecanismo de crescimento interior do espírito.

E chega-se, então, à questão central desse artigo. Em que medida o espiritismo tem nos inquietado provocando-nos uma salutar reflexão? Sim, interessa discutir o potencial da doutrina espírita de nos tirar de certas zonas de conforto, de nos fazer olhar por outras lentes e ouvir outras vozes.

O que vivenciamos e estudamos no espiritismo nos traz a paz da inconsciência ou nos expulsa dos paraísos ilusórios, na busca de caminhar no processo de evolução? Eis uma pergunta que nos cabe.

O espiritismo não é algo pasteurizado, fossilizado, e, sim, algo vivo e que se entranha em nossa existência, ungido pela fé raciocinada que nos leva a crer e questionar na mesma frase, fazendo de uma simples tabacaria o motivador de reflexões sobre a existência.

Que nossos estudos comecem com discussões sobre as letras das obras da codificação, viagem às estrelas e terminem em um barraquinho em uma comunidade carente, permeando a existência não apenas com a ânsia de tudo explicar, mas, também, o desejo de perguntar e debater.

E um espiritismo assim não se faz com predominância de palestras, com livros sagrados e

médiuns inquestionáveis. Os grillhões do pensamento não servem de papel ao verdadeiro espiritismo, como força pulsante fruto de questionamentos no final do século XIX.

Esse espiritismo morno em nossos corações nos faz preguiçosos, protocolares, sem sonhos e ideais. Não apaixona as pessoas, em especial os mais jovens. Vira mais alguma coisa do que se tem por aí, empoeirado diante desse mundo novo que nos desafia cotidianamente.

7-Convite à Interdependência

Na década de 1980 (1986, mais precisamente), relançaram nos EUA e também no Brasil, o seriado *Além da imaginação* (*Twilight Zone*), original de 1959, uma criação de Rod Serling, e nessa nova roupagem (já existiram outras reedições, inclusive nos tempos atuais no Amazon Prime), havia um episódio assustador, com o nome original *Button, Button*, e que veio a ser convertido em um filme chamado *A caixa*, datado de 2009, estrelado por Cameron Diaz.

Nesse episódio, um estranho presenteia um casal com uma caixa com um botão na parte superior, prometendo que se eles o apertarem, irão receber uma grande quantia em dinheiro. Mas, ao apertar o botão, alguém que eles não conhecem irá morrer. Um mote de gelar a espinha que, para ilustrar o tema do presente artigo, vamos desenvolver com um pouco de *spoilers*, dado o tempo distante de exibição do mesmo.

O dilema moral consome todo o episódio. Os protagonistas jogam a caixa fora, mas no outro dia ela aparece na porta da frente de novo. E, por fim, após grande conflito, eles apertam o botão, e no dia seguinte, surge novamente o misterioso homem de outrora, pegando a caixa de volta e entregando a eles uma vultosa soma em dinheiro. Ao indagarem o homem

sobre o destino da caixa, este responde que ela será entregue a alguém que eles não conhecem.

Fora a noite mal dormida depois de ter assistido esse episódio na minha juventude, ele trouxe uma profunda reflexão, que foi resgatada agora, nesse período da crise sanitária derivada do Novo Coronavírus. O sagaz episódio trata da interdependência que nos vincula, espíritos encarnados, e que emerge com força agora com a pandemia da Covid-19. Trata-se, enfim, da solidariedade.

Sim, pois essa pandemia (como outras da história), apesar de ser evitada pelo isolamento social, exige que saíamos de nossa individualidade para adotar pactos coletivos entre as pessoas e que impeçam a proliferação do vírus. Assim, ao nos comprometermos a reduzir a circulação, a usar máscaras e álcool em gel, percebemos que esses ritos só tem efetividade na adoção destes por uma grande maioria.

Da mesma forma, a solução para essa pandemia, como em outras, a vacinação, não é uma questão individual e, sim, coletiva, pois a proteção efetiva só ocorre quando uma parte significativa da população está imunizada. Uma realidade na qual importa a vacinação geral e não a vacinação de uma pessoa apenas com a vacina A ou B, como tem defendido os pesquisadores.

Para além de esvaziar argumentos dos chamados *sommeliers* de vacina, essa discussão da crise sanitária se assemelha à lógica de *A caixa* do *Twilight Zone*. O homem misterioso oferece um benefício que depende de uma escolha, mas essa escolha pode afetar

alguém que você não conhece. Mas esse alguém amanhã é você.

Da mesma forma, o contexto de prevenção da Covid-19 nos convidou a escolhas, que poderiam nos trazer o benefício imediato, como desprezar protocolos sanitários, mas que poderiam prejudicar alguém que não conhecemos. E esse mal nos atingiria, em algum momento, seja pela doença ou por outras consequências advindas desta, em um verdadeiro circuito fechado.

Muita gente boa não percebeu que essa crise sanitária foi um convite à interdependência, em um mundo que anda tão permeado de individualismo, um nome gourmetizado do velho egoísmo. Tão ocupados com as nossas questões, vimo-nos obrigados a pensar no coletivo, como foi com a varíola, que causou a revolta da vacina no Rio de Janeiro, em 1904. Aliás, a varíola, chaga mortal, só foi erradicada do planeta em 1980, quando houve uma articulação dos países para combatê-la, inclusive nos bolsões de pobreza.

A Covid-19 é uma doença terrível, mortal e, no Brasil e no mundo, acumula mazelas na grande quantidade de óbitos, sem contar os problemas derivados das sequelas e dos reflexos sociais, em um universo de grande desconhecimento da extensão dos males derivados dessa enfermidade. Cabe a nós a solidariedade com as vítimas e o trabalho para a efetiva erradicação dessa doença.

Mas é inconteste que a solução das mazelas desse vírus passe pelo resgate da interdependência, da percepção de que cada espírito encarnado é um irmão

de jornada, de que cada país é parte do mesmo Planeta, e que o nosso agir será efetivo não somente para nos resguardar, mas, também, para proteger uma pessoa que não conhecemos. Uma pessoa que amanhã pode ser nós.

8 E andar até quando Deus quiser

Difícil não ser pessimista com esse fim de segunda década do século XXI. A frase do escritor Aldous Huxley, *E se este mundo for o inferno de outro planeta?*, assola a nossa mente, e como Castro Alves, no seu poema *O Navio Negroiro*, perguntamos: *Senhor Deus dos desgraçados! Dizei-me vós, Senhor Deus! Se é loucura... se é verdade... tanto horror perante os céus?!*

Esse clima de desânimo, de desesperança e de pessimismo nos invade, potencializado pelo poder amplificador das redes sociais. Sim, é fato, a humanidade já passou períodos mais confusos e de sofrimento muito maior que o atual. Basta lembrar das duas guerras mundiais, da gripe espanhola, apenas para se ater ao século passado. Mas a perplexidade se alimenta da velocidade e das imagens que nos chegam cotidianamente.

Mas não temos o direito de diminuir a dor de ninguém. Os momentos desse 2020, em especial por conta da Pandemia de Covid-19, impuseram sofrimentos às pessoas de todo o mundo, que nos fazem lembrar da nossa condição de Planeta de provas e expiações, e de que a nossa verdadeira vida é a espiritual, concordando um pouco com Huxley, mas discordando de Castro Alves, pois a doutrina espírita nos aponta que Deus está,

mais uma vez, atento diante de tanto horror perante os céus.

Deus está atento, mas conta com o nosso concurso, usando assim os recursos por ele propiciado. Afinal, nos arvoramos a ser cocriadores. A saída dessa crise passa por nós, por esforços individuais articulados coletivamente, até quando Deus quiser. O que seria caminhar A.T.E.? Simples, é a fórmula que indica o caminho de um mundo melhor: Amar, Trabalhar e Estudar.

O Amar implica em sair de si e buscar o outro. Seja de maneira formal, pelos chamados trabalhos assistenciais, seja de forma espontânea. O mundo precisa de mais amor, por favor. Mas não um amor inerte, mas, sim, um amor ativo, que se indigna e que reage, anulando com amor a iniquidade. Abraços operam milagres.

O Trabalhar se faz no engajamento em atividades que construam esse mundo melhor. Na verdade, não vamos mudar o mundo apenas digitando textos na frente de um computador, ainda que as palavras que mudam o mundo sejam uma forma de trabalho. Mudaremos o mundo lutando nele, no campo real, no trabalho na interação com as pessoas, para além de textões e notas de repúdio.

O Estudar é que nos dá a base, a sustentabilidade e a direção para esse mundo melhor. O discernimento nos possibilita escolher e construir bons caminhos, e isso vem com o estudo e a reflexão. Coração, braços e mente são a trinca na promoção de um mundo melhor, na

responsabilidade que nos cabe, como cristãos e cidadãos.

O pessimismo precisa ceder espaço à ação. Sair da cadeira do computador para enfrentar a realidade que se apresenta, com as armas A.T.E., instrumentos clássicos que ajudaram a humanidade em outros momentos difíceis, e que continuam eficientes. Ferramentas que Deus nos deu e que precisam ser utilizadas, para que surja esse reino de Deus prometido.

9 E se?

Na minha juventude era um amante dos gibis da Marvel, que após 2010 se converteram em filmes de estrondoso sucesso no cinema. Dentre as histórias que marcaram uma geração, uma série que eu gostava muito era a *E se*, que recentemente virou uma animação em três temporadas no *streaming* da Disney.

Nessa série de histórias, um personagem chamado Vigia, que observava o Universo, conjecturava situações, novas trajetórias diante de acontecimentos centrais. Algo do tipo: e se Steve Rogers não tivesse tomado o soro de super soldado e se transformado no Capitão América, e a partir dessa mudança nesse evento, se construía a narrativa condicional de toda uma linha de tempo.

Gostamos dessas histórias, pois como humanos somos capazes de reproduzir essa experiência, imaginando outro futuro caso algo não acontecesse, construindo cenários, projeções. Fazemos isso o tempo todo, aliás.

Essa capacidade é uma bênção e uma maldição, pois nos escraviza nas reflexões sobre que rumos nossa vida teria tomado se fizéssemos isso ou aquilo. Uma tortura mortal que mistura arrependimento com autocomiseração e que nos leva a não só não aceitar o

presente, mas, também, a ficar buscando um passado interpretado e que não conseguiremos mudar.

Apesar de ser lógico ver que insistir nesse *E se* é danoso, nosso emocional fica preso a essa ideia, tentando explicações ou na busca de atribuir culpas. E para nós, espíritas, existe um complicador desse processo, que é o conceito de planejamento reencarnatório.

Sim, ficamos pensando que deixamos de fazer algo, e tudo deu errado, pois não cumprimos o nosso planejamento reencarnatório, quase um destino inexorável que como um grilhão nos prende à execução de etapas, por vezes, vistas de forma quase mecânica.

Em uma reflexão libertadora, interessante verificar que se prender ao que poderia ter sido não é possível, pois o caminho alternativo que projetamos poderia ter sido diferente, e não tão otimista quanto pensamos.

Além disso, a luta reencarnatória cotidiana é uma construção em que temos, sim, um planejamento, como instrumento de auxílio evolutivo, mas as coisas vão acontecendo e vamos decidindo de acordo com as nossas limitações espirituais e, assim, fazendo o possível que, por vezes, é o nosso melhor.

O presente é fruto de escolhas e situações que se apresentam, de nossas decisões, e do conjunto de provas e expiações que se fazem necessárias para o nosso estágio evolutivo. Uma construção para a qual não temos o projeto de forma explícita, e, sim, intuições, exatamente para que não sejamos escravos mecânicos de um destino a ser cumprido.

E para complicar, isso tudo se dá num coletivo no qual dependemos de outras pessoas, que encarnam conosco e que comungam de compromissos e laços em comum. A evolução é um processo individual, mas só tem sentido no coletivo.

Por isso, olhar para o passado é só para a aprendizagem, e não para a lamentação. Se não tomamos a decisão certa naquele momento, fizemos o que demos conta. E quem poderia dizer que seria tão feliz aquele caminho escolhido. Diante de cada escolha, surgem novas possibilidades, e novas chances de crescer e aprender.

Na insegurança do caos de um mundo complexo, gostamos de acreditar em um determinismo mecânico, mas não é isso que está na Doutrina espírita, também revolucionária nesse sentido.

Importa o caminhar, colher as flores do caminho, e pular as pedras, e aceitar os tropeços, enxergando que estes podem ser livramentos e que coisas boas que sonhávamos podiam ser apenas cantos de sereia para nos arrastar ao fundo do oceano.

10 Em tudo é o mesmo suor

Com o suor do teu rosto comerás o teu pão.

Gênesis 3:19

Workaholic, burnout, assédio, condições análogas à escravidão, teletrabalho, colaborador, uberização, empreendedor, desemprego... a gramática do mundo do trabalho do século XXI é permeada de novas roupagens para velhos conceitos, alguns destes, inclusive, que deturpam a essência do trabalho, a faculdade do espírito que mais o aproxima do criador.

Realização, prazer, utilidade, bem comum, sustento, aprendizado, lazer, outras expressões que deveriam aparecer mais no mundo do trabalho, mas a despeito de toda a tecnologia que nos cerca, nosso meio de vida continua sendo uma das fontes de sofrimento para o espírito encarnado, pelo excesso, pela falta ou pela alienação no seu desempenho.

O fato de o trabalho ser um valor universal, algo eminentemente positivo, não faz dele uma questão acrítica. O equilíbrio nessas relações, entre empregados e entre empregadores, os excessos, o desrespeito, e toda uma gama de distorções são pontos de pauta, como lições de uma vida melhor, a luz da lei de justiça, amor e caridade.

Dado que o trabalho é tão importante, em especial na visão comungada por nós, espíritas, os seus limites e

desvios também devem ser objeto de nossas discussões. Não nos aspectos legislativos ou políticas dessas relações, que guardam fóruns específicos para tal, mas no sentido dos papéis reencarnatórios que ocupamos nessas relações, e de que somos sim, responsáveis pelo bem ou pelo mal que propiciamos nessa seara.

A nossa maior vergonha histórica, a escravidão, tratada de forma relevante nas questões 829 a 832 de O Livro dos Espíritos, ainda se apresenta, passado tanto tempo, em formas sutis de submissão, de tratamento desumano, que se morre pelo trabalho, como resquício daquele suor que ainda escorre hoje em dia nas frentes cansadas.

A escravidão, nas suas diversas derivações modernas, como o tráfico de mulheres, o trabalho infantil, o trabalho para pagar dívidas infinitas, bem como o trabalho desregulado e desamparado, são questões que afetam o tecido social, em especial daqueles mais vulneráveis, e merecem seu espaço de reflexão como espíritos e como cidadãos.

O trabalho, como dever, tem seus limites, como lembra a questão 683 da obra já citada. Não vivemos para o trabalho, mas este, sim, é a fonte de uma vida melhor, seja pelo aspecto material, seja pela construção de relações e de realidades. O trabalho está no contexto da encarnação, mas não é a sua finalidade. Mesmo o trabalho no bem, tão importante para nós, não é um fim, mas um meio de nossa evolução.

No que se refere ao trabalho, além de um sentido amplo, entendido como a ação do espírito para modificar

a sua realidade, no emprego de suas forças, existe o significado mais utilizado, aquele do ganha-pão, do sustento, que pode ser objeto de exploração de quem nos emprega, mas, também, pode ser força hipnótica que nos cega pelas águas da ambição.

A sanha de ganhar mais, de se ter mais, de destaque, de holofotes pode nos conduzir a outras formas de escravidão, na qual nos tornamos prisioneiros de um modo de vida. Claro que a excelência profissional, a qualidade das entregas, o desenvolvimento na carreira são valores que nos trazem realização e felicidade. Para nós, para os que nos cercam e para a sociedade. Mas, como tudo, demanda equilíbrio em relação às outras dimensões da nossa vida.

O suor que nos dá o sustento, que propicia a realização de tantas coisas boas na humanidade, é o mesmo que patrocina situações deploráveis, do homem em relação ao próprio homem, ou ainda, das suas próprias jaulas mentais que ele mesmo constrói em sonhos de transitoriedade.

Ao fim da encarnação, no país da luz, o trabalho continuará sendo um valor, um meio de progresso, mas os pressupostos que o qualificam são diferentes da realidade que ainda temos no plano material. Uma visão mais alargada de uma vida que prossegue, e que torna esse trabalho, como valor, algo a ser pensado hoje nesse contexto do mais além.

11 No tempo em que eu era menino

A infância, em especial das décadas de 1970/1980, é mitificada. Vista como um tempo idílico, nas palavras de um mundo atual que é fruto de muitas transformações nas décadas seguintes. Foi muito bom esse tempo de *Sessão da tarde*, mas há coisas que devemos nos envergonhar, necessitando ajustes sim. A lei de progresso nos recorda essa necessidade de mudar, em especial sobre algumas coisas que não nos deixam nenhuma saudade.

É fato que o mundo pode não ter evoluído tanto assim nesses quesitos que serão tratados aqui, mas o repúdio dessas práticas, ainda que no discurso, mostra que já foi dado um primeiro passo, de uma longa caminhada. O progresso é uma força inexorável, mas depende de nós como se dá o seu ritmo.

Quando eu era menino o desrespeito se materializava pelas palavras que ofendiam pessoas pela cor da sua pele ou pela sua orientação sexual, nas piadas ou nos xingamentos. A escola era um lugar de ofensas por características pessoais, fazendo do espaço de aprendizado um local de sofrimento.

Quando eu era menino, prendiam-se passarinhos em gaiola. E os matava com atiradeira. Gatos e cães eram maltratados como uma cultura de curiosidade mórbida sobre os animais e as suas reações. Como reis

da natureza, sentíamos-nos no direito de destruir as coisas, de sermos causadores de sofrimento coletivo, patrocinando desde balões de festas juninas até jogar lixo indiscriminadamente em rios ou no mar.

Quando eu era menino, ter deficiências de aprendizagem era ser tachado de burro. Ter problemas psicológicos era ser chamado de maluquinho. Ser deficiente era ser apelidado de aleijado e outras alcunhas. Sair do *normal* era ser rotulado, o que fazia muitas dessas pessoas se esconderem nas suas casas, privando-se do convívio social. Mais sofrimento.

Quando eu era menino, não se usava cinto de segurança, não se respeitavam regras de trânsito, semáforos ou coisas similares. Não havia assentos segregados para deficientes nem prioridades em filas para idosos, e assim vivíamos, contando com a boa vontade de quem tinha alguma consciência coletiva, para dar o lugar no ônibus, entendido como um sinônimo de cavalheirismo o ato de mitigar o sofrimento do próximo.

Encantados por uma ideia de um mundo chato, de um conceito difuso de politicamente correto, minimizamos avanços na fraternidade e na mitigação do sofrimento na vida em sociedade, esquecidos da lição de O Livro dos Espíritos, na sua questão 766, que nos impõe um dever: *Deus fez o homem para viver em sociedade.*

Mas esse viver coletivo precisa ter progressos coletivos que se espelham no indivíduo. Uma felicidade presa no passado de nossa memória pode se mostrar postiça, aprisionada em uma visão individualista, que

não respeita outros indivíduos. Não é por isso que os espíritos trazem o contido na pergunta 777 do mesmo livro, que deixamos de fecho nesse texto, para a reflexão:

777. Tendo o homem, no estado de natureza, menos necessidades, isento se acha das tribulações que para si mesmo cria, quando num estado de maior adiantamento. Diante disso, que se deve pensar da opinião dos que consideram aquele estado como o da mais perfeita felicidade na Terra?

Que queres! é a felicidade do bruto. Há pessoas que não compreendem outra. É ser feliz à maneira dos animais. As crianças também são mais felizes do que os homens feitos.

12 O valor de todos

Permitam-se iniciar este texto árido, porém necessário, com um relato pessoal do mesmo naipe. Afinal, as palavras convencem, mas os exemplos arrastam. Em um dos episódios mais sombrios do período recente, a manifestação de extrema direita *Unite the Right*¹, ocorrida na cidade de Charlottesville, no estado da Virgínia (EUA) em 2017, destacou-se, dentre as inúmeras faixas, símbolos e trajes, um cartaz que vi pela televisão num jornal noturno, e que passou de relance, mas que não pude deixar de ler e guardar na memória, e que ostentava algo no sentido de *morte aos fracos* ou qualquer coisa nesse sentido, em uma tradução livre.

Cartazes de manifestações públicas são expressões de pensamentos reprimidos, catarses, como portas de sanitários escolares ou salas virtuais anônimas. E ali, naquela manifestação de autointitulados supremacistas, mas que continham diversas tribos ideológicas, esse singelo cartaz sintetizava uma visão que, espantosamente, ainda ilustra faixas, falas, posts e atitudes: a de que existem seres humanos que são menos dignos simplesmente pela sua cor de pele, pela

1

https://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesta%C3%A7%C3%A3o_Unite_the_Right

sua renda, pela sua crença, por terem alguma deficiência, pela sua orientação sexual ou, ainda, por terem alguma característica que os enquadre em um grupo minoritário.

Procurei descrever esse cenário abjeto e as manifestações ali contidas de forma comedida, para que as nossas reflexões se façam da melhor maneira, dada a relevância do tema no momento atual da humanidade. A verdade é que esse início de século XXI, tão florescido por ideias de respeito à diversidade das pessoas, de solidariedade entre as pessoas, de iniciativas amplas de inclusão e de redução da desigualdade nos seus diversos aspectos, presenciou também o renascimento, a olhos vistos, da semente vil de *ismos* adormecidos, de visões pautadas no ódio, na opressão, na segregação e no preconceito.

O ideal de uma sociedade plural que se popularizou na esteira da chamada globalização do final do século XX esbarrou rapidamente em uma sociedade de pessoas reféns do medo e do ódio, envoltas em armadilhas de fanatismo e que encontraram seu canto supostamente seguro no cantar das sereias de movimentos totalitários que indicavam como inimigos exatamente aqueles grupos da nossa sociedade que sempre foram marginalizados, ofendidos e humilhados, em uma contraditória visão de que o mal da sociedade estaria naquele que sempre nela sofreu.

Fenômenos políticos e sociais que deságuam no cotidiano da vida de todos nós e que nos levam à reflexão sobre isso tudo à luz da doutrina espírita, que

nos ensina sermos todos espíritos em evolução, criados pelo mesmo Pai e alternando-se na roda das reencarnações. E em termos de grupos sociais na lógica reencarnacionista, não somos, apenas estamos, colhendo e resgatando as vergonhas de outras eras, como foi o período da escravidão, tão intenso na *terra brasilis*, e que até hoje nos deixa marcas profundas.

Destaca-se, então, a ideia tema desse texto. A do valor de todos. Não só romper a invisibilidade de certos grupos marginalizados, mas o combate a um aspecto mais danoso que ressurgiu, de ódio em relação a esses grupos. E atendo-se à natureza desse texto, essa é, inclusive, a essência do pensamento cristão, do amar ao próximo como a si mesmo, ou do pastor que voltava para buscar uma única ovelha. Tudo na vida e na mensagem de Jesus enxerga e valoriza essas pessoas, erroneamente marginalizadas pela sociedade. Só ver o que Jesus respondeu quando perguntaram a ele quem era o tal *próximo*.

Encarnamos neste Planeta em uma família, em um bairro, em uma cidade, em um país, sendo filhos de uma mesma coletividade, com direitos e deveres à proteção de cada irmão que conosco divide essa viagem terrestre. Todos somos uma mesma sociedade e o egoísmo e o ódio são sempre os mesmos, ainda que se apresentem com outras roupagens ideológicas mais rebuscadas. Como espíritas, que levantemos o cartaz *Somos todos irmãos*, até porque fracos somos todos nós, e a opressão acaba por ser uma forma de nos escondermos de nossa própria fraqueza.

13 Onde todos podem trabalhar

Certa geração de jovens espíritas cresceu embalada pelas músicas de Marielza Tiscate. Musicalmente bem elaboradas e de letras de um sentido profundo, muitos estudos espíritas foram ilustrados por palavras dessas canções, e muitas lágrimas de emoção verteram frente a essa obra musical.

Do Rio de Janeiro para o Brasil, certamente o leitor deve conhecer alguma música dessa autora, ainda que, por vezes, não identifique que era dela. Sim, aquela música do *Chamado* é dela. E se lembrar de outra, é bem capaz que seja também.

Mas neste breve artigo, vamos nos deter a uma música em especial, que nem é das mais conhecidas da autora, presente no CD da Série Raízes e que dispõe também de uma bela versão pelo Grupo cearense de arte espírita AME. Estamos falando da música *A paz*.

Na letra dessa música existe uma frase emblemática, referindo-se a paz: *Vem comigo, venha logo, traga o teu olhar... Pra esta empreitada onde todos podem trabalhar*. Um convite que indica que o desafio da paz é uma porta aberta a todos que desejem nela trabalhar.

Sonhamos com uma paz duradoura, idílica, perene, esquecendo que a paz é uma construção cotidiana, que se faz no micro das relações, nos espaços públicos e

também no contexto geopolítico, permeando a família, as relações profissionais, escolares e entre as nações.

O edifício da paz, que ninguém há de destruir, como diz a música de Marielza, precisa ser uma luta das relações domésticas. Um olhar, uma palavra mal colocados, e se instala a guerra na família, nosso espaço de repouso e de fraternidade.

A paz no lar, no almoço de domingo quando visitamos os parentes, precisa ser uma busca. Claro, não pode ser a paz à custa do silêncio que oprime, mas não pode ser fruto da intolerância com as limitações do próximo que busca causar para chamar a atenção.

É possível encontrar o tom da paz na família. Basta o seu esforço, o meu esforço, ainda nas linhas da canção. Mas não é suficiente que haja paz na família, demandando paz também às relações em ambientes coletivos, como a escola e o trabalho.

Vivemos recentemente ataques às escolas por ex-alunos armados, remetendo a experiências vivenciadas tristemente e em maior frequência nos Estados Unidos, onde faz tempo, escolas e ambientes profissionais são objetos de ações violentas movidas pela vingança de ofendidos, demitidos ou mesmo pelos acometidos de problemas íntimos, que sobre essas estruturas derramam seu ódio.

Para essas situações, surgiu no debate público a ideia de que a escola precisa de uma cultura de paz, que se traduz objetivamente em não transformar a escola em um ambiente de medo e de mais violência para combater a violência, e, sim, fomentar a paz pelas

relações saudáveis, que fortaleçam os aspectos humanistas no ambiente escolar.

A paz aqui se faz com medidas concretas, de acolhimento, de diálogo, em que todos se respeitem mutuamente e que as diferenças sejam mediadas. A mesma lógica se aplica às empresas, hoje preocupadas com a saúde mental de seus empregados, esquecendo que as causas residem em um ambiente mais fraterno e menos adoecedor.

De todos os níveis para essa empreitada que todos podem trabalhar, o aspecto geopolítico é o mais complexo. Ninguém ignora que na última década o espírito belicoso entre os países tem estado acentuado, com ameaças e gestos que sinalizam o ânimo de se fazer a guerra, que, por vezes, tem se materializado. Um cenário preocupante.

Aqui também podemos trabalhar, usando nossa voz para propagar que não importam os motivos da guerra, a paz é mais importante, parafraseando Roberto Carlos em sua música mais inspirada no movimento Hippie, que se levantou diante da longa guerra do Vietnã (1955-1975), no século passado.

Os hippies, pacifistas, cidadãos estadunidenses, foram às ruas pela paz e pressionaram seus governantes para abreviar o conflito, o que se deu afinal. Aqueles heróis anônimos souberam construir a paz. Importante identificar nessa empreitada como podemos trabalhar pela paz. E não subestimemos nosso potencial.

A paz espera a nossa alegria de viver, a nossa esperança e a nossa certeza de vencer. Não pensemos

que a interpretação da fala de Jesus de que não vim trazer a paz e, sim, a espada seja um convite para a violência. Falava o Cristo da quebra de paradigmas por trazer ele uma mensagem de amor ao próximo. Espíritas são amantes da paz, e temos nossa responsabilidade nessa empreitada de um mundo no qual a paz se faça presente mais concretamente.

Que tenhamos Paz na terra, e para isso basta aos homens um pouco de boa vontade.

14 Precisamos de um serpentário nas leis morais?

O ciclo zodiacal é composto por doze signos, uma tradição milenar que ganhou espaço na cultura ocidental e que hoje permeia qualquer discussão sobre tendências do futuro e sobre o autoconhecimento, em especial pela prática da construção de mapas astrais, ocupando espaços na televisão e nas redes sociais, com grande popularidade.

Mas a astrologia já foi objeto de uma questão controversa recente. Por se deter a observação do céu, e por ter sua origem na antiguidade, discutiu-se que o céu, como era à época, é diferente do que é hoje. E que na verdade, após muitas discussões, os astrônomos chegaram à conclusão de que o ciclo zodiacal seria composto de treze signos, com o surgimento de um novo, chamado por estes de serpentário (Ophiuchus).

Por óbvio, essa questão da astronomia, ao se encontrar com a astrologia, foi objeto de grande polêmica, que não é o foco da nossa discussão. Ela nos interessa por um viés metafórico. Uma ideia de que assim como o céu muda, na dinâmica do Universo, aos olhos do observador humano, o mundo também se modifica, e coisas que foram pensadas no passado podem hoje ser objeto de ajustes e atualizações.

Aí chegamos ao objeto de análise deste artigo. As doze leis morais trazidas na parte terceira de O livro dos

Espíritos, uma estruturação trazida por Kardec para o trato dos assuntos relevantes para a vida do espírito, de um mundo de 1857, e que hoje, passados mais de 160 anos, ainda pauta as nossas discussões, dado o seu destaque na obra basilar da doutrina espírita.

Essas doze leis, como estão lá em O livro dos Espíritos, atendem a realidade da sociedade moderna? Cabe algum ajuste, acréscimo? Seria necessária uma nova *caixinha*, representando uma nova lei para contemplar o que não foi tratado, inserindo um serpentário na parte das Leis Morais? Não se trata aqui de deturpar ou apequenar a nossa obra basilar, mas, sim, uma discussão de como conduzir o nosso esforço interpretativo dessas verdades à luz do mundo atual, enxergando a sua pertinência, mas, também, lacunas que precisamos suprir, pela reflexão, ancorados nessa base sólida.

Na lei divina ou natural, limites se traçam entre o bem e o mal, sendo pioneira a codificação ao fugir do maniqueísmo de um mal total, em uma tendência que hoje se torna consenso nos debates filosóficos mais elaborados e nas peças cinematográficas. A vida do século XXI se torna mais complexa, e faz-se necessário que essa discussão de cumprir a lei divina seja mais adensada, para que entendamos bem o que é estar no caminho do bem.

Tratando de temas áridos, a lei de adoração se detém sobre as nossas formas de lidar com a espiritualidade, com a nossa percepção da divindade, muito pertinente em um mundo de sepulcros caiados e

a persistência de soluções contemplativas para os problemas reais. A prevalência desses modelos, passado tanto tempo, por si só, já é um motivo de profunda reflexão e debate.

Em uma sociedade de hiperconexão e de exploração desalmada da força de trabalho, os saberes trazidos pela Lei do trabalho ainda se fazem relevantes. Mas carece ainda de uma discussão doutrinária mais profunda, o trato das novas formas de exploração do homem pelo homem em relações com tons escravagistas, e que ainda persistem, aliadas à ganância que destrói lares e a saúde pelo acúmulo do vil metal.

Superpopulação, sexualidade e relações humanas figuram juntas na lei de reprodução, mas essas questões transcendem a visão da perpetuação da espécie, e muito se tem a discutir nesses temas, à luz dos pressupostos da Doutrina Espírita, como fonte de esclarecimento diante de temas tão atuais e que ainda permeiam as bancadas de cientistas e as conversas do senso comum.

Na lei de conservação, os espíritos trazem o tema atualíssimo de “quanto vale uma vida?”, a nossa e a do nosso próximo, o que dialoga em muito com uma sociedade de consumo, na qual a vida se esvai na troca por coisas, muitas delas supérfluas, ao mesmo tempo que para muitos falta o essencial. A discussão da necessidade nunca foi tão premente e a doutrina espírita tem muito a contribuir com essa discussão.

Uma sociedade que tem sido tomada por uma gramática de truculência, na qual avanços nos direitos humanos obtidos no pós-guerra perdem força, precisa

do contido na lei de destruição de O Livro dos Espíritos, em uma visão ampla da defesa da vida, de uma cultura de não violência e de entendimento de que a guerra é um fenômeno a ser banido. Discussões antigas de um problema que ainda se apresenta tão atual.

A lei da sociedade vem preencher o vazio de um tempo de niilismo, de individualidade, de fossos entre os cidadãos, esquecidos da interdependência entre todos nós. A vida social, nos diversos espaços, é uma necessidade trazida pela Doutrina espírita e que ainda figura como lição não aprendida, insulados nos nossos muros e condomínios, atemorizados pelo outro e pela violência, em uma sociedade tecnológica e que ainda padece de problemas seculares.

Ao lermos nas páginas espíritas sobre a marcha inevitável do progresso, temos a ilusão de que este se dará sem o nosso concurso, alimentando a ideia de sermos arrastados para a regeneração e não de que isso é uma construção. Talvez esteja faltando esse resgate da Lei do progresso, de que ela derivará de nós, e não uma imposição externa, messiânica. Essa reflexão nos pouparia de muitas afirmações equivocadas que vemos por aí, nas discussões espíritas.

Um mundo ainda tão desigual, em múltiplos aspectos, e que oscila entre discursos enviesados de meritocracia aliados ao desprezo pelos flagelos sociais, cego para os bolsões de pobreza e tudo que advém da falta do necessário, se debate, ainda, na falta do enfrentamento real da questão da desigualdade, que só fez aumentar desde os tempos de Kardec, ainda que nos

vejamos vaidosos com os avanços conquistados. Revisitar essa lei poderia nos resgatar dessa encruzilhada?

Talvez a liberdade seja a palavra mais polissêmica desse século XXI, cabendo em seus significados tradicionais e nas suas antíteses. Passados mais de 160 anos, a escravidão resiste e se reinventa, de diversas formas, e o fatalismo congelante que se propõe a enfrentar o medo da incerteza, ainda figura em falas distantes da racionalidade necessária, fazendo também da Lei de liberdade um alicerce para muitas discussões atuais.

A dureza da justiça encontra a candura do amor na décima primeira lei, a de justiça, de amor e de caridade, mediando as relações humanas com o sentimento cristão por excelência: o amor. Verdades ainda tão presentes e pouco aprendidas, em uma vida que anda com muito amor nos lábios e pouco no coração. Um amor que veja o outro, seus limites, aliado à ideia de justiça, sendo assim um sentimento sustentável.

Por fim, Kardec trata da perfeição moral, do autoconhecimento, das virtudes e do homem de bem. Em um mundo no qual a hipocrisia, como gramática, ressurgiu de forma visceral, o conhecimento espírita contido nessa lei moral se apresenta como um antídoto para o moralismo farisaico, na construção de um homem de bem real, vivo, e necessário para o mundo que desponta.

Como se vê, as doze leis da parte terceira ainda trazem o alicerce de relevantes discussões, de

problemas que ainda assolam o homem do século XXI, que vê as estrelas, mas não percebe seu próximo. Precisamos de um serpentário, de uma décima terceira lei moral para construir o reino de Deus tão desejado? Talvez não. Esses doze tópicos trazidos pelos espíritos da codificação já se apresentam como um mapa a nos guiar nesse mundo tão nebuloso.

Há ainda muito a discutir, adaptar e combinar as Leis morais de 1857 com o mundo do século XXI. As breves análises indicaram que em algumas destas, muito pouco se avançou, e em algumas, tivemos o chamado voo de galinha, curto e decepcionante. Falta ao espírita redescobrir essas leis, em um sentido amplo, concatenado, para a aplicação dessas discussões nos rumos a serem adotados nesses tempos tão conflituosos. Respostas que estão lá, esperando apenas as nossas interpretações para que elas sejam instrumentos de transformação do mundo.

15 Reencarnação de arrumação

Aderaldo era feitor de escravos nos idos de 1820. Impiedoso, esse negro forro castigava seus irmãos com a dureza do chicote e a crueldade da tortura. Disciplinador, usava e abusava da aproximação do poder, perseguindo seus desafetos e tomando para si as mulheres que desejava. O pequeno poder transbordava desse espírito encarnado, até o momento que a desencarnação o traz de volta à realidade, como fazia com todos nós.

Passado um longo tempo na espiritualidade, aprisionado nos fantasmas de sua mente, tenta uma encarnação na Europa em família judia antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial, mas a encarnação fracassa pela força do medo. Mais preparo, mais aprendizado e busca-se de novo o resgate frente a tudo de destrutivo que a sua trajetória deixou de herança nos outros e na sua consciência.

A magia da reencarnação o conduz a nascer no Brasil, no Rio de Janeiro, nos idos dos anos 50, em família de classe média, vindo a desencarnar como adulto jovem de forma dolorosa pelas mãos da repressão, entrando na lista de desaparecidos, sofrendo as consequências da lei que rege a vida, nas ações e reações, que devem se reverter em mais amor, e não em mais sofrimento.

Passada a provação, os amigos espirituais indicam a Aderaldo que o espera agora uma reencarnação de arrumação. Depois da inflexão de uma encarnação de muitas complicações e de outra encarnação de resgate, é preciso uma passagem que com alguma normalidade, permita a retomada na trajetória espiritual, digamos assim, por vias mais normais.

Nasce, assim, no final da década de 1970, em uma família simples, e tem seu emprego, casa-se e constitui família, e nessa nova jornada reencontra vários personagens que cruzaram sua trajetória agora como parentes próximos. Algozes e vítimas o cercam, na busca de reconstruir relações na rede de atores que se forma. E numa vida considerada normal, com as dificuldades naturais da vida encarnada, vai se arrumando, ajeitando-se para a jornada da evolução.

Essa historinha fictícia, e que dialoga com as discussões da doutrina espírita, ilustra uma ideia de pulsos no processo evolutivo, que não necessariamente segue uma linearidade, e que visa, no aperfeiçoamento do espírito, lidar com situações nas quais nos vemos muito afundados nas nossas próprias imperfeições, e precisamos de uma retomada nesse processo, as vezes mais diretiva, mas que precisa depois de uma retomada com um certo grau de normalidade, digamos assim.

Essa reflexão nos induz a questão de que a lei é de amor, e que somos espíritos, complexos, e que o processo de evolução tem igual complexidade, e que, por vezes, tentamos pasteurizar essas trajetórias,

buscando anjos ou demônios, sem perceber as nuances da beleza que é o progresso espiritual.

16 Reencarnação é oportunidade

Arnaldo era um famoso fisioterapeuta. Com seus exercícios, é fato, alguns deles dolorosos na execução, trazia alívio aos seus pacientes para os problemas da época moderna, em especial, as famosas dores de coluna. As mãos mágicas de Arnaldo eram procuradas por idosos, e este, pacientemente, inclusive fins de semana e feriados, alongava e tratava de seus pacientes que, após o sofrimento para colocar tudo no lugar, se sentiam bem melhor.

Frequentador da reunião mediúnica da casa espírita, Arnaldo, certa vez, teve uma revelação, na qual os mentores da casa lhe disseram que ele tinha sido um exímio torturador, passando pela inquisição, pela escravidão e ainda, pelos regimes ditatoriais, produzindo sofrimento às pessoas para interrogá-las, ou apenas por prazer. Mas se sentiam muito felizes os mentores da casa por verificar que as suas habilidades de lidar com os corpos encarnados haviam encontrado uma forma de auxiliar aos mais necessitados.

Chocado com essa revelação, Arnaldo volta para casa cabisbaixo, de consciência pesada, pensando se depois de tanto mal feito, se ele não deveria ser castigado. Na lotação sacudindo até a sua humilde residência, ele abre aleatoriamente o Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. VII, Item 10: (...) *Ele não*

deixa ao abandono aqueles de seus filhos que se acham perdidos, porquanto sabe que cedo ou tarde os olhos se lhes abrirão. Quer, porém, que isso se dê de moto-próprio, quando, vencidos pelos tormentos da incredulidade, eles venham de si mesmos lançar-se-lhe nos braços e pedir-lhe perdão, quais filhos pródigos.

Entende, então, o nosso estimado Arnaldo que a reencarnação é uma oportunidade de reconstrução, e não um castigo. Que as ideias de pagar, de uma contabilidade divina radical, e outras coisas que ouvimos por aí, são resquícios de um Deus impiedoso, dos exércitos, que se comprazem com sacrifícios, ideia que já foi abandonada pela visão teológica trazida por Jesus faz dois mil anos, reforçada pelo espiritismo, mas que insistimos em trazer, pela dureza de nossos corações.

No espiritismo, aprendemos que a Lei é de amor. O reencarnar é a oportunidade de refazer, uma empreitada de sucesso, e não um projeto fadado ao sofrimento, a feição de um purgatório cristão. A visão espírita não é só libertadora, mas, também, uma abordagem promotora do amor, da fraternidade entre os homens, para que todos se auxiliem mutuamente na tarefa de crescer espiritualmente nesta encarnação, contrariando uma visão determinista da reencarnação, de castas, de isolamento.

Na lógica da reencarnação, aquele mais vil espírito, cruel e desumano, tem as suas múltiplas chances de reconstrução, pelo amor desse Pai retratado pela enigmática parábola do Filho pródigo, até hoje incompreendida, por trazer uma visão transcendente da

justiça, na qual todos podem (e precisam) se regenerar. E que não temos inimigos, apenas irmãos.

Por fim, já que se falou de castas, o texto atual termina relembrando de uma figura histórica, o imperador indiano da Dinastia Máuria chamado de Ashoka (304 a.C. – 232 a.C.), conhecido por sua sede insaciável por guerras, o que lhe deu a alcunha de *O terrível*. Após a invasão de Kalinga, na qual o exército por ele comandado matou cerca de cem mil pessoas, por volta de 260 a.C., e ao ver o resultado de sua destruição, ele se converte ao Budismo e muda toda a sua forma de proceder, fazendo um governo com avanços sociais invejados até hoje.

Na dança das reencarnações, a revolução que se espera é a mudança de atitudes íntimas, uma coisa complexa, e que demanda muito do espírito encarnado. Assim, a reencarnação é uma oportunidade, uma escada de subida, e não um buraco escuro e úmido de sofrimento. Uma visão sintonizada ao conceito de Deus que propagamos, mas que temos grande dificuldade de interiorizar.

17 Soul e a missão libertadora

O final do conturbado ano de 2020 nos presenteou com a estreia no *streaming* de uma pérola da animação. O filme *Soul* (Peter Docter/2020) que, como o filme do mesmo estúdio (Pixar), *Viva, a vida é uma festa* (Adrian Molina, Lee Unkrich/2017), explora questões transcendentais e filosóficas tão caras a nós, espíritas. Sobre esse filme escrevi algumas linhas, que serão melhores aproveitadas na reflexão por quem assistiu a ele. Se não o fez, faça-o agora. É imperdível.

Sem me deter no roteiro do filme especificamente, vou pular diretamente para sua mensagem principal: a de que não existe uma missão na Terra. Não no sentido pragmático, de se ter um objetivo sociotécnico, do tipo *eu encarnei para ser músico*, como se isso fosse um determinismo sem o qual a nossa jornada não se completaria, um argumento que serve de desculpas ou muletas para ações obcecadas, egoísticas, nos chamados sonhos disfarçados de ambição desenfreada que, por vezes, nos hipnotizam e cegam.

Essa ideia do filme, de matriz filosófica existencialista, dialoga com a visão espírita de reencarnação, e com proposições que vemos na prática, de almas gêmeas, ou de missões estritamente determinadas no período pré-encarnação, fazendo da existência um jogo já combinado de deuses, ao estilo do

antigo Olimpo, e não uma construção na qual aproveitamos oportunidades que se descortinam, de acordo com as nossas necessidades evolutivas, e traçamos jornadas, com pessoas da nossa rede, mas com outras também, passando por novos temas e por novas aprendizagens, ressignificando o conceito de evolução.

Nessa visão, a reencarnação perde aquela concepção estrita de cumprir um roteiro rígido e predeterminado, para ser um caminho de experiência evolutiva, na qual o aprendizado e a entrega aos que nos cercam tem um grande sentido, e somos convidados a nos superar, fazendo a lógica da prova se sobrepor a das expiações. Então, a vida deixa de ser vista como um sofrimento pesaroso – em que devemos pagar a nossa desobediência a um poder tirano – para ser uma oportunidade de reinício e de reconstrução, de um pai amoroso que nos oportuniza.

Essa narrativa é bem trabalhada no filme, trazendo uma nova leitura para a pergunta 132, de *O livro dos Espíritos*:

132. Qual o objetivo da encarnação dos Espíritos?

Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal: nisso é que está a expiação. Visa ainda outro fim a encarnação: o de pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da criação. Para executá-la é que, em cada mundo, toma o Espírito um instrumento em harmonia com a matéria

essencial desse mundo, a fim de aí cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. É assim que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta.

Note, estimado leitor, que a ideia de pagar coisas, ou ainda, de colocações determinísticas na vida social, não tem espaço nessa definição trazida pela nossa obra primeira. Seria um reducionismo fazer de nossa existência uma peça teatral de um diretor radical, na qual nos caberia ser, apenas, coisas ao seu gosto. O que se propõe é que a vida se faz maior quando a vivenciamos, e de que forma passamos por essa experiência, e que frutos colhemos na cesta do espírito que levaremos para as outras vidas.

Uma visão libertadora que, para aqueles que sofrem ao lado de pessoas, por entenderem ali estar o seu compromisso, ou pelos que perseguem, obcecados, carreiras de renome, justificando ali a sua tara por conta de questões reencarnacionistas, traz uma visão de que a reparação, parte essencial da evolução, precisa de interações mais profundas, e que não nascemos para ser coisas, mas para vivenciar situações que nos trazem crescimento espiritual. E que se descortinam; algumas planejadas, outras não.

A encarnação é uma nova oportunidade de aprendizado da escola da existência. Um espaço aberto de possibilidades que nos atendam como espírito, construindo opções e caminhos e fazendo a diferença – para os que nos cercam e para nós mesmos. Se a vida tivesse o seu ápice quando chegamos ao sucesso em

algum aspecto profissional, como é discutido no filme, desprezariamos o seu papel experiencial, de viver esse e outros papéis importantes na jornada até lá, mas, também, pelo viver o após e o transversal a isso tudo.

Olhamos pessoas de destaque e pensamos que elas nasceram assim, e esquecemos que aquela condição é a construção de várias existências e que tem o potencial de aprendizado, mas também de derrocada. Justificar apenas pela missão espiritual e diminuir o potencial de uma oportunidade de crescimento no caudaloso rio da vida, que consoante ao dito por Jesus, é regido por um Pai que faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e faz chover sobre justos e injustos.

18 Um instrumento seu a melhorar

Allan Filho é um grande cantor e compositor do cancionero espírita, representante dileto de uma certa geração que marcou posição nesse sentido no Estado do Rio de Janeiro e, por que não, no Brasil. Nela transitaram Marielza Tiscates, Ariovaldo Filho, Espelho da Alma e tantos outros que vou injustamente esquecer aqui, e que contribuíram muito com essa forma de expressão no nosso segmento, com atenção especial ao público jovem.

Dentre as suas composições, muito popularizada é aquela chamada *Na porta de Damasco*, parceria com os amigos Carlos Alexandre (*In Memoriam*) e Sérgio Paulo, e refiro-me, assim, com aproximação, pois tive a oportunidade de conhecer todos os três pessoalmente. Figurinha fácil em eventos espíritas, a música retrata com singela poesia as reflexões de Paulo de Tarso na entrada da cidade de Damasco, entremeada com as reflexões do homem moderno, tão cheio de conhecimento e, ao mesmo tempo, repleto de dúvidas.

Vamos, então, de forma inusitada, para um artigo fazer uma leitura comentada dessa letra, permeando o título desse texto, que é ideia do autoconhecimento frente aos desafios que a espiritualidade espera de nós em cada encarnação:

Senhor, em Seu nome...
Senhor, em Seu nome...
Eu falava às pessoas, jogava as sementes,
Plantava e colhia paz, mas sentia falta de algo mais.
Eu fazia quase tudo e hoje tudo é quase nada...
Frente à obra e seu Criador, sinto não sabemos dar valor.
Faltava me mudar...

Nesse trecho, representando ser Paulo de Tarso, um fiel representante do poder terreno daquela época, mas, também, qualquer um que vive a sua espiritualidade, com foco no aspecto formal, nos ritos e nas palavras, nos aspectos exteriores, o eu lírico reflete sobre a relevância daquilo tudo que ele faz para o seu processo de melhora interior.

Sente que fazia muitas coisas, fazia o que lhe era exigido, seus deveres, mas faltava um algo a mais. Todos nós vivemos essa crise de fé, na qual sopesamos a vivência da nossa espiritualidade e os propósitos daquilo tudo, da nossa existência. Esse é um movimento natural e nós, espíritas, precisamos e devemos conviver com a dúvida e a reflexão em relação à nossa fé, questionando a nossa prática e ainda, como ela se reflete dentro de nós:

E tentar me encontrar, e tentar me conhecer, Senhor.
Ser mais um em Seu rebanho a caminhar.
Não me cabe só falar, também cabe agir e me tornar
Um instrumento Seu a melhorar.

No refrão da música, surge a ideia central, de que tudo isso que fazemos na vivência de nossa espiritualidade é um instrumento para nos tornarmos melhores. Que as palavras, se não encontrarem eco no nosso agir, serão vazias, ausentes de significados. Que a verdadeira espiritualidade é uma viagem de dentro para fora e de fora para dentro, fazendo sentido tanto no mundo real, como no nosso mundo interior.

E assim nos encontramos, como Paulo, à porta de Damasco, que bradou o seu *Senhor, o que queres que eu faça*, dúvida comum a todos nós, na eterna busca de um sentido para a existência, e que tentamos sanar na espiritualidade. A música mostra que o caminho é seguir o senhor, mas sendo um instrumento seu no mundo, a melhorar:

Senhor, em Seu nome... Senhor, em Seu nome...
Eu fazia muitos planos, mas os anos seguem em frente
E nos fazem ver quem somos... cometemos mil enganos...
Eu queria ser o leme, mas agia como âncora,
Retardando o meu caminho, sou o meu próprio espinho.
Faltava me mudar...

Aprofundando mais a reflexão à porta de Damasco, ou à porta da sua crise de fé, o eu lírico se vê defrontado com a consciência da sua própria imperfeição, com a decepção do seu ser real frente ao idealizado, na frustração dos planos não atingidos. Nos enganos e nos erros que ao invés de o guiarem nesse aprimoramento,

serviram de âncora e espinho, como instrumento de estagnação e de sofrimento.

Entende ele que precisa mudar, converter esses erros do passado em um combustível para, de volta ao refrão, se encontrar e se conhecer melhor, para atingir a transcendência proposta de ser um instrumento do senhor em contínuo aperfeiçoamento na interação com o próximo e consigo mesmo, superando o conflito e a dúvida, adquirindo assim um novo sentido para a sua vida, como fez Paulo na passagem evangélica.

Tantas reflexões numa música tão singela, e, ao mesmo tempo, tão bela. O mundo moderno, com seu ritmo, cobra do indivíduo ações, posturas, ritos e ele entra num ritmo frenético que o conduz, por fim, a uma crise. Essa música nos traz uma excelente reflexão para esses momentos, nos lembrando de harmonizar nosso interior como o nosso exterior, em um equilíbrio dinâmico no qual ambos são relevantes.

19 Uma qualquer

No desfile da escola de samba Mangueira em 2024, em homenagem à cantora Alcione, que completou cinquenta anos de carreira, na abertura do desfile na Sapucaí, a *Marrom* deu um show particular e bradou firmemente: *Muito prazer, galera. Sou Alcione. A negra voz do amanhã. E não sou uma qualquer!*

A fala rapidamente viralizou, principalmente pela sinceridade da cantora, que sendo uma mulher negra e nordestina, chegou aonde chegou, mostrando nessa trajetória a sua força interior, não sendo uma qualquer realmente. Mas para além dessa notícia no carnaval carioca, esse é um caso interessante e que merece uma reflexão sobre o ser ou não ser um qualquer.

Seremos especiais, ou seremos mais um? Há problema em ser um qualquer? Ou em que ótica importa sermos mais especiais ou não? Indagações em uma sociedade competitiva e hierarquizada, na qual pululam mecanismos de aferição de popularidade, estruturas para que se revelem pessoas mais hábeis ou não em algo, e todos buscam seus minutos de fama e alguns se impõem como medalhões nas diversas áreas do saber, da arte, da cultura e dos negócios.

A verdade é que essa luta frenética por não ser um qualquer, e para que possamos no fim da trajetória mostrar a todos que chegamos lá, que superamos as

promessas de catástrofe anunciada, nos pressiona muito. Isso Nos faz uma sociedade fatigada e permeada por essa competitividade causticante, em especial pelo fenômeno das redes sociais.

Certamente o sucesso, a vitória, a realização são valores interessantes e que motivam o ser humano a ser mais e melhor, mas ao mesmo tempo toda essa coisa é por vezes carregada de doses cavalares de egoísmo, de recalque e ainda, de uma ambição insana e desmedida que nos leva à cegueira e à ilusão.

Sim, em alguma medida somos todos especiais, e trazemos sementes potenciais das lutas reencarnatórias até aquele momento e que podem despertar. Somos especiais como pais para nossos filhos, somos especiais alguns pela voz que encanta multidões, mas, também, pelo gesto humilde e silencioso que ajuda o próximo. Importante saber que somos especiais sempre para alguém.

E para esse alguém fazemos diferença. Assim como as pessoas especiais de grande destaque na sociedade inspiram e impulsionam muitos, e tem responsabilidade em alguma medida pela forma com que esse carisma é utilizado. Não ser um qualquer em um sentido terreno é uma meta de muitos, mas para aqueles que chegam lá, por vezes, é um fardo pesado de se carregar.

Ao reencarnarmos, como um propósito, ali já deixamos de ser um qualquer, e passamos a ser um ser específico. Mas a forma como nos conduzimos nessa luta, como enfrentamos os desafios, revelarão o que de

especial que existe em nós, suplantando as circunstâncias e fazendo a diferença.

Espíritos evoluídos, que pela sua trajetória são seres especiais, se reencarnados em condições ditas normais, logo se fazem notar pela grandeza de suas atitudes. Não somos um qualquer, e nos fazemos especiais pelas nossas escolhas e trajetórias, e essa é a beleza da reencarnação.

A velha história do homem que devolve estrelas-do-mar e ao ser indagado, indica que para aquela ali que ele salvou, ele fez diferença, mostra-nos que ser especial é uma relação inter partes, cotidiana, e que alguns, pelos seus compromissos e potencialidades, tornam esse brilho mais radial. Mas é só luz que espalhamos de nossos lábios e de nossos olhos.

A instalação em órbita da Terra em 2021 do Telescópio *James Webb Space Telescope* revolucionou nosso conhecimento sobre o Universo, ressignificando o impactante lançamento do telescópio Hubble em 1990.

Mais do que fotos bonitas a embalar a nossa *timeline*, as descobertas do *James Webb Space Telescope* mexeram com a nossa ideia de tamanho e data de criação do Universo, bem como outras questões que abalam teorias e certezas, o que é natural no mundo da ciência.

Ser espírita é ser vinculado a uma doutrina que dialoga com essas descobertas e entende que tudo fica fazendo sentido, na grandeza de um Universo no qual a doutrina indica que não estamos sós e que estamos distantes de sermos os mais importantes ou a obra final da criação.

Essa visão da doutrina espírita de pluralidade dos mundos habitados e que dialoga com a grandeza do Universo é pouco explorada nas produções espíritas, e sobre ela assentam verdades inconvenientes sobre a raça humana e seus *profetas*, sobre resquícios antropocêntricos ou de crenças ainda recentes da Terra ser o centro do Universo. Risível, mas anda por aí nas bocas e ideias similares ainda.

Os cálculos recentes estimam que nas mais de 100 milhões de galáxias já identificadas haveria mais de 100 milhões de estrelas em cada uma delas, o que pode ser traduzido, segundo alguns astrônomos, em uma ordem de grandeza de cerca de dez vezes o número estimado de grãos de areia na Terra.

Uma realidade que assusta, por mostrar a nossa pequenez, mas ao mesmo tempo nos reconforta por vivenciarmos uma doutrina que passados mais de 150 anos, ainda dialoga com essas realidades, como bem tratado em O Livro dos Espíritos, no Evangelho Segundo o Espiritismo e na Gênese.

Mas, apesar dessa realidade nítida e que não é de agora, nos prendemos, e isso se aplica a muitos espíritas, em visões limitadas, segregacionistas, presos a ilusões que desprezam o nosso papel no Universo.

Buscando deuses encarnados e uma supremacia humana irreal, ainda nos vemos, por vezes, pouco distantes dos religiosos que quiseram queimar Galileu Galilei pelas suas descobertas científicas, temerosos de como isso abalaria as nossas verdades, presas de forma descontextualizada a histórias de um mundo na palestina de mais de dois mil anos, temerosos de olharmos para o futuro a ser construído.

A doutrina espírita nos convida a olhar para as estrelas, mas, também, para viver a realidade terrena, do próximo mais próximo. Ela articula a magnitude do universo com a importância de um abraço, do presente e do passageiro, da importância da hora atual e a grandeza da eternidade.

Olhar para o alto, para as estrelas, é captar o nosso pertencimento neste Universo vasto e grandioso. A doutrina espírita, surgida nesse espírito de compreender o mundo sem medo, é uma boa luneta para olharmos as constelações, os corpos celestes, para entender o que nos cabe neste singelo planetinha azul.

21 As quatro realidades

Nos idos do século XXI, pode-se dizer que quatro realidades convivem com o indivíduo: a mental, a espiritual, a real e a virtual. E convivemos com essas realidades, gerando percepções, mas, também, interseções entre elas, o que pode gerar muita confusão e aprisionamento entre os indivíduos, mas, ainda, oportunidades de libertação.

O mundo mental é o campo da imaginação, dos pensamentos íntimos, das reflexões que se projetam no campo onírico. O espiritual é a dimensão da vida verdadeira, que acessamos pela mediunidade, como faculdade que abre a porta entre dois mundos. O real é o mundo concreto, que sensibiliza os sentidos, e por fim, o virtual é a realidade produzida no ambiente da internet, dos jogos e o conjunto de tecnologias que simulam a realidade e permitem a interação entre indivíduos.

O aprisionamento no mundo mental se vê nas diversas patologias, que dialogam com questões também de interação com o mundo espiritual. O mundo espiritual nos aprisiona quando nos descolamos da realidade, vivendo somente focados no lado de lá. O mundo real nos aprisiona no materialismo imediatista, e o virtual pode servir de fuga dos problemas da vida real.

Todos esses mundos podem servir de fuga do mundo real, e o mundo real pode também se tornar totalizante em relação às outras realidades. O mundo virtual nos aproxima no real, o mundo espiritual ressignifica o mundo mental, e o mundo mental é onde mora o sonho, o futuro que se materializa no mundo real e espiritual.

O mundo espiritual é uma continuação do mundo material, e que dialoga com o mundo mental. O mundo mental pode se relacionar de forma tão íntima com o mundo virtual, de forma que afasta o indivíduo do mundo real. O mundo virtual pode afetar de tal forma a sintonia no mundo mental, que isso afeta as interações no mundo espiritual.

Libertamo-nos no mundo material quando nele sabemos construir o bem para outras realidades. No mundo mental podemos desejar o bem ao semelhante, o que pode virar realidade no mundo real com o apoio do mundo espiritual. O mundo virtual pode mobilizar corações em mentes para a construção do bem no mundo real.

Interessante esse jogo de palavras, que ilustra essas quatro realidades que permeiam a nossa vida no século XXI. Importante entender como essas dialogam e nos aprisionam e libertam. A vida se faz nas realidades, as realidades fazem a vida e viram histórias, que se convertem em avanços na única realidade que importa, mas que não é independente das outras: a espiritual.

22 Merecia ser estudado

Impressionou todos a qualidade da cinebiografia *Predestinado - Arigó e o Espírito de Dr. Fritz*, exibida nos cinemas em 2022, com a direção de Gustavo Fernández, e que narra a história de José Pedro de Freitas, médium da cidade de Congonhas do Campo, e que se notabilizou pelas curas espirituais, no período compreendido entre as décadas de 1950 e o início da década de 1970. Uma figura emblemática das questões espirituais no Brasil do século XX, e que merece esse resgate, passados cerca de 50 anos de seu desencarne.

Já alertando ao leitor que esse artigo tem *spoilers...* filme intertextual, que trata nas entrelinhas de temas como a tortura e o lobby da indústria farmacêutica, além das relações de categorias profissionais e da igreja católica com um fenômeno (as curas espirituais) que transcende os limites de uma pequena cidade do interior, a película tem um tema subjacente que se repete em várias cenas, e que será objeto de debate nesse artigo: a nossa postura em relação às curas espirituais.

Arigó, no Brasil, foi preso, perseguido, hostilizado e acusado de ser charlatão, curandeiro e farsante. Mas, ao mesmo tempo, foi objeto de estudo por parte de pesquisadores estadunidenses ligados à NASA (*National Aeronautics and Space Administration*), uma dicotomia

na postura que foi bem explorada em várias cenas do filme e que permanece atual, passados mais de meio século dos eventos narrados, em uma época que buscamos, de forma reducionista, simplificar tudo.

A prática mediúnica é diversa em suas manifestações. Kardec nas obras *O Livro dos Médiuns* e *A Gênese*, bem como nas linhas da *Revista Espírita*, aborda essa tipologia muito bem explorada também na obra *A diversidade dos carismas*, de Hermínio Miranda. Um conjunto de manifestações que ensejou nesses autores consagrados o desejo do estudo, do entendimento, e não a categorização como algo prescrito ou proscrito.

O fenômeno das curas espirituais, que arrebatou multidões, que somente pela entidade Dr. Fritz já gerou outros dois médiuns renomados realizando atendimentos, pulula também em outros conhecidos medianeiros em suas organizações espiritualistas, e no singelo e discreto atendimento das casas espíritas. Um evento concreto e real, e que carece de nós, espíritas, mais do que a fé ou a aprovação, e, sim, o adensamento do estudo dessas questões, em suas diversas dimensões, discutindo-as à luz dos nossos pressupostos.

Mas o que se vê é o contrário. Pouca literatura atualizada sobre o tema, poucos artigos e um *torcer o nariz* na linha do aprovo ou desaprovo, como se coubesse ao espiritismo classificar os fenômenos como alinhados ou não a ele, emitindo bulas papais. Não, assim não agiu Allan Kardec, nem aqueles pesquisadores de outros países que se aproximaram de Arigó.

Essa é a grande mensagem do filme. Fenômenos como esse de Arigó mereciam ser estudados, e como demonstra o que foi exibido, tanto o médium quanto o espírito não fecharam as portas aos que chegavam imbuídos de um sério sentimento de pesquisa e produção de conhecimento. Ele atacava, sim, os detratores com interesses outros, dentro das lutas políticas e econômicas.

Fica o alerta do filme para nós, espíritas, mas, também, para a academia e para aqueles que se dedicam à mediunidade de cura. De que é preciso mais estudo e produção de conhecimento sobre esses temas, que podem elucidar novos caminhos para a discussão de saúde e espiritualidade. Podem, inclusive, ajudar aos médiuns a entender melhor o que acontece com eles, e o estudo sério protege a todos nós de embusteiros e aproveitadores.

Saudamos, por fim, tantas universidades no Brasil que, diante desses fenômenos, criam grupos de pesquisa para estudo das situações enquadradas como espiritualismo, e que têm reflexões na discussão da medicina, da psicologia, da antropologia, da sociologia e de tantas outras áreas. Muita coisa tem se produzido, mas com aparição tímida na imprensa espírita. Em uma breve navegação pela internet, em especial nos eventos promovidos pela Associação Médico Espírita do Brasil (AME-Brasil), já é possível se ter uma ideia do que tem rolado por aí.

Nós, espíritas, filhos da fé raciocinada, que nos sustenta em uma dimensão mais ampla, precisamos

refletir sobre a nossa postura em relação a esses eventos, orbitando entre a fé cega e fanatizada contraposta à rotulação sobre ser ou não espiritismo. Precisamos sair de uma interpretação do mundo pelas nossas narrativas para entender o que esse mundo nos diz e de que forma dialoga com os nossos pressupostos. Assim fez Kardec... colocando o espiritismo sempre em sintonia com seu tempo histórico.

23 Metaforizando a educação mediúnica

Dra. Marta trabalha em um Hospital Universitário. Ele existe para oferecer aos alunos da área de saúde, principalmente de medicina e enfermagem, campo de prática para as suas atividades curriculares, acompanhados por professores, preceptores e por outros profissionais, em um ambiente hospitalar que guarda algumas especificidades para facilitar o ensino. Mas, ainda assim, é um hospital.

No Hospital Universitário, precisa-se realizar por ano um elenco de procedimentos, para que os alunos acompanhem e vejam como é. Interessa não só a quantidade, mas a diversidade. E, sim, sobremaneira, importa a qualidade. Uma cirurgia demora mais, pois tem que explicar, o aluno pergunta, o residente participa. É assistência, mas com a peculiaridade do ensino, e tudo que isso envolve, inclusive custos.

Assim é a formação do profissional de saúde desde a sua gênese, com uma forte carga prática e de acompanhamento de profissionais mais experientes, vendo fazer e fazendo sozinho de forma supervisionada. O paciente que está ali não é uma cobaia. Pelo contrário. Ele é atendido por uma equipe de muitos profissionais, experientes e de forma supervisionada, e aquele atendimento serve para o ensino e para a pesquisa, de forma que casos mais complexos sempre atraem os

hospitais universitários e os olhos sequiosos de seus alunos e professores.

Essa lógica pode ser perfeitamente aplicada a uma atividade comum a praticamente todas as casas espíritas. A reunião de estudo e educação da mediunidade termina por ser um campo de prática dos médiuns, dado que apenas o estudo teórico, sozinho ou em grupo, é insuficiente para o aprendizado necessário para o exercício mediúnico da maneira desejada. Faz-se necessário uma prática supervisionada e refletida.

Nesse sentido, assim como o hospital universitário tem preceptores que supervisionam a atividade dos alunos, os coordenadores da reunião de estudo e educação da mediunidade acompanham a prática dos médiuns dando-lhes a autonomia do fazer sozinho, mas observando e trazendo os comentários para o rico momento posterior de debates, talvez a hora mais importante.

Da mesma forma, os irmãos sofredores que são atendidos, não são objeto de um atendimento fictício ou menos importante, como no exemplo da metáfora utilizada. É um atendimento mediúnico como outro qualquer, com a diferença de que o foco se desloca um pouco do espírito atendido, sendo dividido também com o processo de aprendizagem do médium.

Assim como no Hospital, médiuns e esclarecedores precisam também ver e vivenciar situações, inclusive as emergenciais e mais complexas, para que saibam como lidar. Não adianta proteger o aluno-médium da realidade, em uma redoma. Faz-se necessário

supervisioná-lo e orientá-lo, intervindo para a correção e o aprendizado no momento certo.

Uma boa educação mediúnica não é uma questão de eficiência, mas, sim, de tranquilidade e de segurança do médium. Assim como o profissional de saúde, que lida com a vida humana, o médium lida com consciências, inclusive a dele, e precisa de um espaço de confiança, no qual ele possa falar o que sente, suas dúvidas e seus anseios.

Existe uma tendência de converter a educação mediúnica em um receituário de regras, focado na disciplina. Não pode isso, não pode aquilo, tentando formatar aquele médium, como se a mediunidade fosse algo possível de ser encapsulado e tudo pudesse ser previsto e antecipado. Assim como na atividade de saúde, se quer preparar o indivíduo com autonomia e maturidade para enfrentar as diversas situações que ele vai ter à frente, e isso demanda estudo, prática, mas, também, muita conversa e reflexão.

A reunião de estudo e educação da mediunidade é essencial para as casas espíritas. É muitas vezes a porta de entrada dos trabalhadores da área mediúnica, que precisam ser recebidos, com as suas questões do afloramento da mediunidade. Ali é o alicerce, assim como o hospital universitário figura na base da formação do bom profissional de saúde. Uma metáfora que tem muito a contribuir com a nossa compreensão dos limites e possibilidades da educação mediúnica.

24 Morrer no Japão deve ser ruim

O nosso modelo de reunião mediúnica praticado no movimento espírita brasileiro, inclua-se aí a chamada educação da mediunidade e a desobsessão, longe de ser padronizado, é fruto de uma construção ao longo de décadas, com influência de outras denominações e de autores, dado que Allan Kardec nas obras da Doutrina espírita não foi diretivo na construção desse modelo, ainda que tenha trazido uma visão dialogal das atividades mediúnicas.

O modelo predominante, separadas as atividades de cura e tratamento, é algo no sentido de atender espíritos sofrendores e que, em muitos casos, influenciam negativamente encarnados, e dessa matriz básica deriva um conjunto de atividades com médiuns psicofônicos e chamados doutrinadores que atuam junto a esses espíritos comunicantes.

Dessa construção, o aspecto dialogal vai dando espaço a uma visão de que aquele trabalho é extremamente necessário, de forma que, numa visão fabril, quanto mais espíritos são atendidos por sessão, melhor, em práticas de múltiplas manifestações simultâneas e atendimentos quase instantâneos, nos quais se deseja encaminhar logo o espírito para tratamento pela espiritualidade superior, pela ideia difundida do choque anímico.

Chegamos à provocação que traz o presente artigo. A de que morrer no Japão deve ser ruim. Sim, pois no Japão temos meia dúzia literalmente de grupos espíritas conduzidos em sua maioria por brasileiros, e a população daquele país, ao desencarnar, não é beneficiária desse atendimento propiciado por essas reuniões, sendo a elas negado esse rito considerado como essencial.

Aliás, pela exígua quantidade de espíritas no Brasil, uma minoria, desencarnar no Brasil, ou no Brasil Império, ou na Idade Média, também deveria garantir uma dose extra de sofrimento, e essa visão de universalidade espaço-temporal, uma marca da doutrina espírita, se vê, por vezes, esquecida nesse debate.

Longe de diminuir a relevância das atividades mediúnicas na casa espírita, ou de apregoar como muitos um *espiritismo sem espíritos*, o que seria contrassenso, o que se traz para a reflexão é o superdimensionamento do nosso papel nessas reuniões, vendo-se como uma cruzada salvadora de espíritos sofredores, e, por vezes, contra hordas de obsessores, voltados para combater o espiritismo, em uma ilusão de guerra espiritual que resgata uma visão de Deus incompatível com a Doutrina Espírita.

As reuniões mediúnicas, mesmo que voltadas para o atendimento aos espíritos sofredores, são de forma precípua, fonte de aprendizado, consoante com a visão de Kardec, e pelo diálogo esclarecedor e pela palavra fraterna, permeada pelos conhecimentos da doutrina espírita, colaboramos com mais um irmão, e

aprendemos como grupo, diante do testemunho experiencial de alguém que não é tão distante de nós.

Como a história motivacional da estrela do mar retornada ao mar na praia, onde para aquele irmão fez a diferença, e se fez pela qualidade dessa interação, no ouvir e no falar, o que fez, com o tempo, substituir-se o nome doutrinador pela denominação esclarecedor ou dialogador, como aquele que busca não um duelo de inteligências ou despejo de conceitos doutrinários pasteurizados, mas, sim, a construção de uma conversa amorosa e profunda naquele que chega.

As influências de outras denominações, visões distorcidas que aproximam a ação mediúnica de exorcismos, e que desconsideram que ali temos irmãos em espírito, na boa letra da doutrina espírita, fazem dessas práticas autoritárias e ostentadoras de um manto de exclusivismo que não dialoga com a visão universalista, de que se fosse algo tão essencial para a evolução dos espíritos, certamente, pela misericórdia divina, seria mais pluralizado e comum, e não algo segmentado.

Daí outras falácias surgem, como o aspecto quantitativo do atendimento, em detrimento dessa visão qualitativa, incorporando-se técnicas e artifícios que têm uma essência distante da Doutrina, que valoriza o pensamento a despeito de práticas exteriores e rituais, como apresentado em O Livro dos Espíritos, e mais preocupado com o rito do que com o diálogo, seguem as reuniões por aí.

Por ser uma construção, e, por vezes, negada ou tratada como algo sagrado, a prática mediúnica no movimento espírita tem sofrido a ausência de obras e artigos que a discutam com mais profundidade, enquanto pululam um conjunto de obras de fidelidade doutrinária duvidosa e que tratam modernamente desse assunto, sendo um tema ao mesmo tempo oculto na centralidade e central à margem.

Houve uma delegação mediúnica para médiuns credenciados por um certo senso comum e que a partir dali se convencionou que aquela prática desses era o modelo e se bastava para as nossas questões de intercâmbio, enquanto movimentos paralelos surgiam e iam influenciando as ações dos grupos espíritas, diante da carência de discussões mais aprofundadas sobre o tema.

Quantas casas espíritas conhecemos que tem palestras ou grupos espíritas sobre O Livro dos Médiuns? Qual o percentual de artigos na imprensa espírita que tratam da questão da prática mediúnica com bases sólidas? Quantos livros recentes de autores e editoras reconhecidas tratam dessa questão na ótica kardequiana? Um apagão de décadas desse tema e que abriu espaço para a incorporação de práticas que não dialogam com a essência do pensamento da Doutrina Espírita.

E nesse vácuo se perde o aspecto dialogal da reunião, assumindo esse papel de braço encarnado indispensável de um trabalho espiritual salvador, inserido em visões persecutórias da relação com os

espíritos, muito próximas de uma desresponsabilização de nossos atos frente à influência de atividades demoníacas, e que o socorro dessas entidades tem um caráter quantitativo, e quem desencarnou no Japão, infelizmente, sofrerá à míngua na espiritualidade.

É preciso resgatar Kardec também na prática mediúnica. Mas para isso é preciso resgatá-lo na visão de mundo dos espíritas, dos que o entendem como ultrapassado, em uma visão etapista, de um novo que se sobrepõe a um velho e não de princípios que permeiam o cotidiano que vai se construindo, e isso se aplica à mediunidade na casa espírita, que abre mão de um livro completo como O Livro dos Médiuns para uma visão apostilada ou de conhecimentos duvidosos, por não terem harmonia com a construção da doutrina espírita, e a sua visão do ser, do destino e da dor.

Para uma prática mediúnica segura, alinhada com os ideais espíritas, é preciso estar alicerçado nessas obras. É verdade, era um outro tempo, um outro continente, o que reforça a necessidade de se construir conhecimento atual lastreado nessas bases e não se incorporar visões e práticas dissonantes com esses princípios, enxergando os espíritos sofredores e o plano espiritual de forma adequada, sem infernos ou demônios.

E não adianta negar a questão mediúnica, como algo que nos diferencia das religiões hegemônicas e que, por vezes, é escondido em um potinho, pelo medo de não sermos aceitos em espaços plurais. A mediunidade está aí, como base e vivência do espiritismo, e precisa

ser praticada, sem tabus, mas com coerência, para evitar a repetição de erros que arrastamos durante décadas nesse sentido.

25 O aparelho

Nicholas havia comprado um som novinho, modelo *Trend sound machine*. Um espetáculo, som límpido, toca mp3, fita k7 e até os velhos bolachões que ele ainda tinha em casa, das coleções de seu pai. Nicholas, todo orgulhoso, ouvia em alto volume diariamente o seu novo mimo. E a casa, de tabela, se embalava naquele som escolhido por Nicholas, e seus gostos pessoais.

Mas essa paixão não parou por aí. No clube, na Universidade, nas festinhas ou na casa da namorada, lá estava Nicholas e o seu som inseparável. Era a alegria da rapaziada. Todos se juntavam para curtir um sonzinho naquela máquina musical, como se fosse uma fogueira de outrora, e o som de Nicholas era requisitado para todos os eventos.

As pessoas, aos poucos, ficaram dependentes daquela traquitana. Iam à porta de Nicholas pedi-lo em empréstimo, e se ele chegava a um lugar desacompanhado (sem o som), mandavam ele de volta para buscar o aparelho. Não existia mais o Nicholas sem o seu sonzaço. Perdera a identidade o nosso protagonista para aquele aparelho tecnológico.

Essa singela historieta ilustra um pouco a nossa relação e do nosso entorno com a chamada mediunidade ostensiva. Tratada como um grande barato, uma novidade, esta se sobrepõe à nossa identidade, para que

o médium seja visto como um aparelho mediúnico apenas, e a sua identidade, sua dimensão humana, de falhas e necessidades, seja esquecida, diante de seu novo papel, prisioneiro das demandas de outros, como as pitonisas de outrora.

Essa reflexão nos faz pensar que a mediunidade, como faculdade, precisa de uma percepção mais aprofundada, que fuja da visão circense de pedir mais um fenômeno para alegrar o pessoal, ou ainda, da devoção santificadora, que vê no médium um emissário divino para atender os nossos caprichos. Faz-se necessário que essa faculdade seja vista como algo natural, e que traz responsabilidades aquele que a possui, mas também aos que com ela convivem.

O processo de tratar o médium como se fosse um medalhão nos remete a paradigmas antigos, estranhos à visão espírita, nos quais buscamos gurus ou mestres que nos substituam nos difíceis processos da encarnação. Claro, os espíritos nos orientam sempre que possível, e não precisam de um *Trend sound machine*, podendo fazê-lo pelo sonho, pela intuição ou de forma mais sutil. Pelo contrário, essa pressão por desempenho termina por ser uma porta para a obsessão e para o animismo, na busca do médium, envolto em grande expectativa, de agradar o seu seletor público.

Certa vez conheci uma pessoa católica que conhecia do ambiente de trabalho um desses médiuns medalhões que temos por aí, e foi muito interessante ouvir dela um relato da pessoa X (o médium), como um excelente colega de trabalho, dado que para ela não fazia sentido

aquela aura mágica que a mediunidade lhe conferia entre os espíritos. Talvez nos falte olhar essas pessoas como pessoas normais que elas são, e não como aparelhos de última geração.

Se você é médium ostensivo, ou convive com um, busque normalizar as suas relações com este que já tem suas dificuldades naturais dessa percepção expandida, olhando para o Nicholas que é dono do som primeiramente, para que o seu convívio não se torne um fardo para todos os envolvidos nessa relação. Como diziam sabiamente os espíritos, médium somos todos nós. Como em todas as potencialidades, temos os que se destacam, mas todo esse poder também traz fardos provacionais. E não seremos nós a complicar mais ainda isso.

26 Os caça-fantasmas

Programa televisivo de sucesso no ano de 2024, *Que história é essa, Porchat?*, recebe convidados da população em geral e personalidades do entretenimento, para ali narrar histórias que marcaram as suas vidas, tudo com muito humor cotidiano, enlaçado pela hábil condução do apresentador Fábio Porchat.

No episódio que foi ao ar em abril de 2024, o ator Murilo Benício narra que comprou um imóvel da atriz Adriana Esteves, e que ao habitar o imóvel, percebe uma constante presença espiritual, que se manifesta de diversas formas ostensivamente, e que o ator apelidou carinhosamente de Hugo, estabelecendo ali uma relação.

Visivelmente, causa espanto ao público essa relação do ator com a entidade, tentando estabelecer uma convivência harmoniosa, o que termina por não ocorrer ao final, vindo a se dar com o morador seguinte da casa, que a aluga de Murilo Benício, sem saber da existência do espírito.

A nós, espíritas, que sabemos desde cedo que as nossas casas são repletas de espíritos, que vão de habitantes originais a espíritos familiares, não causa espanto, ou pelo menos não deveria, o relato trazido no

programa. Como disse Kardec sabiamente, os espíritos não são outra coisa que não a alma dos homens que desencarnaram, apenas em outra conjuntura.

Mas, por vezes, mesmo nós, espíritas, agimos de forma diversa. À feição dos caça-fantasmas do filme estadunidense de 1984, comparamos espíritos a pragas que devem ser erradicadas de nossas casas, como sugere a própria estética dos uniformes e publicidade dos protagonistas no referido filme. Cremos ser necessário dedetizar nossas casas dessas entidades.

O próprio espiritismo nos indica que isso não é possível e que esses espíritos estão lá, naquele ambiente, por sintonia com as pessoas daquela residência, muitas vezes por conta de questões de vidas passadas, e que são tão filhos de Deus como nós, necessitando de nossa ajuda pela prece.

Mas insistimos nessa visão de casa mal-assombrada impregnada em nós pelos filmes e desenhos animados, ainda que contrarie tudo o que diz a essência da doutrina.

Destaca-se a naturalidade com que o ator Murilo Benício, na narrativa, constrói a sua relação com a entidade, o que causa no público surpresa. Tratou como um semelhante, apenas em outra condição. Não teve medo ou buscou soluções mágicas de exorcismo ou de expulsão com canhões de prótons, na alegoria do filme dos caça-fantasmas.

Infelizmente, esse paradigma de *em caso de perigo, chame os caça-fantasmas* se transporta para as reuniões mediúnicas, nas quais conversas assumem tons

inquisitórios e o foco é expulsar espíritos sofredores de casas, no superdimensionamento de organizações das trevas que tramam contra o espiritismo, a casa espírita e a pessoa, em um discurso embebido de medo, que termina por gerar cenários muito dissonantes à lógica do espiritismo.

O espiritismo é uma grande mudança de paradigma, de enxergar as coisas e seus pressupostos. Ele nos demanda um amadurecimento, um entendimento maior da vida de cá e de lá. Entre o ator brasileiro que trouxe o espírito para uma relação franca a ser construída e o imaginário hollywoodiano que busca demônios a serem combatidos, devemos pensar, à luz do espiritismo, que visão temos dessas relações residenciais.

Obra de Maurício Tapajós e Paulo César Pinheiro, consagrada na voz do grupo MPB-4, *Pesadelo* é uma música de 1974 do cancioneiro nacional, com uma letra marcante, forte, embalada em uma melodia um tanto soturna, compondo uma peça musical que provoca a reflexão de quem a ouve, em especial sobre aquele momento histórico pelo qual passava o Brasil.

Destaca-se, para o fim desejado nessas linhas, o trecho: *(...)Você vem me agarra, alguém vem me solta/Você vai na marra, ela um dia volta/E se a força é tua, ela um dia é nossa. (...)/Você corta um verso, eu escrevo outro/Você me prende vivo, eu escapo morto/De repente, olha eu de novo/Perturbando a paz, exigindo troco.*

Um trecho que no contexto da música criticava a ação repressiva do Estado diante dos desejos de liberdade da população, que sobrevive diante da truculência das ações inibidoras, por estarem embaladas em um sentimento mais profundo. Mas essas frases podem ser interpoladas para um outro contexto, da atuação das casas espíritas (e também espiritualistas) no tratamento da obsessão.

Definida em *O Livro dos Médiuns* como o domínio que alguns Espíritos podem adquirir sobre certas pessoas, a obsessão encontrou na prática espírita

instrumentos para o seu tratamento, destacando-se reuniões mediúnicas nas quais o esclarecedor dialoga com a entidade perseguidora do encarnado, na busca de mediar aquele conflito e encaminhar à busca de soluções, associado nessa labuta por uma equipe espiritual.

Essa mecânica tem variações na diversidade da prática, com invocações a partir do nome do paciente, atendimentos ao espírito com a presença do obsediado e, ainda, diálogos com a participação de espíritos desencarnados outros incorporados simultaneamente, e que auxiliam a ação mediadora. Práticas pouco estudadas de forma sistemática, carentes de literatura especializada, mas consolidadas no amplo espectro de casas espíritas ou simpatizantes nesse país de dimensões continentais.

Existe, no entanto, trabalhos dessa natureza que se fundamentam na ideia de que o foco é exclusivamente a entidade desencarnada obsessora, e que para reduzir o problema, faz-se necessário afastá-la do encarnado, na visão de que sem o obsessor, cessa a obsessão. Muitos, até, falam de aprisionamento dessas entidades, enxergando nestas falanges de inimigos, no bom estilo *nós contra eles*.

Nesse ponto, faz-se necessário o resgate dos versos do grande Paulo César Pinheiro, em um novo contexto, como já citado, e que a despeito da ação truculenta, o agente sempre retorna, mais cedo ou mais tarde, pois como pano de fundo daquilo tudo existem sentimentos poderosos e consolidados ao longo do tempo.

Isso porque a obsessão, como toda forma de domínio, é fruto de uma relação permeada de sentimentos conflituosos e adoentados. Vingança, ódio, traição, e outras forças poderosas que sustentam um espírito a perseguir outro por anos a fio, e apenas o afastamento forçado surge como um paliativo, relembrando sentença popular no movimento espírita sobre isso, que traz a metáfora de se afastar moscas sem cuidar das feridas.

Importa cuidar de ambos os polos dessa relação conflituosa e da própria relação, em um trabalho longo, e que depende muito mais da disposição desses do que da ação da reunião mediúnica, que funciona, mais das vezes, como um catalisador desse processo de cura. Não há fórmula mágica para problemas complexos e enraizados.

O pesadelo só se extingue com o tratamento integral, atuando nos atores desse processo e na complexa teia de relações que se construiu, na qual o espírito obsessor é um filho de Deus sofredor tanto quanto o encarnado que busca o tratamento. E a obsessão figura como uma expiação daqueles espíritos, na busca de reconstruir a sua história, sendo uma das finalidades daquele processo reencarnatório, que pode culminar, como mais das vezes, com a encarnação do obsessor próximo ao obsediado, para a redenção conjunta no mundo da carne.

A era tecnológica na qual estamos encarnados nos ilude de que para tudo existe uma solução simples e rápida, se utilizarmos a técnica certa. Nesse escopo,

pululam mecanismos superestimados de resolução de problemas profundos da alma humana e que estão sintetizados na obsessão, e a ideia de afastar, isolar ou até mesmo combater o espírito obsessivo com uma gramática do inimigo, além de ser superficial, é uma abordagem bem diversa do que pregava o manso cordeiro que exaltava o amor ao próximo e aos inimigos.

No distante 1964, a Federação Espírita Brasileira – FEB – lançou a obra *Estantes da vida*, psicografia de Francisco Cândido Xavier e escrita pelo espírito que utiliza o pseudônimo de Irmão X. Uma obra ímpar, mas destaca-se para fins desse artigo a crônica de número 33, intitulada *Missiva fraterna*.

Nela, o autor se reporta ao médium pelo qual ele se comunica habitualmente, para lhe dar conselhos, em especial no sentido de que a mediunidade não o torna melhor do que os outros, portador de privilégios, e que cabe a ele enfrentar os desafios cotidianos de qualquer espírito encarnado, isso de forma bem resumitiva. Vale a leitura do texto original.

Apesar de terem transcorridos mais de seis décadas desse texto, no atual 2024 se vê que a sua essência não foi aprendida ainda. O texto busca humanizar o médium e a mediunidade, uma atividade de construção do processo evolutivo como outras, mas insistimos em colocá-la num pedestal, ressuscitando antigas práticas de povos ancestrais em relação à prática mediúnica.

E pululam médiuns semidivinizados, credenciados a porta-vozes inquestionáveis, alheios a qualquer escrutínio e ainda, seguidos por pessoas sequiosas de curas ou mensagens reveladoras, para aplacar nossas dores ou dúvidas existenciais.

Muitos desses não são nem legítimos em seus fenômenos e outros exploram a boa-fé das pessoas em interesses econômicos, e achamos, no espiritismo, que esses problemas com a prática mediúnica só se encontram do lado de fora, fazendo-nos baixar ainda mais a precaução diante desses problemas, em uma pretensa sensação de segurança.

A humanização do médium trazida na mensagem do Irmão X tem esse curioso intertexto, de um espírito que relembra a fragilidade do médium, mas que ao mesmo tempo nos relembra a fragilidade de todos os médiuns, e que colocar as fichas de forma acrítica em um medianeiro pode arrastar todos nós ao fosso da ilusão.

Desejamos um canal direto e confiável das orientações do alto, e vemos nesses médiuns esse papel, o que traria exclusivismos distantes do que traz a discussão espírita que, pelo contrário, traz uma postura um tanto indigesta de crer com uma fé raciocinada, algo, por vezes, oneroso demais em um mundo no qual andamos cansados e queremos algo mais simples e mastigado.

A busca por santos de pé-de-barro não é uma exclusividade nossa, dos espíritas, ainda que devesse ser estranha a nós. Ora, mas, então, não podemos confiar em ninguém?, diriam alguns. Na verdade, o problema é confiarmos em tudo que aparece de forma acrítica e isso é bem diferente de ser um incrédulo, sendo apenas uma pessoa prudente.

Por isso Kardec preconizava o estudo sistemático aos médiuns ostensivos ou não, como forma de

emancipação nessa trajetória de autoconhecimento no rumo da evolução. Menos hierarquia, menos endeusamentos, menos verdades absolutas. Essa é a essência do espiritismo e que nos divide de outras denominações.

Mas se quisermos, ao contrário das verdades límpidas da missiva fraterna, continuar acreditando que os médiuns são seres à parte da criação, beatificados, que funcionam como portais absolutos das verdades divinas, encontraremos muitas vozes a fazer coro, olhando de cara feia para essa discussão, dizendo ser qualquer questionamento falta de caridade, abaixando escudos para uns e erguendo muros para outros.

Felizmente, a realidade sempre bate à porta, mostrando que os médiuns são humanos com suas fragilidades naturais, e trazendo a mágoa da decepção para quem via ali uma fração da divindade. É preciso reler a *Missiva fraterna* sessenta anos depois, não como uma releitura, mas como um reforço de leitura, pois a lição ainda está distante.

29 Sobre a Série da Netflix: Vida após a morte

Com pouco menos repercussão do que deveria no meio espírita, foi lançada no primeiro semestre do ainda conturbado 2021, a série *Vida após a morte* (<https://www.netflix.com/br/title/80998853>), um conjunto de seis episódios baseados no livro da autora estadunidense Leslie Kean, chamado *Surviving Death: A Journalist Investigates Evidence for an Afterlife* (<https://www.survivingdeathkean.com/surviving-death/>), um *Best seller* datado de 2017.

Digo pouca repercussão, pois temas relacionados à mediunidade têm mais atenção do público leigo se comparado à prata da casa espírita. Mas a série, que não é espírita e nem se propõe a sê-lo, traz temas interessantes, um documentário de boa qualidade, começando o primeiro capítulo com a discussão da chamada experiência de quase morte, para um bloco de quatro episódios sobre temas relacionados à mediunidade, terminando com a questão da reencarnação, na linha da lembrança espontânea das vidas passadas. Discussões, infelizmente, empoeiradas na tribuna espírita.

O propósito dessas linhas não é, de forma alguma, tentar enquadrar a referida série nos pressupostos espíritas, o que ela não se propõe a fazer. A série segue

na forma de documentário, depoimentos e casos relacionados a temas sobre os quais a doutrina se debruça, mas que não são seu monopólio, buscando, de forma investigativa, trazer à mesa de discussões a questão científica e filosófica da existência de uma consciência fora do corpo e de que forma ela se comunica com os ditos vivos. O luto e o fenômeno como uma viagem pessoal para lidar com ele são a ideia central da série.

Para fins didáticos, o primeiro bloco se detém ao capítulo 1, que trata da Experiência de Quase Morte - EQM, e traz casuísticas recentes de situações que confirmam a existência de uma consciência fora do corpo, o espírito. São casos impressionantes e que mostram pessoas relatando experiências fora do corpo, tendo acesso a informações que elas não poderiam obter se não estivessem desdobradas.

Poucos se debruçam hoje no Brasil sobre a pesquisa desses fenômenos de EQM, Transcomunicação instrumental, lembranças de outras vidas, ou ainda, o próprio fenômeno mediúnico em si, com as ressalvas dos pioneiros do Núcleo de Estudos de Problemas Espirituais e Religiosos (NEPER) e do Núcleo de Pesquisa em Espiritualidade e Saúde (NUPES), ambos ligados a universidades federais. A análise da imprensa espírita cotidianamente indica que esse assunto não orbita as falas e bocas, na linha, ao meu ver, do já sei, creio nisso tudo, e nada mais resta a se deter sobre o tema.

O episódio 6 da série, que tratarei junto com o episódio 1, para deixar mais da discussão para o bloco

central, também se detém a essa linha de experiências científicas laicas e traz os estudos de pesquisadores sobre lembranças de outras vidas, com relatos impressionantes. Os episódios 1 e 6 não diferem muito de documentários similares ao estilo *Discovery Channel*, com o mesmo padrão de qualidade técnica, e realmente tem muito a ensinar a todos nós.

Mas o foco deste artigo é se deter mesmo na análise do chamado segundo bloco, em uma divisão didática da série, que contempla os episódios 2 ao 5, e que versam sobre a mediunidade, com segmentação em fenômenos físicos e inteligentes, além de sinais de entes queridos e aparições. Uma visão de casos, desde uma chamada *Escola de médiuns*, na Holanda, até grupos de ajuda mútua para médiuns e para pessoas que perderam seus entes queridos e buscam com eles se reconectar. Para a análise deste bloco sobre mediunidade, vou me deter em sete pontos específicos e transversais aos episódios, que julguei interessantes nesse debate, respeitadas as limitações desse artigo.

Fraude e mediunidade:

- O ceticismo e a questão de ser uma fraude perpassa todo o documentário, com um personagem, em especial, que busca testar os médiuns com experimentos pessoais, bem como entrevistas com pesquisadores de universidades, que sempre trazem a hipótese fraudulenta como considerável. Interessante que a série traga esse ceticismo, e considere que a fraude é possível, pois Kardec já tinha essa postura

desde o início em relação aos fenômenos, em especial aqueles mais extraordinários, e termina por ser uma linha interessante durante esses episódios, do crer desconfiando, que é sempre uma discussão atual, mesmo no espiritismo.

A visão da mediunidade como um negócio:

· Nós, brasileiros, nos espantamos com isso, mas é nítido que a prática mediúnica, em especial nos Estados Unidos, desempenha um papel de fonte de renda complementar ou principal de seus praticantes. Isso não é novidade para quem acompanha séries e documentários daquele país. A clara postura dos próprios médiuns, que se veem como o prestador de um serviço remunerado, e que tem como objetivo fornecer uma comunicação autêntica com o ente querido, uma prestação de serviço. Os que não são tão assim, como a Escola de Médiuns da Holanda, terminam por ter uma estrutura que se aproxima de uma igreja, nas falas e artefatos, usando inclusive a expressão *ministério*.

Falta de um suporte doutrinário na prática mediúnica:

· Não são citadas pelos médiuns obras de referência, e tudo parece muito empírico na construção do conhecimento destes sobre o fenômeno. A própria médium da Holanda, com muita experiência, mostra-se titubeante com um conhecimento nitidamente oriundo de sua experiência pessoal e não do estudo de obras, de qualquer natureza, que tratem das questões do

intercâmbio e das suas relações filosóficas, que poderiam não ser obras espíritas, mas qualquer outro conjunto doutrinário organizado que se trata de questões similares.

Kardec, ausente só nominalmente:

Sim, Kardec não é citado uma única vez. O mais próximo da literatura espírita conhecida citado é Camille Flammarion, e de forma transversal. Destaca-se a menção a Charles Richet, bem robusta. Não é citado o Professor Rivail, mas muito do discutido em O Livro dos Médiuns surge nas conversas dos episódios 2 a 5, em especial a questão dos fluidos e a separação de manifestações físicas e inteligentes. Tudo isso misturado com conceitos próprios daqueles locais, como quando a médium da Holanda enquadra a mediunidade como uma jornada de cura, ou no ensino de métodos para se conectar com seu ente querido desencarnado. Mas, em termos pilares básicos da doutrina, não se pode imputar ao mostrado discrepâncias relevantes.

Motivação precípua na busca de entes desencarnados:

Uma coisa que é patente nesses quatro episódios é que a mediunidade é buscada, de forma precípua, por pessoas à procura de informações sobre seus entes desencarnados, lembrando a motivação das reuniões de psicografia de Chico Xavier. Não se vê uma busca dos espíritos para estudar, apreender conhecimento ou entender o fenômeno, como é a vida do lado de lá, salvo

nos momentos que surgem aqueles que são formalmente pesquisadores. A mediunidade é vista como uma forma de superação do fenômeno da morte pelo contato com os desencarnados conhecidos, buscando com isso um encontro consigo mesmo, na busca da paz.

Assuntos pouco discutidos no movimento espírita brasileiro:

A psicografia é uma ilustre ausente, bem como os passes e a vidência, e tem pouco destaque a questão da psicofonia e da mediunidade de cura. Os temas da mediunidade, clássicos no espiritismo no Brasil, são trocados na série por manifestações como a materialização, a voz direta, as aparições e fotografias de espíritos, muito comuns nas páginas da internet que se debruçam sobre o chamado sobrenatural. Interessante trazer esses temas fora de mão na literatura espírita, pois mostra que existem lacunas que merecem atenção, e que o estudo é um dever de todos.

Eu sou da América do Sul, eu sei, vocês não vão saber.

Com um pouco de etnocentrismo, muita gente queria que a equipe da Netflix fosse ao Brasil, falasse sobre os nossos conhecidos médiuns e sobre o espiritismo. A série não era sobre espiritismo, como fenômeno antropológico e religioso, e, sim, sobre um livro *Best Seller*, trazendo uma visão focada nos fenômenos, como uma busca pessoal da superação da

morte. Não é demais lembrar que a associação a uma doutrina reconhecida como religiosa iria à direção contrária do que se pretendia na série, apesar de a escola de médiuns da Holanda trazer em si um traço bem religioso. Mas, nesse ponto, a série trouxe uma reflexão a nós espíritas, de que não somos donos exclusivos do fenômeno mediúnico, como asseverou, aliás, o próprio Kardec.

A série é interessante, e quem não assistiu, está perdendo uma grande oportunidade de aprendizado e reflexão. Deveria ser objeto de estudos e discussão nos grupos mediúnicos das casas espíritas. Entender o fenômeno, suas nuances, é essencial para todo médium na sua jornada com essa faculdade durante a encarnação, e espanta saber que temas tão íntimos do espiritismo têm espaço para tratamento em documentários, mas pouco nas tribunas e nas obras espíritas recentes.

O espiritismo não existe para que percamos nosso tempo tentando enquadrar a realidade nele, como uma bula a classificar coisas como doutrinário ou não, na nossa mania de em tudo apor uma visão espírita. O espiritismo é um conjunto de conhecimentos que nos permite interpretar a realidade, e se alimenta dela. Diante de programas como esses, ou ainda, de fenômenos que surgem nos jornais e na internet, o espírito kardequiano de curiosidade e ceticismo precisa invadir a nossa alma, a guiar o nosso aprendizado e reflexão, saindo de caixas nas quais nos aprisionamos,

em especial, em relação à mediunidade, questão ainda carente de um melhor tratamento pelas fileiras espíritas.

30 Superpoderes

O final do ano de 2021 brindou crianças e adultos no cinema com mais uma bela animação dos estúdios Disney, o filme *Encanto*, que narra a história de Mirabel e a sua família, os madrigais. Uma belíssima obra e que nos traz reflexões que envolvem questões caras a nós, espíritas, como a mediunidade. O texto pode ter um pouco de *spoilers*, e se você não assistiu ao filme, talvez assistir a ele previamente traga uma melhor compreensão do artigo.

De forma resumida, o filme narra a história de uma comunidade em fuga de uma convulsão social na Colômbia, em um tempo indeterminado, e nessa fuga, eles se veem agraciados com um local transcendente para morar, e capitaneados pela matriarca da família, organizam uma comunidade, na qual os filhos desta líder são dotados de dons ofertados pelo mesmo poder que os salvou, representado por uma vela.

O mote do filme é que o poder começa a se enfraquecer, e isso supostamente abala a confiança da comunidade na casa dos madrigais, em uma relação de liderança daquela família com a comunidade muito pautada na questão dos superpoderes dos familiares. A magia é forte, é repetido várias vezes no filme, e o arco deste conduz para reflexões no sentido da dependência desses dons.

Nada mais próximo do que é a relação habitual com a mediunidade, com médiuns e seus *superpoderes*. Quantas comunidades, casas espíritas, são construídas com base em dons mediúnicos, e isso gera dependência da comunidade em relação àquelas pessoas e às suas faculdades. A *casa é forte*, ouvimos também várias vezes em relação a determinados templos na vivência espírita.

A valorização do metafísico no contexto espírita é muito grande, e, às vezes, com um tom de dependência, e essa é a reflexão que se faz. Destaca-se a relação com obras psicografadas contraposta a obras de autores encarnados. Ou a coincidência da direção de casas espíritas com os que detêm dons mediúnicos mais ostensivos. Será que Jesus seria lembrado se fosse só o seu ensinamento, sem os milagres? Esses médiuns baluartes, que colecionamos ao longo da jornada do espiritismo no Brasil, seriam lembrados se fosse só a mensagem, sem fenômeno?

A grande discussão subjacente ao filme é a questão de nos tornarmos reféns dos dons, em uma visão que nos aprisiona, que nos tutela e que inibe o nosso crescimento espiritual. Como diz a matriarca abuela no filme: *Me esqueci para quem era nosso milagre*. Esquecemos que esses dons são ferramentas, e não fins em si mesmo. Dons para mediar a transcendência da vida com a necessidade de evolução.

O grande dom da liderança, da capacidade de articular corações e mentes, em propósitos elevados, surge como grande valor esquecido no filme, em uma lição que fica também para a nossa vida espírita, na qual

desvalorizamos essa faculdade da liderança em detrimento de dons. Uma reflexão que nos cabe, para que no dia que os dons se enfraquecerem, e esse dia sempre chega, saibamos caminhar firmemente, com nossas próprias pernas.

31 A barraquinha

Este artigo começa com uma história fictícia, e qualquer semelhança com o real é mera coincidência. Na cidade de Pantanal do Norte havia na praça central uma pequena barraquinha, que vendia livros espíritas, sendo mantida pelas casas da região, com revezamento de seus frequentadores no atendimento, já sendo um clássico local de busca daquela obra específica, em um tempo que antecede as compras *on-line* e outras modernidades.

O novo prefeito, senhor Epaminondas, se elegeu com forte apoio de segmentos religiosos que, por questões diversas, viam no espiritismo uma ameaça à sua fé, e ao assumir o cargo, foi pressionado pela sua base eleitoral a retaliar os espíritas, impondo dificuldades ao seu exercício religioso, o que culminou com a cassação do alvará da modesta barraquinha que funcionava na praça central da cidade.

Tal perseguição, apesar de não ser a primeira ou a última que os espíritas sofrerão no Brasil, com um histórico de serem fichados na polícia em tempos de outrora, causou indignação na numerosa comunidade de espíritas daquele município, o que levou à convocação de uma reunião dos frequentadores das diversas casas para tratar do tema, mediados pela presença do senhor

Armando, procurador aposentado que vivia em Pantanal do Norte e que frequentava as atividades doutrinárias.

No dia da reunião, os ânimos estavam exaltados, e o clima era de revolta. O primeiro a falar foi o senhor Menelau, diretor de divulgação da União Espírita de Pantanal do Norte, setor responsável pela gestão da barraquinha. E não se fez de rogado. Narrou outros eventos de perseguição religiosa no município, envolvendo também a participação das casas espíritas nos trabalhos assistenciais, bem como notificações por perturbação da ordem em função das reuniões públicas. O público, boquiaberto com aquele cenário, inicia aquele habitual murmurinho, e Menelau, tomado pela situação, propõe que seja lançado um candidato a vereador dos espíritas, para defender os seus interesses junto à municipalidade.

Aplausos efusivos. Senhor Armando, com seus cabelos grisalhos, pede a palavra, em meio ao um coro que se ensaia para lançar Menelau como candidato, por aclamação. Cumprimentando todos, com a voz calma, Armando começa a sua argumentação: *Estimados, certamente é deplorável em pleno século XXI sermos objeto de perseguição religiosa em nossa cidade. Vi no jornal ontem que um templo de matriz africana teve a sua sede depredada ontem na nossa capital, e tudo isso nos entristece, e é respeitável esse desejo de responder nas mesmas armas.* O público aplaude efusivamente.

Armando, entretanto, leva o assunto para outra direção. *Prezados, imaginem se todas as religiões necessitassem se vincular à política para ter seu direito*

à livre prática? As denominações mais numerosas se sobreporiam nessa arena, retaliando as outras da mesma forma? Um dos princípios da democracia é a laicidade do Estado, que se traduz, entre outras coisas, na garantia da liberdade de crença e de culto dentro dos limites das leis comuns e da ordem pública. Somente a liberdade de todos garantirá a liberdade de cada um. Devemos procurar as autoridades que defendem o cumprimento da Lei, como o Ministério Público, para garantir a nossa liberdade de exercer a fé espírita, como um direito comum a todos nós, cidadãos, e que não pode ser condicionado a uma representação político-partidária e ao alistamento em uma batalha eleitoral.”

Depois dessa preleção do senhor Armando, aí é que o caldo da reunião entornou e ninguém mais se entendeu. Entre laicos e partidários, a discussão avançou horas a fio sem encontrar uma pactuação. Muitos queriam não só um, mas dois vereadores espíritas. Propuseram passeatas, colocar *outdoor* de protesto, fazer abaixo-assinado para proibir a lojinha que também vendia outros livros religiosos na praça do Arco. A coisa desandou e faz mais de ano, desde a famigerada reunião, que a barraquinha está desativada.

Essa história, fictícia, mas possível de ser verdadeira em diversas cidades do Brasil e do mundo, é uma reflexão sobre espaços que nós, espíritas, conquistamos de livre exercício religioso ao longo do século XXI, mesmo sendo minoritários numericamente, e das diversas perseguições que nós e outros irmãos sofremos no exercício de nossa fé.

Uma reflexão não sobre as armas que nos cabem nessa batalha, mas sobre em que espécie de luta devemos adotar nessas situações, pois mesmo que se consiga vitórias em um plano político hoje, ela pode converter perseguidos em opressores amanhã, deixando de se enxergar como alvo a ser atingido o respeito pela prática religiosa e pela convicção pessoal.

A religião é motivo de guerras pelo mundo e nas páginas da história. Uma trajetória de perseguições, de relações desastrosas entre os poderes de César e os seguidores de Deus. E nós, espíritas, cedo participamos dessa história com 300 obras queimadas em praça pública na Barcelona de 1861.

O espiritismo surge com propostas diferentes nesse sentido, com visões tais como *Fora da caridade, não há salvação*, de diálogo e respeito, que o permitiram navegar ao longo do século XX cumprindo seu desiderato, entendendo que ele pode ter seu espaço na sociedade sem precisar ocupar espaços na condução política desta.

32 A dor antecedente

Na década de 1990, floresceu fortemente, com espaço até hoje, a discussão espírita da defesa da vida, dividida em ações de esclarecimento sobre a prevenção do aborto, da eutanásia, do suicídio e da pena de morte.

O debate, sempre focado no ato e no seu agente: a mulher que aborta, a família que autoriza desligar aparelhos, a pessoa que se mata e o criminoso que é executado, esquece do contexto, da dor antecedente que levou àquela situação complexa.

Mas do que discutir de forma insistente e panfletária se somos contra ou a favor, interessa entender a raiz desses fenômenos, o que leva a eles e de que forma podem ser evitados.

Por trás do aborto existe a carência de políticas de planejamento familiar, de educação sexual e o debate sério sobre sexualidade e relacionamentos, temas tratados de forma transversal e puritana, quando não negligenciados, inclusive nas casas espíritas.

Em relação à eutanásia, a doença tida como incurável por vezes é falta de acesso à assistência no campo da saúde, e uma situação que pode ser entendida como terminal pode ter uma solução na expansão dos meios disponíveis, inclusive pela mobilização popular.

A pessoa que se mata deriva, muitas vezes, de mazelas da saúde mental, ou da falta de assistência

adequada diante das dificuldades da existência, e as lacunas de ações que promovam o socorro aos desesperados são causas de muitas abreviações da vida.

Por fim, a pena de morte é parte de uma trajetória que começa com o crime, e se dá não só pela via formal, mas, também, na casuística do linchamento e da execução sumária. Interessa entender o crime, suas razões e como diminuir a sua incidência.

Simplificar o debate no combate a questão pontual e na polarização do contra ou a favor alimenta tertúlias em redes sociais, mas pouco contribui com a discussão da defesa da vida em sua plenitude, como trazido em O livro dos espíritos sobre esses temas.

Tratam-se de questões complexas sem solução simples e ficamos como juízes impiedosos diante dessas situações concretas sem entender o seu contexto e as causas antecedentes de uma crueldade atroz e pouco contribui com a causa.

Passados mais de trinta anos dessas campanhas, iludidos em pensarmos que o cerne delas é mudar legislações ou promover testemunhos públicos, tem-se que as causas continuam por aí, pujantes, favorecendo a ocorrência dessas dores, e ficamos felizes, cumpridores de nosso dever espantando moscas, sem estar preocupados com curar as feridas.

33 As aventuras de Allan Kardec no mundo da pós-verdade

No livro de 2013, de Marcel Souto Maior, chamado *Kardec: a biografia*, a sua parte inicial se detém a detalhar a interação do Professor Rivail, na madureza de seus 50 anos, com o fenômeno das mesas girantes, que ocupava os salões dos Estados Unidos e da Europa, atendendo a curiosidade das pessoas diante de mesas que se moviam e respondiam perguntas. A sensação da época.

Como já era de se esperar, como narrado no livro, várias teses rondavam as páginas de jornal e as mesas dos cafés sobre a natureza de tão badalado fenômeno: almas de outro mundo, autossugestão, delírio coletivo, fraude. Se fosse no ano de 2021, é possível se arriscar que essas seriam somadas a teorias conspiracionistas de ações sobrenaturais a subjugar a raça humana, e apesar de não se encontrar registro, pode ter havido explicações nesse sentido. Talvez se fosse na década de 1970, teria como explicação a ação de alienígenas na busca de invadir nosso planeta.

O professor Rivail, acadêmico, estudioso, inicialmente julgava que ali atuava a força magnética dos participantes da reunião, como motriz das mesas. Mas ele, em um misto de curiosidade e de desconfiança, manteve-se cético nas suas hipóteses e se debruçou

sobre o fenômeno na busca de desvendá-lo, bebendo de sua trajetória como pesquisador científico, com os métodos bem descritos nas obras *O que é o Espiritismo* e *O livro dos Médiuns*, e a partir dali não só concluiu que se tratavam de espíritos, a alma desencarnada dos homens, como deste achado, derivou todo um corpo de conhecimento filosófico que contextualizou aquela descoberta.

Para melhor entender essa postura do codificador, como está na Biografia de Allan Kardec na já citada obra *O que é o Espiritismo*, p.11, Ed. FEB:

Tal era a princípio o estado de espírito do senhor Rivail, tal o encontraremos muitas vezes, não negando coisa alguma por parti pris, mas pedindo provas e querendo ver e observar para crer; tais nos devemos mostrar sempre no estudo tão atraente das manifestações do Além.

Esse é o Kardec por todos conhecido, e que deixou o legado pautado na racionalidade, no método, e que trouxe ao espiritismo a credibilidade que o caracteriza, como forma de interpretação e intervenção na realidade, e que o permitiu enfrentar ataques diversos, fichamentos na polícia, e toda ordem de coisas que atraí ideias não hegemônicas.

Mas e se um Rivail contrafactual, ao invés de se debruçar sobre as teses na busca de entendê-las à luz de pressupostos de natureza científica, por meio de uma teoria consistente e que dialogasse com as evidências, resolvesse apenas transitar pelos cafés de Paris, para conversar com uns dois ou três que tenham assistido às

mesas e daí tivesse produzido um livro explicando esse fenômeno. Não só um livro, mais uma narrativa mirabolante na qual se encaixassem ideias mais fáceis de serem assimiladas pelas pessoas daquela época, na busca de maior vendagem dos seus exemplares.

Considerando-se que era uma sociedade de matriz cristã, e apesar dos lampejos da ciência, o pensamento mágico ainda era bem enraizado na população em geral, esse Kardec alternativo poderia engendrar uma teoria de que ali operavam forças sobrenaturais demoníacas que buscavam ludibriar os incautos para afastá-los da salvação, e teceria considerações baseadas em percepções fragmentadas de situações comuns, como mensagens que destoassem da doutrina predominante da igreja, para assim justificar a sua teoria.

Definitivamente, esse não seria o Kardec que conhecemos. E esse seria mais um livro panfletário e fugaz a se somar a muitas obras dessa natureza, de histórias fantasiosas e que se pautam em sentidos comuns palatáveis para, em especial, pelo medo, obter adesão na sua forma de mediar a interpretação da realidade. Algo bem distante do caráter esclarecedor e libertador do espiritismo.

Apesar dos avanços científicos, das quebras de paradigma social e político, o mundo do professor Rivail do século XIX tem similitudes em relação à realidade do início do século XXI, que se vê potencializada no contexto de uma sociedade hiperconectada, na qual a informação é produzida em grande quantidade, e por uma diversidade de emissores, mas ao mesmo tempo o

seu acesso é permeado por canais dirigidos por algoritmos e por perfis falsos, com possibilidades de manipulação e de adesão de narrativas também confortáveis, mas, por vezes, sem nenhum lastro com a realidade.

Esse mundo novo, que nos cabe enfrentar, e que o espiritismo pode ser uma ferramenta nesse desiderato, tem como uma das características o fenômeno da pós-verdade, que conforme definições da *Oxford Dictionaries* (<https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/definition/english/post-truth?q=post-truth>) é um adjetivo relacionado a circunstâncias em que fatos objetivos têm menos poder de influência na formação da opinião pública do que apelos por emoções ou crenças pessoais. Um contexto no qual apesar de se ter muita informação, se tem muita dificuldade de se obter verdades.

Nesse mundo permeado pela pós-verdade, Kardec teria mais problemas do que já teve na época da codificação. Seria cancelado, diriam alguns. Kardec teria entraves, e tem o espiritismo também nos dias de hoje. Como na situação das mesas girantes, na qual se debruçou o então professor Rivail, no contexto atual a pressão das crenças pessoais, dos medos e das simplificações frente às evidências, pressionariam por interpretações dos fenômenos cotidianos de forma dissociada da realidade e do bom senso, com explicações, muitas vezes, permeadas por ideias conspiracionistas, por narrativas de perseguições, que despertam, às vezes, sentimentos primitivos, de ódio e de autodefesa.

Nesse sentido, esse contexto da pós-verdade testa a todos nós, que decidimos seguir o espiritismo, na nossa forma de se relacionar com a realidade, seja no plano da mensagem supostamente psicografada que replicamos na rede social, seja pelas teorias que nos invadem os aparelhos celulares sobre questões gerais, como a economia, a ecologia e a crise sanitária. Cada evento é permeado por um caudaloso rio de dúvidas e de narrativas substitutivas que, ao mesmo tempo que nos confunde, nos faz abraçar a tese mais confortável. E no caso espírita, de preferência avalizado por uma psicografia.

O professor Rivail, para ter a adesão das suas ideias pela força destas, e não pela sua fama, assume a alcunha de Allan Kardec. Preocupava-o que as pessoas aderissem à nova doutrina sem ideias pré-concebidas, dado que ele já era conhecido. Convidava à razão, ao entendimento, à construção da convicção pessoal pelo estudo e pela reflexão. Pressupostos kardequianos que se apresentam ainda necessários neste mundo tão informado e desinformado ao mesmo tempo.

Dói ver nas redes sociais espíritas e suas agremiações replicarem informações que não são objeto de estudos mais elaborados, boatos, fake news, conspirações rasas, algumas referendadas por psicografias, situações que poderiam ser esclarecidas na busca de fontes confiáveis, como são os chamados sites de checagem, uma criação derivada dessa época na qual se busca confiabilidade no universo das redes sociais. Anda enfraquecida nossa fé raciocinada?

Além desses sites, a verificação, trabalhosa e necessária do que se vê por aí, pode se servir do trabalho dos profissionais da imprensa, ou ainda, pela busca da boa e velha ciência, com suas publicações e representantes reconhecidos, e que se pauta por metodologias, que vão desde repetições sucessivas, a comparações do mesmo fenômeno em diversos ambientes, na busca de se encontrar regularidades que balizem afirmativas.

A história nos mostra que momentos de tensão despertam o medo, que busca caminhos simplificadores para aplacar a ansiedade do que será o amanhã. Medo que se potencializa pela multiplicidade de estímulos oriundos de imagens e notícias as quais somos submetidos diariamente, e que geram, na sua busca pela assimilação, a adoção de teses simplistas, que não resistem a dez minutos de reflexão e debate. Esse é o desafio posto, e ter o espírito kardequiano ao nosso lado pode ser uma boa bússola a nos orientar em um período tão doloroso, por conta da pandemia. Mas também tão confuso, por ainda estarmos nos acostumando a esse mundo cada dia mais veloz.

34 As vozes dos mortos

Muitos se lembram da cantora Aracy de Almeida (1914-1988), de sua atuação como jurada no emblemático “Show de calouros” do Programa Silvio Santos, mas ela foi, também, uma grande cantora de samba na década de 1950, e os anais da MPB têm uma história interessante sobre a gravação por Aracy da canção *A voz do morto*, de um iniciante Caetano Veloso, em 1968.

Consta que Aracy estava em São Paulo para um evento chamado Bial do Samba, nos idos de 1968, e lá encontrou Caetano, e com sua personalidade marcante, no meio de um diálogo no qual ela reclamava de só ser lembrada como grande intérprete do compositor Noel Rosa, ela disparou: *Pô, me tratar como Glória nacional pensando que vão me salvar? (...) Quero que você faça um samba, porque você é que é o verdadeiro Noel, porque você é violento, você é novo!*

Desse diálogo saiu a música, também famosa na voz de Geraldo Azevedo, e que parodiando o clássico do samba *A voz do morro*, de Zé Ketí, faz uma crítica aos que, presos ao passado, arrastando o morto, queriam blindar o samba, como glória nacional, de influências novas, como era o próprio Caetano, em uma crítica à visão musical de se ficar preso no passado, em relíquias, negando movimentos como a própria Tropicália.

Mas Caetanos e Aracys à parte, e o espiritismo? Esse viveu um período recente complicado, em que se viu, como outros espaços sociais do país, imerso em uma arena de questões políticas partidárias como nunca se viu na sua história, pois mesmo em momentos marcantes da trajetória nacional, não se vê relatos na imprensa espírita ou nas falas de uma contaminação belicosa dessa natureza.

E passado esse período, e precisamos falar sobre isso, no qual muitos se desentenderam, alguns outros se afastaram das casas espíritas, e muita decepção permeou as relações, e, aos poucos, se busca dar um tom de normalidade, de reflexão em relação a uma década que sobre a influência das chamadas redes sociais, confundiram-se os papéis, associando patrulhamento ideológico por um lado com a defesa nos espaços espíritas de coisas realmente indefensáveis. Se colocou tudo numa caixa do que se entendia como espectro ideológico, inclusive o espiritismo e os seus adeptos.

Voltando ao Caetano, o espiritismo se viu arrastando o morto, de ideias anacrônicas no campo dos direitos humanos e das relações sociais, buscando resgatar as supostas glórias do passado, glórias de um particular ponto de vista, sem entender esse mundo novo que se afigura. Sem compreender a essência da mensagem das *vozes dos mortos*, trouxe a voz de pensadores muito diversos da essência da doutrina, afastando assim as pessoas, em especial os mais novos. Virou uma coisa de gente conservadora e retrógrada e não algo que soava

revolucionário frente à religião dominante, como sempre se posicionou.

Por anos o estudo sério e reflexivo se viu substituído por palestras pasteurizadas e discussões rasas. A prática social se viu substituída por eventos elitizados. A mediunidade e os aspectos científicos, substituídos por uma fixação com aspectos religiosos. Traços que já vinham apontando há tempos e que mostraram a fragilidade de nossos alicerces, que se viram derrubados com um sopro de ideias estranhas, como a casa que se constrói na areia das palavras de Jesus.

Sem fundamento, sem identidade. E essa superficialidade toda se viu presa fácil de ideias muito, mas muito antagônicas à essência do espiritismo trazida nas *vozes dos mortos*, dando voz a um velho travestido de novo, com visões anteriores até a própria doutrina do amor pregado do Jesus no evangelho. Fomos homogeneizados com a turba ensandecida e para se preservar, muitos se recolheram, outros fugiram, e alguns até lutaram, sendo hostilizados.

Então nos vemos hoje catando os cacos de todo esse processo de *pentecostalização* do espiritismo, uma busca de ser apolítico que jogou o movimento em uma captura política nunca vista, com interpretações enviesadas e recortes que priorizaram agendas consoantes com movimentos políticos das redes sociais, trocando a reflexão pela replicação de conteúdo. A essência do espiritismo, na voz dos espíritos, de amor e de conhecimento, se viu permeada por um moralismo

conservador e truculento, mudando o ambiente das casas espíritas.

Como a marcante Aracy, é preciso fazer um diagnóstico do cenário e entender o que nesse mundo novo, precisaremos ouvir as *voces dos mortos* e também a *voz do morro*, para resgatar a essência espírita do conhecimento libertador e reflexivo, mas, também, a raiz social da fraternidade junto aos desvalidos, recompondo as feridas dessa década de assimilação dessas novas realidades e suas influências, para fazer a reconstrução, não que arraste o morto, mas que faça surgir novas sínteses diante dessa nova realidade.

Humildade, bom senso, diálogo, elementos que serão essenciais nesse resgate que se fará necessário das nossas relações. Não para voltar ao ponto onde estávamos, pois muito aprendizado se fez com tudo que passou. Mas na busca de uma essência no pensamento de Kardec, no amor de Jesus e ainda, na necessidade de um espiritismo que dialogue com os problemas humanos de nossa época.

35 Cinco possíveis efeitos da Covid-19 na prática espírita

Muito se fala que o mundo não será mais o mesmo após a incidência da pandemia do novo corona vírus (que ocasiona a Covid-19), e muito se especula sobre os cenários, o que enseja um exercício de como seriam também os possíveis efeitos desse evento global sobre as práticas das casas espíritas, o que se tentará construir nesse singelo artigo.

A primeira suposição é de que seremos menos tolerantes com as mensagens apócrifas. Sim, vivemos uma profusão de mensagens qualificadas como *fake news* nas redes sociais, na qual não se sabe o que é mentira ou meia verdade, e esse movimento influenciou também um sem número de mensagens psicografadas com informações que não fazem sentido, confundindo o público que se declara espírita em meio a tanta desinformação, o que gerou, inclusive, notas de esclarecimento de federativas.

Entretanto uma percepção crescente no enfrentamento à Covid-19 é de que a desinformação alimenta o vírus, o que ensejou movimentos das pessoas, temerosas, por combater informações sem lastro, com mecanismos de verificação e um aumento de busca pela imprensa mais tradicional, para se informar

e assim melhor se prevenir, em um movimento que se espera que contamine também os circuitos de informações espíritas, para que as informações, mesmo de origem mediúnica, e que contraponham os protocolos oficiais, sejam combatidas.

Espera-se também que haja um maior exercício da solidariedade na prática espírita, pois o cenário atual e futuro aponta para efeitos funestos do isolamento, da doença e da crise econômica relacionada, de forma que herdaremos um mundo mais desigual em termos sociais, e com a acentuação dos problemas.

Tal cenário pode provocar um resgate de nossos trabalhos de caráter assistencial, um tanto esquecidos das pautas espíritas, sem a adesão de novos voluntários, preteridos em função de outras pautas, mas que pela emergência dos problemas, podem trazer à baila novas frentes, inclusive, em associação a outras denominações, nas chamadas redes assistenciais.

Apenas a título ilustrativo, uma breve consulta ao Periódico Reformador no ano de 1918 (<http://www.sistemas.febnet.org.br/acervo/index.php/reformador/ano/1918>), no meio da gripe espanhola, mostra na edição de maio de 2018, pp. 349 e 384, como as casas espíritas se engajaram no atendimento assistencial aos afetados pela pandemia, o que demonstra como as nossas práticas são influenciadas por eventos dessa natureza.

O terceiro ponto que se antevê é o aumento (sim, ainda mais) da internet no movimento espírita. Essa quarentena ampliou sobremaneira o uso de *lives*, áudios

compartilhados, podcasts e ainda fomentou a inovação de práticas e ações, de forma que as atividades doutrinárias migraram para o ambiente virtual, e aqueles que resistiam a usar essas facilidades, cederam pela força das circunstâncias.

Acredita-se também que na volta paulatina à normalidade, teremos um movimento menos presencial, com mais estruturas no mundo virtual, e isso se relaciona também com o quarto cenário previsto, de um espiritismo mais intimista, com menos caráter de massa.

Sim, pois ainda teremos restrições de aglomerações por um tempo. O retorno não será uma mudança de chave e, sim, uma volta gradual, com direito a recaídas, e muito, muito receio de todos, em especial no que se refere ao convívio. E tal condição inibirá os popularizados mega eventos que têm caracterizado o movimento espírita recentemente, prestigiando ações menores, nas próprias casas, frequentadas por pessoas que todos conhecem e já convivem, como um mecanismo de proteção sanitária que se observará no mundo fora da casa espírita e que se refletirá nela também.

Com isso, a impessoalidade dessas casas espíritas enormes, com pessoas que não se conhecem, e esses eventos de maior porte, congregando multidões, vão dar espaço a uma vivência mais fraterna, resgatando práticas de convívio um tanto esquecidas, que se combinadas com um mundo mais conectado, vai mudar em muito a nossa forma de interagir como movimento.

Por fim, pode parecer ingenuidade, mas é crível que esse movimento todo vá fortalecer o interesse nos aspectos científicos do espiritismo. Simples, pois a crise da Covid-19 se dá em uma batalha campal entre o pensamento científico, com método e evidências, com o mundo da pós-verdade e o pensamento mágico, no qual o negacionismo e as soluções mirabolantes são confrontadas por opiniões sustentadas em pesquisas, e a ciência tem, no mundo todo, se fortalecido como forma de interpretação da realidade e que dá respostas convincentes ao mal que ronda as famílias.

A Covid-19 nos convidou a olhar a realidade dos fatos, o mundo real, pois é nesse mundo que estão seus efeitos. O acontecimento nos instou a viver no mundo, sem ser do mundo. E a entrar nesse mundo, mesmo que trancado dentro de casa, e nesse sentido, o espiritismo lastreado no método kardequiano se apresenta como fonte segura nessa selva louca e desvairada que nos encontramos.

Pode parecer um excesso de otimismo essa visão dos possíveis efeitos da Covid-19 no movimento espírita, mas é só observar o cenário da sociedade, e o que virá, para entender como isso se refletirá na nossa prática. O historiador Leandro Karnal, em entrevista televisiva no dia 26/03/2020

(<http://redeglobo.globo.com/videos/v/em-entrevista-leandro-karnal-fala-sobre-comportamento-humano-diante-da-pandemia/8432739/>),

aponta que a peste negra forneceu os elementos para o renascimento, após o extenso período da Idade Média,

e que a gripe espanhola se refletiu na preocupação com a saúde pública, reforçando que crises auxiliam a revisão de paradigmas, em especial no caso da Covid-19, que abala o cotidiano de todos nós, de uma forma que nenhuma das gerações encarnadas viveu.

36 Coluna social espírita

Antecede o fenômeno das redes sociais o gosto dos espíritas pela identificação de personalidades do passado que estejam reencarnados no tempo presente. Uma verdadeira gincana que agita não só os programas populares do fim de semana, mas também os veículos de comunicação social do movimento, nos quais por meio de revelações mediúnicas ou de meras suposições, asseveram-se a coincidência de identidades, como assunto de grande relevância para quebrar a rotina.

Incrivelmente, esse assunto consome horas e horas de discussão no movimento espírita, como verdadeiros *Sherlock Holmes* da espiritualidade, saem estes elaborando rebuscadas teorias de que fulano teria sido sicrano, muitas vezes construindo um certo elitismo, no qual celebridade mantém a sua condição na feira das reencarnações, situação sem nenhum amparo doutrinário.

Por outro lado, os estudiosos de regressão de memória ou de lembranças espontâneas são meticolosos em detalhes e provas que relacionam o encarnado de hoje com uma pessoa já desencarnada do passado, buscando ser bem cuidadosos nessas afirmativas, fiéis ao seu caráter de pesquisadores.

Documentários na televisão e obras como as de Ian Stevenson, Hellen Wambach, Jim Tucker e o livro *A*

volta: A incrível história da reencarnação de James Huston Jr, de Andrea Leininger e Ken Gross, são exemplos de produções fora dos movimentos espíritas e que tratam as relações de identidades atuais com passadas de forma bem prudente, pautadas por um conjunto de indícios robustos que permitem fazer certas ilações nesse sentido.

Mas nós, espíritas, insistimos em, por conta de uma comunicação mediúnica, adotar determinadas teses sobre a identidade de personalidades do passado reencarnadas, em um processo potencializado pelas redes sociais, que inaugura genealogias reencarnatórias por conta de características supostas do antepassado em relação ao encarnado atual, de forma descontextualizada e, às vezes, com vieses na busca de se reforçar essas assertivas, no qual só enxergamos o que corrobora a nossa crença.

Essa prática, além de animar a coluna social espírita, com polêmicas e discussões inúteis, outra coisa potencializada pelas redes sociais, serve a interpretações que alimentam jogos políticos e, ainda, ajudam a explicar, de forma superficial, comportamentos atuais que chocam ou são objeto de exaltação.

Essa situação é similar às questões afeitas à identidade dos espíritos nas comunicações mediúnicas, com a diferença de que não se prende a uma mensagem específica, mas a toda a personalidade de uma pessoa encarnada e a busca de relacionar esta a alguém do passado, para justificar alguma tese. É uma forma de

atender a nossa curiosidade, a feição da nossa ansiedade pelo desenrolar de filmes e as reviravoltas da sua conclusão.

Na questão da identidade dos espíritos nas mensagens psicografadas, Kardec nos traz uma preocupação com o teor da mensagem, com a caligrafia, com a linguagem, com relatos de pessoas que o conheceram em vida, conforme descrito na introdução de O Livro dos Espíritos, sempre com ceticismo, e percebendo, segundo o próprio codificador, que isso não é uma questão tão relevante.

Na reencarnação, tem-se que a situação é mais complexa, pois no processo de nascer de novo, há uma reconstrução da personalidade em um novo contexto, e essas relações de identificação são mais complexas, sendo mais exitosas no caso de lembranças espontâneas ou regressões, como já citado, e que relacionam dados e documentos a essas lembranças. E, ainda assim, como já afirmado, os pesquisadores são bastante cautelosos nessas afirmativas.

Dessa breve discussão, fica a seguinte reflexão: diante de mais uma informação de rede social, sobre o fulano de hoje ser o sicrano do passado, nos importa saber, primeiro, da relevância dessa informação para o que nos interessa, nos minutos sagrados da reencarnação. Segundo, vale avaliar não só a credibilidade da fonte, mas que ideia se busca reforçar com esse argumento reencarnatório. Pode ser para aumentar a credibilidade de alguém por conta de sua

suposta identidade de outra vida, como é geralmente utilizado esse artifício. E isso é preocupante.

Espírita, imbuído de uma fé raciocinada, que estuda e reflete sobre o que lê, já tem elementos suficientes para trafegar nesse mar de informações das redes sociais, fugindo desse canto de Sereia de ficar procurando personalidades reencarnadas, uma diversão não muito diferente das mesas girantes de outrora, mas que por detrás trazem discussões muito mais relevantes, que não podem sumir na superficialidade dessas coisas.

37 Como seguimos o Cristo?

Allan Kardec, em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, procura trazer uma obra que faça o diálogo das máximas morais do Cristo com o novo paradigma trazido pelo espiritismo, mostrando a relação desse novo mundo com o que se tinha no cristianismo em relação aos seus aspectos mais universalizantes.

Ao ouvir dizer por aí que o espiritismo é cristão, uma sentença coerente, cabe a pergunta decorrente de a que viés se refere o uso da expressão cristianismo. Kardec, na obra citada, tem muito cuidado em relacionar o espiritismo a um cristianismo raiz, na sua essência, resumido sem reducionismos à ideia de amor ao próximo.

Cabe recordar que a Idade Média presenciou as cruzadas, uma guerra sangrenta em nome do Cristo, utilizando-se da religião como subterfúgio para a ocupação de terras, na busca de interesses econômicos e geopolíticos. A fé no Cristo impulsionou muitos a sair de suas casas para combater o inimigo muçulmano.

Também mais à frente na história, nos tribunais da inquisição, na busca de combater inimigos, mais uma vez o nome do Cristo foi utilizado para torturar, destruindo famílias e vidas, em uma sanha persecutória que se expandiu não só pela Europa, mas, também,

pelas Américas colonizadas, destruindo tudo o que não fosse o padrão imposto.

O fenômeno da escravidão também recebeu a bênção dos seguidores do Cristo que, com malabarismos filosóficos, de seres sem alma, ou que não fossem filhos de Deus, legitimaram a dominação do homem pelo homem, repetindo as crueldades da tortura e da opressão.

Outros eventos lamentáveis da história se fizeram com a bênção e a participação de indivíduos que ostentavam símbolos e palavras que remetiam à figura de Jesus. Hoje ainda desfilam cenas inimagináveis nas quais as ideias do Cristo, a sua essência, são deturpadas ao limite, na busca de acomodar toda ordem de interesse político e econômico.

Ao ouvir que o espiritismo é cristão, faz-se mais do que necessário identificar a que cristianismo está se referindo. O binômio espiritismo e cristianismo precisa ser coerente, fazer sentido. Não pode o sentido atribuído por muitos à mensagem do Cristo, de legitimização de ódio e violência, ser o que se encaixa no espiritismo. Não por outra razão, Kardec escreveu uma obra que fazia esse diálogo, para que não se use retalho de pano novo em roupa velha.

O espiritismo traz em si ideias revolucionárias, de múltiplas existências à possibilidade de se comunicar com o mundo espiritual. Visões que mudam a forma de interpretar a realidade, inclusive em relação às questões trazidas pela mensagem do Cristo, fazendo luz sobre

esses fatos e palavras. O espiritismo é a lupa para ressignificar alguns aspectos do cristianismo.

Mas se o caminho é o inverso, e as vicissitudes interpretativas do cristianismo ao longo dos séculos contaminam o espiritismo, mexendo na sua essência, a coerência se perde, sendo apenas a repetição de modelos que não cabem mais no mundo atual, distantes da essência da mensagem do meigo nazareno.

O espiritismo não é cristão por que pretende se agregar à maioria, mas porque, como indica Kardec em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, existem ideais convergentes, e o espiritismo vem reforçar aspectos essenciais trazidos pelo conhecimento evangélico. Uma lição complexa, e que em muitos casos ainda temos dificuldades de captar. Mas chegaremos lá.

38 E aí, o que queremos com a IA no movimento espírita?

A ideia de Inteligência Artificial (IA) remonta décadas, mas com a popularização de aplicativos, como o ChatGPT, houve um crescimento desse debate, demarcando a inserção desse tema na sociedade. Para atestar isso, basta verificar diariamente as páginas de periódicos na internet, para ver como o tema permeia praticamente tudo atualmente, com muita coisa se autobatizando de IA, apenas com fins publicitários.

A conceituação de inteligência artificial, conforme disponível no sítio da IBM (<https://www.ibm.com/br-pt/topics/artificial-intelligence>), é que Inteligência Artificial, ou IA, é uma tecnologia que permite que computadores e máquinas simulem a capacidade de resolução de problemas e a inteligência humana.

Presente nos aplicativos mais utilizados, a IA como instrumento tem limites, precisa ser *treinada* e necessita de bases de dados robustas para a melhor qualidade dos seus produtos derivados, se prestando muito bem à realização de tarefas rotineiras, formatações, articulações de grandes massas de informações, mas se afigura como uma zona fronteira e ainda pouco explorado, com muitas incertezas ainda de suas possibilidades, mas com prenúncios de mudanças no modo de viver.

Como tudo que entra dessa forma, transversalmente na vida social, é mitificado e superestimado, servindo de mecanismo publicitário para vender ou encarecer coisas, mas esse cenário momentâneo não inibe o potencial da revolução social em curso propiciada pela IA, afetando aspectos econômicos, sociais, da vida do trabalho e da prática da espiritualidade.

No movimento espírita já temos livros ilustrados por IA, pessoas montando suas palestras e aulas de evangelização com essas ferramentas, e textos de periódicos construídos dessa maneira, além de uso no apoio a atividades administrativas. Mas isso é só o começo.

No mundo do cuidado pelo mundo, consultas médicas e psicológicas são conduzidas por mecanismos baseados em IA, e a gestão na relação com clientes e partes interessadas já faz suas interações toda nessas plataformas, sendo difícil recorrer a um atendente humano para resolver um problema cotidiano. Um mundo novo, fascinante e assustador.

Entre uma agitação muito grande mesclada a um receio, tem-se ao final uma utilização massiva, às vezes, sem nem saber direito, em um cenário que remete a reflexões, em especial no âmbito da visão espírita e da condução de nossas atividades.

A primeira questão é de que com o avanço da IA, teremos mais tempo livre (o que pode se traduzir em desemprego e reformulação de relações de trabalho), e tenderemos à *pasteurização* de procedimentos, agora

rotinizados e delegados, o que pode nos fazer em alguma medida mais preguiçosos para fazer coisas mais elaboradas, frente à comodidade de se usar uma IA.

Com isso, a impessoalidade, que já reina nas relações mediadas pelas redes sociais, vai assumir outras proporções e o contato humanizado será mais restrito, diminuindo a empatia, o diálogo e a qualidade das relações.

Sem ter medo de uma tomada de poder pela IA, como preconiza a ficção científica, o receio é de outra natureza, assustando a deterioração da convivência, o que agudiza o egoísmo, a truculência e valoriza o acessório em termos de evolução espiritual.

Esse debate, para além da superficialidade do sou contra ou a favor, bate na porta do movimento espírita na tentação de restringir e pasteurizar nossas atividades, por essa delegação que nos afasta da interação humana no espaço de convivência que é a casa espírita, seja no assistencial, no doutrinário ou no mediúnico, em especial em um mundo pós-covid no qual nos acostumamos à interação virtual com a casa espírita.

Isso é ruim? Não, mas há consequências que precisam ser conhecidas e sopesadas. Atendimento fraterno, a reflexão na construção de uma palestra ou um artigo, a beleza de atividades interativas, as canções que vêm com a inspiração, esse fazer artesanal e suas virtudes pode ser engolida por uma produção em série de produtos consumidos vorazmente e de forma superficial.

O espiritismo é algo vivencial, qualitativo, e não se restringe a volumes e quantidades, e a praticidade da IA, desejável para várias coisas, pode ter efeitos na essência do movimento como um espaço de interação humana, tirando a nossa atenção da reflexão para a informação em profusão.

Da mesma forma, por ser um organizador de conhecimento disponível, a IA tem vieses, tem lógicas que podem confrontar com o espírito da doutrina, em especial por se servir do universo da internet e por, vezes, não ter a visão crítica de fontes, na busca de ser plural, sem diferenciar as informações por bases evidenciais ou inconsistências.

A produção de vídeos falsos e convincentes torna a busca da verdade mais complexa, com uma enxurrada de notícias inverídicas e isso pode afetar nossos textos e produtores de conteúdo, podendo ser a IA um instrumento de desinformação, recheada de bênçãos de mensagens mediúnicas para atribuir àquele conteúdo credibilidade.

Ainda que no espiritismo importe mais a mensagem do que a fonte ou o medianeiro, essa mesma visão nos inspira a analisar com cuidado a produções de derivadas de IA, para que os vieses sejam percebidos e discutidos, fugindo do endeusamento de conteúdos oriundos de IA, como fazemos, por vezes, diverso da lógica kardequiana, com médiuns.

Assim, ideias estranhas e embaladas de forma acrítica, muitas até absurdas podem tornar mais superficial o debate espírita, fazendo-o conteudista,

polarizado, mas ao mesmo tempo com uma roupagem inovadora, para atender ao fetiche mercadológico de dizer que está usando ali a IA, como um símbolo de modernidade.

A doutrina espírita dialoga com a ciência, com a tecnologia e com a inovação. É do seu DNA esse acompanhar as coisas novas que surgem, e essa é uma de suas forças, o que não significa absorver toda novidade sem contextualizar esta com a realidade e seus pressupostos, em especial a IA, que apesar do caráter instrumental, afeta a essência das coisas, longe de ser algo neutro.

A revolução da IA é inexorável, como foi a da televisão, da internet, do vapor, da eletricidade e tantas outras que modificaram o nosso modo de vida e a nossa forma de vivenciar a doutrina espírita, gerando possibilidades e ganhos. Mas, também, essas revoluções tiveram suas consequências que nos conduziram a reflexões, e passaram pela superficialização do debate e pelo abandono de práticas. A Revolução da IA também terá consequências na nossa forma de sermos espíritas.

Kardec, se encarnado, seria um entusiasta dessa novidade, mas com cautela, atento a superestimativas e ilusões, algumas com claros fins comerciais, e que santificam a novidade, no mito tecnológico que esquece que o mundo é uma soma de novidades de cada época, que ajudaram a construir o mosaico atual, permanecendo o que é bom.

39 Espíritas de gabinete?

Daniela Arbex é uma escritora muito conhecida pela sua obra *Holocausto brasileiro*, que trata dos horrores de um sanatório mineiro, além da sua recente obra sobre as vítimas do desastre de Brumadinho. Mas a autora se aventurou nas questões do mundo invisível com a excelente biografia *Os dois mundos de Isabel*, lançada em 2020, pela Editora Intrínseca e que trata da vida da médium, radicada em Juiz de Fora - MG, Isabel Salomão de Campos.

O livro é emocionante, muito bem escrito e de uma leitura fluida e prazerosa. Em determinado trecho da obra (p.131), narrando um ocorrido com a médium, em relação a uma oposição se ela deveria estudar ou trabalhar atendendo, e a resposta que lhe é dada é: – *Atenda, minha filha, porque cristão de gabinete existe um monte. Precisamos é de trabalhador* – invocando uma expressão *de gabinete* que surge, vira e mexe, em falas do movimento espírita, mais ou menos nesse sentido.

Qual o *busílis*, o ponto nessa questão que enseja escrever algumas linhas para a reflexão? É essa insistente pseudo oposição entre estudo e trabalho, como se ao se priorizar um, necessariamente o outro é reduzido, isolados em caixas diferentes. Para não dizer que não falei das flores, como existe a pecha de espírita

de gabinete para o que foca no estudo e não quer trabalhar, muitos dirigentes espíritas também colocam o foco no estudo, de modo absoluto, e minimizam iniciativas práticas na assistência e na área mediúnica.

E assim caminha a humanidade, nessa luta velada dos que metem a mão na massa contra os que enfiam a cara nos livros. Ledo engano, pois essas atividades se complementam e só têm sentido juntas. O estudo fortalece a prática. A prática dá sentido ao estudo. Parafraseando o físico Albert Einstein, que dizia que *Ciência sem religião é coxo, religião sem ciência é cega*, pode-se dizer também que o estudo sem a prática é coxo, e a prática sem o estudo é cega.

Essa visão *de gabinete* dá a entender que as funções de caráter intelectual, de direção, de livros grossos, não fossem tão importantes quanto aquelas que nos colocam com o pé no barro, muitas vezes, uma crítica fundamentada na vaidade que seria alimentada por essa vertente intelectual, e que pode perfeitamente florescer em atividades mais concretas, seja na mediunidade, seja na atividade assistencial. Não se iluda, a vaidade se enraíza no coração de todos.

Importante resgatar esse equilíbrio entre os que estão no gabinete e os que estão na ponta, todos músicos da orquestra da evolução espiritual, trilhada no planeta Terra, entendendo, sim, a necessidade do trabalho que modifique realidades e que nos torne melhores, mas, também, a importância do estudo que nos ilumine e oriente diante dos desafios.

Se as escolhas na vida espírita nos empurram para atividades mais intelectuais, pelo nosso perfil ou pela necessidade do contexto, importante lembrar que o estudo e a sua divulgação podem ter um sentido de trabalho, de consolo e esclarecimento, valendo o mesmo para os chamados para ações mais práticas, que não podem esquecer do estudo da doutrina espírita e seus fundamentos.

Ouve-se muito nas casas espíritas que quem trabalha deve estudar, mas pouco que quem estuda deve trabalhar. Outras facetas desse antagonismo que nos torna menores. Faz-se necessário entender essas asas, que mais do que um equilíbrio permanente, são membros que se comunicam entre si, ligadas ao mesmo pássaro e que juntas, compõe o corpo que realiza o voar necessário, firme e determinado. Uma visão de totalidade.

Colabore na obra do Cristo, amigo leitor, de acordo com a sua afinidade e necessidade, mas não se esqueça que a mente guia a mão, e que a mão transforma o mundo que os olhos veem. A vida nos pede integração de forças, e não para ficarmos isolados, em caixas que na verdade se comunicam, e nós é que, por motivos diversos, não percebemos.

40 Evangelho ao pé da letra

Igor gabava-se de praticar o evangelho ao pé da letra. Cumpria as designações de Jesus à risca, sem espaço para interpretações ou para adaptações. Fidelidade sempre.

Diante de uma divergência na casa espírita, instaurava logo a contenda, invocando que Jesus não veio trazer a paz e, sim, a espada. Frente a um amigo em dificuldades, sacava logo que quem com ferro fere, com ferro será ferido, para justificar as mazelas apresentadas.

E, assim, combinando literalidade com conveniência, Igor ia seguindo seu caminho na trilha do evangelho, justificando seus posicionamentos e jogando evangelho nas pessoas com força, pintando um Jesus do Igor, bem diferente da sua essência.

Certo dia, à noite, durante um sonho, viu a figura de Jesus a lhe dizer: *Igor, prenda-se à essência da minha vida ao ler o Evangelho! Você verá que não era isso que eu queria dizer!*

Sobressaltado, Igor acorda e indignado reclama: *Ora, mas até Jesus quer contrariar o que está escrito no Evangelho! Que absurdo!*

Apesar de espíritas, vivemos em uma sociedade marcada por séculos de um cristianismo preso a formalidades, ritos, discursos de força e intimidadores,

nos quais o evangelho se torna um livro sagrado e inquestionável, o que dá força a essa visão de literalidade que mais distorce do que fideliza.

E isso nos contamina também. Basta ver como nos reportamos, por vezes, às perguntas de *O Livro dos Espíritos*, decoradas, até no número, e tomadas por vezes fora do contexto.

Essa fidelidade a trechos isolados de forma descontextualizada é, na verdade, uma forma de interpretação, e com grande potencial de deturpação e manipulação, moldando a conveniência das verdades que se quer vender.

Tanto no evangelho de Jesus quanto no espiritismo, interessa a percepção da essência da mensagem, fruto de um estudo aprofundado e harmonizado desse conjunto de conhecimentos.

A mensagem de Jesus é o amor. Em uma forma profunda e complexa. Isso é mais sagrado do que qualquer livro. O estudo dos seus ditos, de seus atos, ao longo do evangelho, reforça isso. Algo diferente pode ser desde problemas de tradução até mudanças ao longo das diversas versões, ou mesmo uma interpretação enviesada, daquelas que transforma Deus em um senhor dos exércitos.

Infelizmente, essa adesão à literalidade ainda encontra espaço num mundo que busca bulas para regular os cotidianos, o que nos faz ler o evangelho e as obras espíritas com um olhar estranho ao que preconiza o próprio espiritismo. Sutilezas que também

estamos um tanto distantes ainda de entender a essência do espiritismo.

Trechos isolados que já motivaram tantos enganos e equívocos são armadilhas que pela pretensão de proteger a essência dos evangelhos se tornam, ao fim, uma fuga dessa essência, como instrumento de imposição de ideias, às vezes, bem estranhas, ainda que palatáveis.

Importa que ao pé da letra não se converta em um pé na porta, pela truculência das ideias absurdas que insistem em se sobrepor à razão, contrariando não só a raiz da mensagem de Jesus, mas a ferramenta de segurança que Kardec nos legou, diante dessas dúvidas interpretativas.

41 Força, guerreiro!

É muito comum, inclusive nas relações no interior das atividades espíritas, a utilização de metáforas bélicas para se referir às atividades cotidianas. Trabalhos são vistos como lutas, obsessores como inimigos, e trabalhadores, como guerreiros. Uma forma de enxergar a realidade como uma grande batalha, com lados e vitórias.

Uma visão polarizada, superficial e maniqueísta da vida, na qual existe um lado certo, hegemônico, ungido, e que deve se sobrepor a um outro errado, que deve ser combatido, o que pouco dialoga com uma fé raciocinada, que discute e promove a construção do conhecimento, por meio do estudo constante e disciplinado, como propõe o espiritismo.

Palavras tem forças, atraem modelos mentais e ao nos referirmos às nossas atividades como se fossem batalhas, trazemos uma carga bem diferente da mansidão do nazareno, o cordeiro de Deus, e deixamos de lado um sentimento de construção da paz interior, para dar espaço a visões de que os problemas estão fora de nós, em inimigos a serem destruídos. Mais distante do ideal espírita, impossível.

O amor que une, concilia e perdoa, perde para um sentimento bélico de força, que dialoga com a raiva, o medo e o ódio. O espiritismo é algo que se faz na

essência das relações, e não na etiqueta de denominações, e se agimos de forma diferente da mensagem do Cristo, que nos mandou amar nossos inimigos, os efeitos concretos serão de igual natureza.

O espiritismo não nos convida para uma batalha espiritual, e, sim, para a construção do homem de bem por meio do estudo e da prática do bem, em uma proposta de solidariedade e de busca do conhecimento como chaves do processo evolutivo. A superficial e tentadora ideia de lutar contra inimigos externos já se mostrou fadada ao insucesso na história do cristianismo, servindo aos interesses da manipulação e da hipocrisia.

Não somos guerreiros, e, sim, discípulos de um filho de carpinteiro, estudiosos da obra dos espíritos trazida por um professor francês, e vemos como a maior vitória a ser obtida aquela sobre as nossas imperfeições durante a encarnação. Não há inimigos, há irmãos. Não há batalhas, há trabalho. Não há vitória, apenas evolução.

42 Galileu da Galileia

Perto de completar 50 anos, a música de 1975 do cantor e compositor Jorge Ben (hoje Benjor), *Caramba!... Galileu da Galileia*, é uma obra-prima de criatividade, misturando a figura de Jesus com outro personagem histórico, Galileu Galilei (1564-1642), estudioso italiano que sofreu perseguições dos seguidores do outro Galileu já citado.

Sim, prezados leitores, com base em suas observações astronômicas, nos idos de 1600, Galileu Galilei defendia uma terra redonda e que girava em torno do sol, o que o levou a ser perseguido pela inquisição, sob a acusação de estar promovendo uma reinterpretação da Bíblia, uma heresia, o que o levou a situação de ter que se defender no Vaticano.

Consta no aspecto mítico desse episódio que ao se defender das acusações, temendo pela sua vida e de sua família, ele se retrata de sua teoria de que a Terra se movia ao redor do Sol, e na defesa supostamente murmurou a frase: *E ainda assim ela se move (E pur si muove)*.

Passados mais de quatro séculos desses acontecimentos, com o homem tendo chegado à lua e colocado telescópios em órbita, desvendando a imensidão do Universo, os discípulos do Galileu da Galileia ainda perseguem os seguidores do pai do

método científico, o Galileu da Itália, e muitos desses perseguidores ainda se declaram seguidores do eminente francês que cunhou a revolucionária expressão da fé raciocinada.

Espíritas com um pensamento anticientífico é a realidade que se vê em falas e escritos, o que choca tanto quanto lemos hoje nos livros os absurdos da inquisição perseguindo os que defendiam a tese do heliocentrismo, por contrariar escritos da bíblia interpretados de forma literal, considerando que ali jazia um livro sagrado e atemporal.

Na verdade, não há nada na doutrina espírita, nas obras de Allan Kardec, e em tudo de sério e razoável que se escreveu a partir disso, que legitime um pensamento anticientífico, não baseado em evidências, na razão ou em teorias consistentes. Aliás, nem nas palavras de Jesus se vê algo nesse sentido. O espiritismo tem um marcante caráter científico e dialoga com as descobertas e com o progresso, desde a sua gênese.

Afinal, no espiritismo se estuda, se debate, se questionam fenômenos e ideias. Esse é o legado Kardequiano que fez da doutrina forte e resiliente, livre de manipulações, sendo ao mesmo tempo revolucionária, como foi Galileu Galilei, a destronar a empáfia dos homens no centro do Universo, em um pensamento que alimenta ideias que ainda se perpetuam por aí, como de Jesus ser Deus, às vezes, adaptadas até na visão espírita.

A ciência desvela a realidade, que se impõe, por vezes, sem pedir licença às nossas crenças, algumas

delas fundamentadas nos nossos medos e em desejos de poder. Ainda que acreditemos em algo diferente, a terra se move ao redor do sol, e não são ameaças e fogueiras inquisitórias que derrubam a realidade, realidade essa que o espiritismo se propõe a interpretar em bases mais sólidas.

Não por outra razão, no capítulo I de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, tem-se que: *A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana: uma revela as leis do mundo material e a outra as do mundo moral. Tendo, no entanto, essas leis o mesmo princípio, que é Deus, não podem contradizer-se. Se fossem a negação uma da outra, uma necessariamente estaria em erro e a outra com a verdade, porquanto Deus não pode pretender a destruição de sua própria obra. A incompatibilidade que se julgou existir entre essas duas ordens de ideias provém apenas de uma observação defeituosa e de excesso de exclusivismo, de um lado e de outro. Daí um conflito que deu origem à incredulidade e à intolerância.*

Ai, ai, caramba, diria Jorge Benjor, diante da realidade de que ao contrário do Galileu da Galileia, do Galileu da Itália e do Kardec da Gália, o pensamento anticientífico, não libertador, insiste em ocupar as falas no século XXI, inclusive nas fileiras espíritas, demonstrando que a absorção da beleza dessa doutrina, revolucionária ainda hoje, se deu apenas no campo da superfície, faltando ainda o devido aprofundamento desta em nossos corações.

43 O coringa do baralho

Em tempos inflamados nas discussões políticas, com fantasmas rondando a consolidação da nossa jovem democracia, que vive de sobressaltos, as portas desse Carnaval pós-covid de 2023, o movimento espírita se vê às voltas com mais uma polêmica bordejando as suas fileiras, por conta de manifestações públicas de um conhecido médium e escritor, e que trouxe opiniões lamentáveis sobre situações recentes da vida política nacional.

E mais uma vez o módulo *treta* é acionado e entre depoimentos e falas, críticas e defesas apaixonadas, o debate público espírita e fora dele se concentra na conduta do médium, entendido de forma consensuada, como uma voz que de alguma forma representa o espiritismo perante a sociedade. Não há dúvida que essa postura é objeto de críticas legítimas, mas talvez seja preciso pensar um pouco fora da caixa.

Muito já se falou sobre o evento e faz-se necessário ir mais além. Enquanto os espíritas aguardam a próxima manifestação similar, e que virá, é preciso se lembrar de um baiano ilustre, mas não nas fileiras espíritas, e que apesar da sua loucura, trouxe uma frase que pode nos auxiliar na reflexão necessária nesse intervalo entre incidentes.

Sim, trata-se de Raul Seixas, nosso Raulzito. Mas, especificamente, na música *As aventuras de Raul Seixas na cidade de Thor*, lançada no álbum *Gita*, em 1974, passados quase meio século. E nessa pérola autobiográfica um tanto desconhecida da MPB, Raul traça os seguintes versos:

*Tem gente que passa a vida inteira
Travando a inútil luta com os galhos
Sem saber que é lá no tronco
Que está o coringa do baralho.*

Vem à mente, Raul, e esse trecho dessa música por um motivo simples. Nessa guerra contra os galhos, talvez estejamos esquecendo o *coringa do baralho*. Por trás de toda essa situação instalada, dessas manifestações opinativas de celebridades espíritas sobre eventos da política nacional, e de forma dissonante dos princípios esposados pela própria doutrina, paira um problema crônico e autoalimentado do movimento espírita também nos últimos cinquenta anos: o endeusamento de médiuns.

Pois é, senhoras e senhores. Precisamos falar sobre isso com urgência e com centralidade. Uma doutrina alicerçada no trabalho de um homem, Kardec, que adotou um pseudônimo e omitiu os nomes dos medianeiros na sua obra, para que sobressaíssem as ideias, se vê na sua versão *à brasileira* totalmente centrada nos médiuns, credenciados por aclamação e entendidos como porta-vozes de uma espiritualidade

superior de forma acrítica, como verdadeiras pitonisas modernas.

Sem enfrentar essa questão, sairá de cena um médium, e virão outros. E os problemas se perpetuarão, pois são questões estruturais, oriundas de apropriação de práticas de outras religiões e da falta de um entendimento do pensamento espírita. Aí, a opinião do médium se reveste de um caráter sacrossanto, qualquer crítica é um sacrilégio, e as verdades valem pela conduta moral desse intermediário. Realmente, o oposto de tudo o que trouxe Kardec.

De uma visão na qual se valoriza analisar as mensagens e seu conteúdo de forma crítica, de não vincular as mensagens ao médium ou à identidade do espírito comunicante, de não se ter mensagens de espíritos que entrem em assuntos que devem ser dos encarnados, fomos alimentando, ao longo de décadas, a ideia simplificadora de se ter um mediano credenciado e ungido, e que seja o substituidor de nossa razão por apresentar ideias palatáveis, a serem absorvidas e digeridas facilmente.

Tudo isso fragilizou muito o movimento espírita, afastando-se dessa visão kardequiana, colocando sua força em ídolos de pé de barro, por conta de uma visão na qual tudo que vier pelo canal oficial deve ser objeto de um sonoro amém. Em tempos difíceis, como os atuais, nos quais as instituições de diversas matizes se viram capturadas por ideologias políticas totalizantes, uma fragilidade dessa aflora e mostra o preço que acabamos por pagar por fugir da nossa essência.

Mas não é só esse galho que sai desse coringa. Tem-se uma visível importação de lógicas e estéticas de diversas denominações religiosas no espiritismo, um afastamento do estudo em função de romances e textos com traços de autoajuda e, ainda, a deturpação de conceitos espíritas para justificar ideias que se assemelham a doutrinas que já envergonharam a humanidade. Um caldeirão aquecido pela falta de se observar os princípios kardequianos, vendo nos médiuns o que eles não são.

A situação é complexa e com efeitos muito mais graves do que manchar a reputação do espiritismo, um desalento e um desânimo com o movimento, e que faz boas pessoas se afastarem, por perceberem que se cortaram as raízes e o que sobrou é algo diferente, e que não tem agradado corações e mentes mais amadurecidos, o que pode nos conduzir a uma extinção, ou pior, a uma deturpação de tal modo que não sejamos mais reconhecidos.

A cada evento desses, é preciso que as corajosas vozes do contraponto se levantem, apontando por argumentos a impropriedade dessas falas, em especial em espaços ligados à prática espírita. Mas faz-se necessário que seja enfrentada a nossa relação com a mediunidade e com os médiuns, e como tratamos os conteúdos de suas mensagens, como uma chave libertadora de nosso movimento, para rompermos a *inútil luta com os galhos*.

44 O permeado e o insulado

É comum em atividades espíritas como estudos, artigos e palestras se utilizar de referências não espíritas. Músicas, filmes, livros são utilizados como auxílio metodológico para tornar determinados conceitos mais fáceis de serem compreendidos, como uma forma de ter um espiritismo que seja mais permeável ao cotidiano, menos insulado.

Tal abordagem, no entanto, não é consensual, chegando alguns ao extremo de não só usar referências espíritas, mas, também, recomendar que fora da casa espírita, se consuma, em termos de cultura, apenas o que for enquadrado como espírita, o que, a princípio, seria o produzido pelo movimento com esse selo, digamos assim.

Interessante discussão e que provoca profundas reflexões. A primeira é do que seria exatamente uma produção espírita, se é a feita no contexto do movimento espírita ou aquela que se alinha com os ideais da doutrina. Muita produção realizada dentro e fora do campo religioso sintoniza com os ideais da doutrina espírita, algumas não integralmente, e o caso mais comum é quando ouvimos que certo filme é espírita e, ao assistir a ele, vemos inúmeros equívocos doutrinários.

A segunda é se devemos ter uma postura insulada, consumindo em todas as dimensões culturais apenas

aquilo que nós produzimos como movimento. Uma postura que se choca com a ideia de que o espiritismo nos prepara para o mundo, para a rua, o trabalho e a família, nos dando elementos para que sejamos o melhor de nós nesses espaços.

Essas discussões conduzem à visão que temos da vivência espírita e do seu papel em nossa vida. Queremos um espiritismo que nos insule em uma redoma, ou que nos prepare para enfrentar os desafios do mundo? Queremos ter um pensamento autônomo e decidir com convicção, ou ficar presos à eterna vigilância?

Quando falamos que o espiritismo é diferente de outras denominações, é pela sua relação menos hierárquica, menos sectária e mais permeável em relação à sociedade. Como dizia Kardec: *Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más*, e Jesus afirmava que seus discípulos serão reconhecidos por muito se amarem.

Como ser reconhecido no isolamento do mundo, na bolha de uma crença. A necessidade de se viver no mundo, com pessoas de diversas formas de pensamento, é essencial, como forma de amadurecimento espiritual e desenvolvimento do nosso discernimento. Já vimos esse insulamento em outras fases da história e ele leva a consequências desastrosas.

Às vezes, idolatramos a pessoa que *vive no centro*, que só consome material como o selo espírita, e que despreza o mundo, decepcionada, mas que se esquece

de que é na vivência cotidiana que está a estrada da nossa evolução, e que o espiritismo não é credencial evolutiva e, sim, ferramenta de auxílio no avanço como espírito.

Viver o mundo, enfrentar o mundo, e ver no mundo, para além dos portões da casa espírita, espaços de crescimento e aprendizado. Na casa espírita nos fortalecemos, aprendemos e refletimos sobre os desafios diários, fora daquele microcosmo, para que sejamos espíritos melhores ao final da encarnação, enfrentando as lutas cotidianas.

O espiritismo é essa lente que dispomos como forma de interpretar o mundo, nos auxiliando nos processos decisórios, nos embates, nos momentos de alegria e de dor. Mas para funcionar, precisa ser permeado pela realidade, para que não se converta em ilusão pela interpretação de almas aprisionadas.

45 Pensar para falar

Uma crítica muito comum nos tempos atuais é de que não podemos falar o que pensamos, pois as pessoas se sentiriam ofendidas, mas, ao mesmo tempo, ao não falarmos o que vem à nossa mente, estaríamos sendo hipócritas, escondendo a nossa verdadeira essência.

Essa argumentação, um tanto pueril, é comum entre os que se incomodam por serem repreendidos socialmente por exporem as suas opiniões sobre a aparência, a raça, a orientação sexual, dentre outras características das pessoas, por pensarem que é a sua opinião e deve ser expressa.

Valem duas ponderações nesse sentido, e o conhecimento espírita será essencial nessa construção.

O primeiro ponto é que expressar a opinião ofensiva sobre a característica de qualquer pessoa é um desrespeito, uma ofensa, e em última instância, uma falta de caridade. Daí nasce o *bullying*, o preconceito, o ódio nas relações, que se afastam da solidariedade e da empatia, dando espaço para suicídio, brigas e ataques de fúria.

Se a característica da pessoa não produz efeitos danosos a outrem, ela deve ser respeitada, e mesmo que supostamente cause danos, a forma de tratar a questão não dispensa o amor no coração, dado que

como espíritas, seguimos aquele que diante da prostituta a ser apedrejada, invocou a primeira pedra.

Palavras são navalhas e falas ofensivas, em especial derivadas de parentes próximos, são instrumentos que causam dor moral, e distante de ser uma forma de ajudar um irmão em dificuldades, se for o caso, é apenas um tipo de agressão, que ofende e afasta, distante do amor ao próximo que pauta o espiritismo.

O segundo argumento é de que no convívio social nos pautamos pela tríade pensamento-palavra-ação, e que deixar de fazer ou falar o mal é uma forma de educar nosso pensamento, pela reflexão, para que, aos poucos, tenhamos este mais coerente com o que buscamos na essência da palavra do Cristo.

Se fazemos coisas reprováveis, é interessante cessar. Mas, se ainda assim, falamos, é preciso abandonar esse caminho aos poucos. E fruto dessas reflexões, nosso pensamento se modifica. Essa é a essência da ideia da evolução. Muitos de nós no passado, inclusive nessa encarnação, agredimos física e verbalmente pessoas por conta de características, e agora vemos que essas atitudes eram equivocadas, e fomos abandonando essas práticas paulatinamente, e hoje, renovados, pensamos diferente, o que se reflete nas falas e nas ações.

O pensamento é a fonte das falas e das ações, mas essas também alimentam e reforçam o nosso coração, em um eixo aprisionador, que precisa ser quebrado para garantir a renovação, e o exercício da empatia, de se

colocar no lugar do próximo, amando-o como a si mesmo, é um bom caminho nesse sentido.

No espiritismo aprendemos que podemos fazer, falar e pensar o que quisermos, mas, também, sabemos que colheremos as consequências dessa sintonia, que é, nada mais, nada menos, que um reflexo de nosso grau evolutivo, que não é uma marca fossilizada, e, sim, uma condição transitória, e que estamos nessa encarnação para superar e ser algo melhor ao final dela.

46 Precisamos conversar sobre a intolerância religiosa

Jovem adolescente na escola é vítima de *bullying*, pois os amigos tomam conhecimento de que ele e sua família professam uma religião de matriz africana. Templo espiritualista é vandalizado na calada da noite, incendiado e destruído. Evento ecumênico televisivo com a presença de espíritas omite a mediunidade como um dos pilares da doutrina. Protesto contra a intolerância religiosa passa em brancas nuvens na imprensa espírita. Barraquinha de livros espíritas na rodoviária da cidade é inviabilizada pela perseguição da fiscalização municipal por conta de intolerância religiosa.

Nós, espíritas, ao tomarmos conhecimento de alguns desses fatos narrados no parágrafo acima, olhamos para o lado, como se esse problema não fosse nosso, calcados na ideia de que o espiritismo é uma religião de matriz cristã e se coloca ao lado dos grupos hegemônicos, acima de qualquer perseguição ou intolerância.

Esquecemos que a liberdade de culto e o respeito às manifestações religiosas são um princípio de pluralidade, de bom convívio social, e que a hostilização de crenças diferentes é uma ofensa ao princípio da caridade, causando sofrimento ao próximo, de forma totalmente contrária ao que prega o espiritismo.

Pensamos ser parte do grupo hegemônico, e escondemos os traços relacionados à mediunidade e a reencarnação, na busca de sermos mais aceitos, pois muitos bem lembram, lá no fundo, de tempos de meio século atrás quando éramos objeto de perseguição mais ostensiva. Afinal, já fomos crime no código penal. E para fugir da nossa opressão, por vezes, nos postamos como opressores.

Julgamos ainda haver uma religião certa frente a outras erradas, e que as outras devem ser combatidas. Pensamento totalmente estranho aos ideais espíritas, e a literatura, que mostra os espíritos atuando onde há o bem, e que a religião, seja qual for, é um instrumento de apoio à evolução, ainda que se veja tanto mal praticado em nome de Deus.

O tema da intolerância religiosa deveria constar com destaque na agenda do movimento espírita. Ser objeto de debates, de estudos. O mais curioso dessa questão é que, por vezes, se defende uma postura de intolerância pautado na ideia de pureza doutrinária, contraposto a um silêncio em relação à importação de modelos e práticas totalmente estranhas aos fundamentos espíritas, mas aceitos apenas por virem de religiões de matrizes cristãs.

Existe, também, a negação do problema, na afirmativa de que nosso país é plural, e de que essa intolerância religiosa é fantasiosa. Essa tese não sintoniza com os fatos. O II Relatório sobre Intolerância Religiosa: Brasil, América Latina e Caribe, publicação organizada pelo Centro de Articulação de Populações

Marginalizadas e pelo Observatório das Liberdades Religiosas, com apoio da Representação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) no Brasil (<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000384250>) indica um aumento dos casos de forma impressionante.

Os dados do portal Disque 100, do, então, Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, indicam a ocorrência de 477 casos de intolerância religiosa em 2019, 353 casos em 2020 e 966 casos em 2021, considerando-se que o fenômeno da pandemia de Covid-19 pode ter afetado a queda em 2020. Dados de 2022 indicam um sentido ascendente de casos (<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/01/18/lei-torna-mais-severas-as-penas-para-crimes-de-intolerancia-religiosa.ghtml>), e como se imagina, as religiões de matriz africana sempre figuram entre as mais atingidas.

Atores da sociedade, inclusive de denominações religiosas, tem se posicionado no sentido da promoção da tolerância religiosa, e, sim, existem espíritas oficial e extraoficialmente envolvidos nessas lutas, mas é nítido, também, que apesar do esforço de alguns, inclusive da Federação Espírita Brasileira, esse tema, digamos, assim, não tem destaque na agenda do movimento, o que se materializa pelos textos, falas e produção.

E não, esse não é um tema político. Se o é, não é mais do que outros temas que têm reflexo político e são abraçados efusivamente pelo movimento espírita. Esse é um tema da convivência humana, da fraternidade e do

diálogo. Temas caros a nós, e a intolerância é algo concreto, que se manifesta nas microrrelações, alojado nas mentes e nas atitudes.

Continuamos acreditando que esse é um problema das outras denominações, que somos ungidos e que estamos fora dessa perseguição, esquecidos do passado, do presente que não detectamos e do nosso dever na compreensão das diversas expressões do trato da questão da espiritualidade, como fenômenos sociais, históricos e humanos.

A sociedade continua se movimentando e tem-se o dia 21 de janeiro como o dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, instituído pela Lei Federal nº 11.635, de 2007, e em janeiro de 2023 foi promulgada a Lei nº 14.532, de 11 de janeiro de 2023, que equipara a injúria racial ao racismo e cria o crime de injúria racial coletiva, além de prever novas penas para casos de racismo em religiões, atividade esportivas e recreações. Iniciativas valorosas, mas o nosso ponto aqui é mais interno, da invisibilização desse debate na casa espírita.

E como reverter isso, sem descambar para um debate politizado e polarizado? Bem, o dia 21 de janeiro é um bom mote para que se possa construir uma agenda de debates, seja na tribuna, seja no texto escrito, promovendo a reflexão de em que medida podemos atacar essa questão em nós mesmos, construindo um ambiente de tolerância religiosa a partir de cada um.

Temos casos concretos onde essa intolerância se manifesta na casa espírita. Apenas para exemplificar: como reagimos quando na reunião mediúnica se

manifesta um espírito utilizando expressões típicas da matriz africana? Quando no atendimento fraterno a pessoa revela ter vindo de uma casa espiritualista, como nos portamos? Se o colega diz na casa espírita que vai lá somente por que gosta dos estudos, mas na parte mediúnica, vai a outra denominação, o que respondemos?

Não se trata de uma absorção do espiritismo por outras práticas, mas de uma compreensão, caridosa, de que o sincretismo permeia a prática religiosa no país, e que se a pessoa foi ali à casa espírita, ela procura algo, e que demanda um tratamento respeitoso e amável de respeito às suas crenças.

Isso, por óbvio, é bem diferente do enxerto de conteúdos diferentes à lógica Kardequiana em textos, palestras e livros. Mas mesmo essas questões devem ser objeto de análise fraterna, evitando censuras truculentas, no bom diálogo que promova à reflexão do que é ou do que não é espiritismo, e de que fatores levam a um entendimento e não a outro. Fé raciocinada se constrói por diálogo e argumentos, e não por bulas de temas proibidos.

A casa espírita pode também, nos ventos do dia 21 de janeiro, trabalhar não só a intolerância intramuros, mas, também, as condutas no cotidiano, frente a um colega de trabalho que espouse ideias diferentes da sua, em situações de discriminação no ambiente escolar e ainda, na família, em especial com a formação de casais que quem chega tem uma religião diferente.

O exercício da tolerância é uma manifestação da caridade, e ainda que não concordemos com a visão da transcendência do outro, isso não implica em ele ser nosso inimigo, a fonte do mal, ou algo a ser combatido. Como diz o adágio que ouvi muito na juventude espírita, o patrão é o mesmo, só muda o guichê. E muitos se colocam pomposos em certos guichês, mas na prática servem a outros padrões.

Ao chegarmos ao país da luz, a credencial que nos será pedida é a da evolução espiritual, e isso pode se dar em qualquer cultura e em qualquer denominação religiosa, lembrando sempre de outro bordão caro ao espiritismo, de que muito será dado a quem muito será cobrado. Não há garantia de evolução por se filiar à crença A ou B. São apenas instrumentos de evolução.

Aliás, cabe sempre lembrar que ao ser intolerante, utilizando de violência no trato com outras denominações, estamos trazendo para a prática espírita visões estranhas à sua essência, o que é uma forma de deturpação do espiritismo, contraditória por alegarmos a intolerância pela pureza doutrinária, colaborando com esta na prática.

Importante que esse tema, que não deveria ser árido, figure na nossa pauta. Em nada nos é estranho, seja dentro ou fora da casa espírita, e na inserção do espiritismo na sociedade. O diálogo entre as religiões pode ser objeto de sinergia, mantida a identidade de cada crença e seus pressupostos. O livre exercício de culto é um direito de cada cidadão e todos nós estamos

sujeitos a ter que invocar esse direito. E muitos espíritas têm tido problemas graves no exercício da sua fé.

A tolerância gera tolerância. O diálogo é o tijolo robusto na construção de pontes. A sinergia nos espaços comuns é uma marca de civilidade e de espírito fraterno. Jesus dizia que seus discípulos serão reconhecidos por muito se amarem. O amor também prevê o respeito a quem crê de forma diversa de nós, e ainda, em relação a quem não crê em nada. Isso tudo são rótulos passageiros, temporais, e o que fica é o espírito, essência, que trilha de mãos dadas com cada irmão o caminho da evolução.

47 Que fé raciocinada é essa?

Conversavam, em um diálogo fictício que poderia ser real, dois espíritas na porta de entrada do centro, sobre um dos seus filhos ter sido aprovado para uma universidade. Enquanto um se alegrava e exaltava os dons intelectuais de seu filho, o outro lhe chamava a atenção de que a universidade era um antro de ateus e que possivelmente, indo lá ter contato com aquelas teorias, logo se afastaria da doutrina espírita, seduzido por pensamentos agnósticos.

Essa historieta de receio de pisar na universidade e ali perder a sua fé ilustra o pensamento de muitos dos adeptos das ideias espíritas, o que é no mínimo espantoso, pela proposta da própria doutrina espírita de ser algo moderno e sintonizado com a realidade e suas inovações. Mas que raio de fé raciocinada é essa na qual temos medo de ir à faculdade e virar ateus?

O espiritismo nos prepara para enfrentar o mundo e não para viver em uma redoma. Ele nos dá elementos para conviver em todos os ambientes profissionais, conjugando a diversidade de ideias e visões com o respeito fraterno e o diálogo argumentativo. Não busca o espiritismo criar comunidades isoladas nas quais todos pensem iguais e comuniquem dos mesmos ideais, como os Amish estadunidenses. Não, esse isolamento não tem lastro na doutrina dos espíritos.

Esse medo de transitar no mundo e ser capturado pelos ideais materialistas é, inclusive, uma visão equivocada das pessoas que optaram por não crer em Deus ou seguir uma religião. Esse grupo, que segundo dados de 2012 constituem 16% da humanidade, são pessoas que merecem nosso respeito e, por vezes, se encontram desiludidos com essas religiões que não dialogam com a realidade, e buscam sua forma, às vezes, informal, de lidar com a sua espiritualidade.

A falta de um estudo denso e dialógico da doutrina espírita pode nos conduzir a esse medo do conhecimento que poderia abalar a nossa fé. Afinal, o próprio Kardec afirma que: *Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade*, indicando que talvez o problema não esteja na universidade, ou no mundo, ou nos livros, e, sim, na construção da nossa fé espírita, de uma forma cega, mas fantasiada de raciocinada.

Acabamos construindo uma relação dogmática com o conhecimento espírita, que pode nos levar a extremos fanatizados de só assistir programas de TV espíritas, ler livros dessa natureza e ouvir música espírita. Já vimos esse filme. O espiritismo é uma doutrina libertadora de consciências, pautada no estudo sério, não como se suas obras fossem escrituras sagradas ou a palavra de Deus, mas como um conjunto de conhecimentos que nos ajudam no processo de evolução.

Não devemos temer a universidade, o materialismo, a ciência. Essa é uma aliada do espiritismo e uma fonte de um pensamento também libertador. Devemos temer

a ignorância, a falta de debate, o argumento de autoridade e tudo mais que se opõe ao que dá ao espiritismo a sua maior força, pelo poder de dialogar com a realidade por meio dos tempos.

Nos idos de 1974, passados mais de meio século, o humorista Chico Anísio, acompanhado de Arnaud Rodrigues, fizeram uma sátira ao movimento da tropicália e criaram uma dupla de cantores: *Baiano & Os Novos Caetanos*, e que traziam um repertório que misturava belas composições com deboche e humor da melhor qualidade.

No primeiro LP de 1974 tem-se a pérola *Folia de rei*, de autoria da dupla, belíssima e que remete às comemorações religiosas de 6 de janeiro, tradição católica em todo país com visitas às residências da folia, e que tem o seguinte verso final:

Ai, eu partirei

Ai, eu voltarei

Vou confirmar a nova lei

Alegria em nome de Cristo

Porque Cristo foi o Rei dos reis.

Essa expressão *Rei dos reis* referindo-se a Jesus se popularizou, sendo também o título de um filme de 1927 e um de 1961, e traduz a ideia de um Jesus como um poder que se sobrepunha aos monarcas de qualquer época, comparando sua ascendência ao poder político e econômico temporal.

Curiosamente, no evangelho, ao ser indagado por Pôncio Pilatos, um dirigente terreno: — *Você é o rei dos judeus?*, ele mesmo renega essa condição ao responder: — *Tu o dizes; sou rei; não nasci e não vim a este mundo senão para dar testemunho da verdade. Aquele que pertence à verdade escuta a minha voz.* Ou ainda, em outra parte a mesma resposta: — *Meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, a minha gente houvera combatido para impedir que eu caísse nas mãos dos judeus; mas o meu reino ainda não é aqui.*

Kardec, em O Evangelho Segundo o Espiritismo, dedica o capítulo II todo a essa discussão, de que Jesus era algo maior, transcendente, muito além de ser o *Rei dos reis*, pois era uma relação diferente daquela de realeza e seus súditos. Ainda Kardec elucida brilhantemente nesse capítulo:

(...) Nem sempre o título de rei implica o exercício do poder temporal. Dá-se esse título, por unânime consenso, a todo aquele que, pelo seu gênio, ascende à primeira plana numa ordem de ideias quaisquer, a todo aquele que domina o seu século e influi sobre o progresso da Humanidade. É nesse sentido que se costuma dizer: o rei ou príncipe dos filósofos, dos artistas, dos poetas, dos escritores etc. Essa realeza, oriunda do mérito pessoal, consagrada pela posteridade, não revela, muitas vezes, preponderância bem maior do que a que cinge a coroa real? Imperecível é a primeira, enquanto esta outra é joguete das vicissitudes; as gerações que se sucedem à primeira sempre a bendizem, ao passo que, por vezes, amaldiçoam a outra.

Esta, a terrestre, acaba com a vida; a realeza moral se prolonga e mantém o seu poder, governa, sobretudo, após a morte.

Então, Jesus não era Rei no sentido que se pensava, situação por ele reafirmada, sendo ele uma liderança de um outro mundo, de uma outra perspectiva. Ele não era o *Rei dos reis*, pois não era um rei maior do que aqueles da Terra, e, sim, rei de uma realeza diferente, em que outras coisas importavam, valia um outro ponto de vista.

E por que isso é importante? Simples, se vemos em Jesus a reprodução de estruturas humanas, como o povo da época que esperava algum líder guerreiro para expulsar os romanos, passaremos a subordiná-lo à nossa lógica de poder, pensando que ele tem um mando religioso e político em termos da vida social, em um poder extensivo aos que se arvoram a ser seus representantes na Terra. E esse filme, já vimos o final.

O espiritismo, que quebra paradigmas, traz Jesus como rei de um reino diferente, como uma liderança de uma vida maior, espiritual, perene, e que está preocupado com as coisas do espírito, como dito a Nicodemos ou na fala *Dai a César o que é de César*. Um reino ainda a ser construído, em outras bases.

Parece coisa pouca, mas enxergar Jesus como *Rei dos reis*, ou como Deus, ou outras coisas que ouvimos por aí, é dissonante com a lógica espírita, e mais do que aceita, essa é uma verdade que precisa ser compreendida, pois a forma como vemos Jesus diz muito mais da nossa visão da espiritualidade do que sobre Ele mesmo.

49 Resgate do afastamento

Nos idos do final da década de 1990, esse que vos escreve estava em um grande anfiteatro para uma palestra espírita muito requisitada. Casa cheia, gente em pé, todos aguardando o início. Estava no segundo semestre de um ano eleitoral e aproveitando-se daquela concentração de pessoas, um senhor bem-vestido, discretamente ia abordando as pessoas, distribuindo seu *santinho*, ou seja, fazendo campanha eleitoral.

Ao ser cientificada desse fato, a organização do evento, por meio de um representante, abeirou-se do microfone e informou que a pessoa entregando os *santinhos* não tinha relação nenhuma com o evento, e ao terminar essa fala, foi efusivamente aplaudida pelo público presente, ao tempo que o candidato saiu de fininho, envergonhado e cabisbaixo. Jovem, eu me enchi de orgulho ao ver aquele evento.

E nesses quase trinta anos, vi outros eventos memoráveis nos quais o movimento espírita soube demarcar seu espaço em relação ao poder governamental, vendo casas espíritas recusando subvenções estatais para seus trabalhos assistenciais, ou ainda, federativas recusando a indicação, a pedido da secretaria de educação, de professores para o ensino religioso de espiritismo nas escolas.

Percebia um *ethos* consensual de que como movimento, como organização de caráter religioso, tínhamos relações com o poder público como qualquer agremiação, mas não poderíamos ter relações que nos tornassem reféns do jogo político, estranho ao nosso *métier*, ou que ferissem a laicidade do estado, um dos pilares da democracia. Isso era muito bem entendido por todos, pelo menos essa era a minha percepção. Percepção é subjetividade.

E, assim, passamos eleições e eventos relevantes na vida pública nacional, e não foram poucos da década de 1990 para cá, sem que isso afetasse as nossas pautas, nossos eventos. Cada um tinha lá sua opção partidária, alguns até militavam. De vez em quando, na cidade pequena, alguém da casa espírita virava Secretário de Saúde, mas não por que era da casa espírita, mas por conta de suas relações e da sua vida profissional e partidária.

Nossos atritos eram por questões de interpretações doutrinárias e nossos temas tinham importância na conduta cotidiana à luz da doutrina espírita e não por que ele estava relacionado a um diploma legal ou a um programa de governo. Seríamos omissos, ou respeitávamos as diversas esferas da existência e os papéis sociais de cada indivíduo?

Entretanto como a chegada da internet e das redes sociais, além de outros fatores ainda não totalmente identificados, esses papéis antes estanques começaram a ser percebidos de forma combinada e a persona no trabalho começou a ser comparada publicamente com a

persona da esfera política e com a persona da esfera familiar. Acabou a hipocrisia, diriam alguns. Pode ser? O fato é que ao cabo, as esferas da vida cotidiana se misturaram. E nossos naipes de preferências, em especial, as políticas, passaram a ser objeto de conhecimento e julgamento.

Ao mesmo tempo, fortaleceu-se a ideia de que precisaríamos de candidatos para nos representar, talvez para contrapor a presença de parlamentares de outras denominações de forma crescente, talvez por conta da própria popularização do espiritismo, não na formalidade do Censo do IBGE, mas como crença das pessoas em geral.

Um caldeirão de circunstâncias que causa certa impressão atual de que, passados quase trinta anos, talvez o distribuidor de *santinhos*, a depender da cor do *santinho*, atualmente não ia ser advertido pela organização do evento, e se fosse, ela não seria aplaudida. Uma impressão calçada em algumas observações, que nos conduzem a reflexões inadiáveis no ponto em que nos encontramos dessa questão.

Talvez não seria a hora de resgatar esse afastamento do mundo de César? Necessitamos mesmo, em nossas atividades, de candidatos que em suas plataformas ostentem a adjetivação espírita? Carecemos de recursos públicos em nossas atividades, mesmo as assistenciais? Devemos permitir que a tribuna ou o evento espírita sirva de propaganda eleitoral? Devemos estabelecer limites formais éticos para nossos dirigentes que decidam assumir carreiras políticas? São

questionamentos sobre situações hipotéticas e exageradas, mas que são plausíveis.

Um pacote de indagações que tem respostas não só no plano filosófico, mas também no plano concreto, pois não é que o jogo político seja mau, mas ele tem regras próprias de sobrevivência, financiamento e competição. Ao nos vincularmos mais fortemente a esse jogo, ficamos ao sabor de certos ventos, e podemos olhar para o lado, para outras denominações, para ver um pouco dos benefícios, mas, também, os possíveis prejuízos desta vinculação.

Saímos de nossa residência e vamos à casa espírita estudar, trabalhar a nossa espiritualidade, realizar ações de promoção social, encontrar nossos amigos. Para que ali seja somente isso, e não um espaço para angariar poder terreno, para mobilizar grupos com fins eleitorais, para debates sobre candidatos e suas propostas, coisas para quais temos espaços próprios para isso, talvez devamos realmente fazer essa reflexão dos limites em relação às atividades políticas, como movimento, casas e indivíduos.

Não se trata de ser apolítico ou de se omitir da discussão de temas relevantes para a vida social. A doutrina, desde 1857, sempre discutiu questões importantes da sociedade à luz de seus pressupostos. Não sei se precisamos que os espaços da sociedade para discutir os seus problemas, os partidos políticos, invadam nossos espaços, interessados em obter a nossa filiação. Não fazemos isso com eles, indo lá colher prosélitos para o espiritismo.

Um tema árido, mas toda essa mudança percebida nessa temática enseja realmente o debate maduro e a reflexão, e esse texto, como tantos outros, é uma tentativa de contribuir com essas questões. Se esse for o caminho, que se saiba o que se está fazendo, o porquê e os possíveis riscos advindos. E que se estabeleçam parâmetros consensuados para certas relações. Não podemos é achar que tudo é bom e bater palmas, de forma diferente do evento da década de 1990.

50 Reuniões espíritas

O capítulo XXVIII de O Evangelho Segundo o Espiritismo traz o tópico das reuniões espíritas, remetendo à fala de Jesus: *Onde quer que se encontrem duas ou três pessoas reunidas em meu nome, eu com elas estarei.* (S. Mateus, 18:20.), destacando a importância da comunhão espiritual em nossas atividades, independente da presença física.

As reuniões são os tijolos de nossas casas espíritas. É o que nos dá vida, o que coloca a doutrina em movimento, albergadas em uma casa que coordena essas diversas atividades, visíveis em calendários, mas, também, na identidade desses grupos que se formam.

Essas reuniões têm tipos, de acordo com as áreas já consolidadas de nosso movimento. O estudo se dá em grupos ou na palestra da reunião pública. Temos as reuniões mediúnicas e as atividades assistenciais, todas em grupos coesos e operosos, mas que, também, tem seus dias de conflito e de desgaste.

Mas no início de 2020 tudo mudou e as nossas atividades, tão calorosas e presenciais, tiveram que ser substituídas, por força da crise sanitária, por ações virtuais. Sentiram o golpe duramente as ações assistenciais e as reuniões mediúnicas, e o estudo se converteu em *lives*, no uso de nossos computadores ou aparelhos celulares para encontrar nossos amigos

queridos, para estudar e discutir à luz da doutrina espírita.

Foi um período difícil, e de longo aprendizado, no qual as casas espíritas passaram a ter um público mais amplo, de pessoas de outros estados e países, na plateia e na tribuna, e também foi um tempo que nos forçou a romper a resistência em relação às inovações tecnológicas, buscando suprir a nossa sede de conhecimento de forma virtual. Fortaleceram-se canais espíritas e todos, de alguma forma, aprendemos a lidar com essas parafernalias.

Realmente, como já citado, as atividades assistenciais, e o seu público alvo, foram muito prejudicadas, com a suspensão de atividades por um período de quase dois anos. O mesmo ocorreu nas mesas mediúnicas, e apesar das tentativas infrutíferas de reuniões virtuais, ao fim e ao cabo houve a suspensão dessas atividades.

Enquanto esse texto está sendo escrito, no ensolarado abril de 2022, as estatísticas da pandemia são animadoras e rapidamente ela está sendo substituída na pauta da imprensa por outros problemas, e as casas voltam às suas atividades normais lentamente, retomando as reuniões espíritas presenciais, e com o dilema se devem manter ainda canais virtuais, para atender os que estão distantes, e mais, para aqueles com dificuldade de horários e de locomoção. Ou ainda, por conta de um retorno da pandemia.

Certamente, aprendemos e nos expandimos muito com essa incursão da divulgação espírita no mundo virtual, em que pese, nas conversas cotidianas, todos nós, calorosos brasileiros, estávamos clamando por esse retorno presencial, para animadamente abraçar nossos amigos de tantas lutas e alegrias.

Manter as atividades virtuais parcialmente é uma decisão de cada casa e que depende de sua infraestrutura para dar conta desse desafio. Mais complexo e premente é o retorno das atividades presenciais, pois houve uma dispersão dos trabalhadores, e necessitamos retomar às agendas dos trabalhos assistenciais, super necessários nesses momentos de crise, e às nossas atividades mediúnicas, dado que não há espiritismo sem espíritos.

As atividades virtuais mantiveram a comunhão espiritual, nas palavras de Jesus, de duas ou mais pessoas reunidas em nome Dele, e preservaram a coesão de nossos grupos, a interação, o suporte afetivo e espiritual e que nos permitiu, inclusive, angariar novos amigos e a eclosão de novos espaços de divulgação e debate doutrinário.

Mas o momento agora é de retomada, de reativar as casas, fechadas ou operando parcialmente por cerca de dois anos. Muito tempo. O mundo real está aí, com seus desafios, e apesar de termos experimentado as possibilidades e alegrias do espiritismo na rede, penso que é hora de olhar para as nossas casas, de cimento e tijolos, para continuar nos importantes trabalhos na seara do Cristo, para os quais fomos chamados.

51 Sobressaltados e ressentidos

A profusão das redes sociais teve, dentre muitas consequências, alguns efeitos na ação de seus usuários, e isso se aplica também ao subgrupo dos espíritas, frequentadores assíduos desses espaços. Criou, em nós, perfis sobressaltados e ressentidos. Duas características que merecem dois dedos de prosa nesse conturbado início de século XXI.

A cada notícia bombástica, com vídeos, depoimentos e cenas chocantes. E no caso espírita, acompanhada do endosso de mensagens psicografadas. A cada bomba dessas, ficamos mais sobressaltados, temerosos pelo próximo desastre na virada da esquina, permeados de medo e de desespero.

Uma visão catastrófica do mundo, da raça humana, se instala, em um pessimismo tão alienante quanto o otimismo da positividade, e essa carga de medo ativa mecanismos de defesa, profundos, que se convertem em ódio e violência verbal que, por vezes, se refletem no plano concreto, e certamente têm efeitos na esfera dos amigos espirituais que nos acompanham.

De defensores da fé raciocinada e do Deus infinitamente justo e bom, nos vemos como arautos do cataclismo, como se não houvesse lei divina, e um Deus à frente de tudo. Caímos na esparrela de tudo está ruim como nunca foi antes na história da humanidade, o que

nos embaça a mente para analisar os problemas, as causas e possíveis soluções.

Mas não somente sobressaltados. Uma era de redes sociais na qual cada palavra ou opinião é registrada na lousa eterna da internet, os tribunais julgadores rotulam pessoas, na chamada cultura do cancelamento, que nos faz uma turba de ressentidos, magoados com ofensas reais, mas de tempos passados.

É verdade, essas opiniões revelam a natureza dessas pessoas, o que gera decepção, outra prima-irmã do ódio. Mas nós, espíritas, que esposamos a mensagem do evangelho, temos como um de nossos valores o perdão, no profundo entendimento de que cada irmão é um espírito encarnado em uma longa jornada evolutiva.

Talvez seja um convite a abandonarmos os santos de pés de barro.

O ressentimento insula, polariza, e nos faz focalizar o que não é importante, esquecendo dos trabalhos para alimentar as chamadas *tretas*, que consomem horas infundas que poderiam ser utilizadas para o estudo edificante e para o trabalho edificante.

Por favor, não se trata de um convite à alienação ante os problemas da realidade. Mas, sim, que saibamos lidar com essa realidade de forma mais inteligente e coerente com a visão dos pressupostos contidos na doutrina espírita, alijados das armadilhas que essas tertúlias das redes sociais nos impõem.

De sobressaltados e ressentidos, a resolutos e compreensivos. Ativos e operantes na busca das melhores lutas e dos melhores caminhos. Esse complexo

e tenso período em que vivemos demanda de nós, espíritas ou não, uma postura mais madura diante desse cenário que se apresenta, e parafraseando antigo adágio de nosso movimento, *é preciso viver no mundo virtual, sem ser do mundo virtual*, pois é na realidade da encarnação que estão os problemas a serem enfrentados.

Caetano foi visitar uma cidade histórica e ao adentrar as igrejas antigas, para conhecer seus detalhes arquitetônicos, percebeu que em algumas janelas de madeira e atrás de alguns bancos estavam gravadas datas e nomes de famílias. Curioso, pergunta ao guia turístico sobre aquele fato e recebe a explicação de que a família que doava recursos para a construção da igreja tinha direito a gravar o seu nome nos móveis que custearam, para deixar claro a toda a comunidade a sua doação.

Essa questão, enterrada lá no Brasil colônia do passado, tem reflexos até hoje, e não somente nos irmãos católicos, mas, também, no contexto das casas espíritas, e os dilemas do financiamento de sua subsistência. Sim, nossos prédios, sua manutenção e atividades geram custos de insumos, energia, alimentos, material de expediente, funcionários para a limpeza, e que demandam fundos para serem honrados.

Muitas fórmulas se apresentam na prática para arrecadar fundos para se manter as casas espíritas, e tradicionalmente se organizam almoços, bazares, venda de livros doutrinários, peças teatrais, shows de música e a cobrança de mensalidades dos associados, evitando-se, por conta de uma ética que tem se mostrado salutar, a cobrança direta relacionada a uma atividade, rateando

esses custos entre todos, independente do que se frequenta ou não.

Não resta dúvida que na prática essa engenharia financeira, um tanto precária, por vezes, não dá certo, e termina por surgir na casa pessoas que pela sua trajetória nesta encarnação, tem uma melhor situação econômica e podem doar mais, assumindo uma condição de patronesse das atividades da casa, contribuindo de maneira mais acentuada para o financiamento das atividades.

Muitos desses são discretos, auxiliares anônimos, mas alguns, como um reflexo da nossa sociedade, começam a se achar mais do que os outros, suplantando a estrutura estabelecida para a casa pelo simples fato de estarem subsidiando de forma mais acentuada aquelas atividades. A dependência daquele aporte faz a casa, seus dirigentes se calarem diante dessas situações, pela continuidade das atividades.

Aí, já vimos esse filme... ascende o autoritarismo frente à gestão participativa, e o financiador vai se tornando dono da casa, e aspectos acessórios da infraestrutura vão ocupando espaço nas discussões das atividades, e se cria uma estrutura de poder paralela, na qual se valoriza mais investimento para se fazer o que, às vezes, não é importante, em termos doutrinários.

Com as devidas adequações dessa situação narrada, as realidades observadas, essa trajetória que ocorre em diversas casas espíritas é a mistura de uma fragilidade no processo de financiamento das atividades atrelado a um desejo de se expandir mais do que se pode financiar,

dependendo do apoio de frequentadores mais aquinhoados, mas que não necessariamente estão envolvidos e comprometidos com os ideais da casa.

Assunto árido, mas necessário, desemboca, também, nas questões éticas no financiamento de nossas atividades, que pode trazer conflitos de interesses e dissabores à atividade espírita, como o exemplo aqui detalhado do patronesse, mas pode se destacar, também, outros equívocos, como a busca de recursos públicos que podem atrelar as atividades da casa à agenda político-partidária, ou ainda, a obtenção de recursos pela exploração de atividades ou espaços da casa espírita com um espírito diverso dos fundamentos da doutrina.

Como dito no início do texto, as casas espíritas precisam financiar as suas atividades, de maneira sustentável, transparente e com provisões para as incertezas. Tudo isso se torna complexo em um país tão desigual, com bolsões de pobreza, e ainda, em casas que conduzem as suas atividades com voluntários, em tempos de uma vida tão atribulada.

E a questão se complica quando falamos das atividades assistenciais, uma agenda clássica em nosso movimento, mas que demanda recursos, pois as doações são sempre insuficientes para atender as famílias assistidas e sempre entra orçamento da casa para essas coisas. E haja almoço fraterno, campanha, e tudo isso em um cenário no qual os próprios frequentadores têm dificuldades de fechar as suas

contas, pelas crises econômicas que surgem de vez em quando.

Além de árido, esse é um tema pouco debatido, e nós, frequentadores, esquecemos de nossa responsabilidade com a subsistência da casa, e nos encaminhamos para essas armadilhas já citadas, entendendo esses caminhos como um mal necessário para as nossas atividades, mas que, como meios tortos, têm consequências nas finalidades e com o tempo, os problemas aparecem.

Não, esse texto não vai terminar com uma solução mágica. Ele traz ponderações e alertas, fazendo luz sobre um tema que precisa entrar na pauta, que são os limites e cuidados no financiamento de nossas atividades. Um tema que apesar de sempre ser enquadrado como acessório, pode se converter em um problema central, seja pela sobrevivência da casa espírita, ou ainda, por riscos à imagem e de deturpação dos caminhos desejados. Vale o debate!

Adamastor chegava todo dia ao colégio em que era o supervisor pedagógico bem cedo. Começou a notar que sempre que chegava, em frente ao prédio da direção, postava-se sentado um senhor, que ficava mexendo tranquilamente no seu aparelho celular. E dia a dia, lá estava aquela pessoa, sentada naquela cadeira desconfortável de um dos pátios da escola, sereno, mas ao mesmo tempo, intrigante.

Sem conter a sua curiosidade, após uma semana, perguntou reservadamente ao segurança do colégio quem seria aquele senhor que já cedo estava ali sentado, cumprindo expediente em condições tão desconfortáveis. Seria um representante comercial, ou mesmo alguém da fiscalização governamental? Quem sabe seria um maníaco, em um mundo tão louco? O segurança sorri, e explica que era uma situação mais simples do que parecia.

– Seu Adamastor, aquele senhor é o Jurandir, marido da funcionária Helena, uma senhora que já está próxima de se aposentar e que reside muito longe do colégio. Como tem havido muitos assaltos e ela sai cedo, ele todo dia vem com ela de trem e fica aqui esperando ela sair as 14hs, para acompanhá-la de volta ao lar. Explica pacientemente o segurança, e ao se inteirar da

situação, Adamastor exclama em alto e bom tom: – *Um abnegado.*

A abnegação é um atributo humano, caracterizado pelo desprendimento e pelo altruísmo, na dedicação extrema a uma pessoa, causa ou princípio. Algo bonito de se ver, raro em um mundo de valorização da individualidade, e que se traduz em uma força poderosa nos desafios do cotidiano. Mas, como tudo, merece equilíbrio e contexto.

Heróis abnegados como Jurandir e tantos outros que se dedicam a causas sociais e religiosas são tesouros em forma de espírito. Pessoas que transpiram nos desafios do dia a dia naquele tema, e que inspiram, com seu ideal, um outro conjunto de pessoas, em uma rede de empolgação que contagia e mobiliza corações e mentes, em ações que resultam em grandes realizações, materiais ou não.

Certamente, estimado leitor, você conhece nas fileiras espíritas pessoas abnegadas. Alguns notórios, mas a maioria desconhecida, movidas por um sentimento forte e profundo para a promoção das nossas causas. Abnegados na evangelização infantojuvenil, na promoção social, na atividade mediúnica, na divulgação espírita, na arte, nas tarefas de manutenção e na arrecadação de fundos.

Pessoas com uma chama interior, poderosa, mas são pessoas. Enfrentam os problemas comuns da vida encarnada no planetinha azul, repleta das decepções, das calúnias, das traições, e, por vezes, essa abnegação vai se enfraquecendo, até apagar. Afinal, essa dedicação

desmedida, intensa, por vezes, é muito para qualquer um, e vemos o fenómeno do trabalhador incansável que sofre uma mutação e não quer saber de mais nada. Desaparece.

Aí, vem as explicações estapafúrdias. Está obsediado... era só um interesseiro... melindre... Na verdade, era uma pessoa com grande fé naquela missão, naquela obra, e que a abraçou com todas as suas forças, esquecido de que cada um tem seu tempo. E foi, foi, até que se viu sozinho, cercado pelas armadilhas do insulamento e do autoritarismo, nos famosos donos do trabalho, permeado das fofocas e das interpretações maldosas.

Faz-se necessário adotar cuidados para não se perder o trabalhador espírita abnegado, mas, também, é necessário um entendimento amplo de que o comprometimento e a dedicação variam de trabalhador para trabalhador, por questões diversas, variando da esfera pessoal até o amadurecimento do seu papel na atividade espírita.

A abnegação é uma condição nobilíssima, mas que tem a sua força quando se equilibra entre diversas pessoas no campo de luta. Se concentrada, expande-se como uma chama vivaz na palha seca, para se esgotar depois. Precisa ser como uma brasa, a alimentar por muito tempo o fogo permanente, alimentando mutuamente pelas outras brasas.

Sim, temos e teremos sempre os expoentes, aqueles abnegados que vão mais além. Mas não nos cabe, na tarefa da evolução, terceirizar as ações para estes e,

sim, inspiração em seus exemplos para, também, alimentarmos em nós um pouco de abnegação, fortalecendo a rede de pessoas que converte recursos em milagres, nas transformações maravilhosas que vemos nos trabalhos espíritos por aí.

Ser abnegado implica na renúncia, no sacrifício em prol de uma causa. As motivações são as mais diversas, e a maioria é lastreada em um sonho de ver um mundo melhor e poder contribuir com um pequeno tijolinho. Esse compromisso, com o reino de Deus que virá, é de todos nós, e se alguém está dando de si no limite de suas forças, talvez seja por que nós estejamos nos omitindo de nossos deveres. Fica a reflexão.

54 All You Need Is Love (?)

Essas breves linhas surgem de uma inspiração profunda, ouvindo a música dos rapazes de Liverpool, *All You Need Is Love*, que surge incidentalmente no maravilhoso e distópico filme *Yesterday - A Trilha do Sucesso*, de 2019, dirigido por Danny Boyle, sendo, para mim, uma obra-prima recente, e que com linguagem poética mescla a complexidade e a simplicidade do mundo atual.

Essa imensa simplificação das coisas em um mundo tão complexo é que instigou essa reflexão. Assustados com o mundo tão complicado, e que sempre esteve lá, mas que se vê descoberto e assimilado, em especial pela tecnologia, em toda a sua estranheza, buscamos simplificar as coisas, apresentando a nós mesmos soluções e explicações elementares para questões intrincadas, que envolvem nuances e aspectos ocultos.

Assim, ouvimos nas ruas e nas redes que a culpa é do comunismo. Ou do capitalismo. E ainda, que nos basta ter força de vontade, querer. Que tudo o que precisamos é de amor. Um desfile de soluções simples, pasteurizadas e superficiais para a vida e seus *Wicked Problems*, termo que designa tecnicamente no campo das políticas públicas problemas com muitos fatores interdependentes, tornando-os impossíveis de uma resolução rápida.

E a fé, aquela que o espiritismo se propõe com o adjetivo de raciocinada, pode ser um subterfúgio para essas simplificações, com seus mistérios inquestionáveis e porta-vozes monotônicos. Mas, temos nós, os espíritas, também nossos mantras reducionistas das questões do ser, do destino e da dor. É a falta de Deus, é combater o orgulho e o egoísmo, é o sofrimento que purifica pela lei do Karma.

Simplificar é uma forma de digerir problemas grandiosos, antigos e um tanto indigestos. Um artifício, uma estratégia de sobrevivência em um mundo que se apresenta tão confuso e desesperançoso. Mas, também, é uma forma de ignorar o que deve ser feito, com soluções fantasiosas e pouco efetivas frente ao que se poderia realmente fazer.

Chega-se, assim, ao tema central deste artigo. Uma simplificação que tem andado na moda entre os espíritas, diante dos acontecimentos desastrosos da vida cotidiana: a transição planetária. Uma ideia de que estamos passando de um mundo de provas e expiações em direção à classificação de mundo de regeneração, trazida, bem verdade, e com as devidas vênias, por Kardec em A Gênese, quando fala da Geração nova, mas em um sentido bem diverso do que se vê hoje, considerando-se ainda que o texto kardequiano tem mais de 150 anos.

Mas a coisa se acentuou mais ainda com o frenesi apocalíptico que tomou conta do mundo nos anos 2000, com uma raiz no medo do flagelo nuclear da década de 1970 redesenhado, e com derivações de calendário

maia, meteoros e outras coisas que fazem com que estejamos há duas décadas com esse papo de fim de mundo, em uma simplificação na visão de um mundo que muda em uma velocidade ciclópica.

E o espírita médio, imerso nesse caldo de promessas do fim que virá, reduz cada catástrofe, crime hediondo ou desastre que recebe pela imprensa e pelas redes sociais, ao mantra anestésico que é por conta da transição planetária. E volta aos seus afazeres domésticos, aplacada a sua consciência. Suprem-se, assim, debates, análises e soluções que poderiam gerar ações, movimentos, no micro e no macrocosmo social, que resultariam em melhorias no mundo real, o sentido profundo da palavra evolução.

A transição planetária não pode ser uma venda que reduza a capacidade de análise dos espíritas, um traço marcante desse grupo, e que nos tire, conseqüentemente, a capacidade de agir. A ideia de fim de mundo mexe com medos ancestrais, presente em várias culturas, inclusive no cristianismo, e traz em si uma esperança imobilizadora de que nos basta esperar os acontecimentos inexoráveis, fruto de um Deus decepcionado com a sua criação.

Jesus nos ensinou que o reino de Deus é uma construção cotidiana, e problemas sociais gritantes que batem à nossa porta pelas notícias são avisos de que algo precisa ser feito, por cada indivíduo ou grupo, dentro das suas possibilidades, buscando reduzir a chance daquele quadro não se repetir, e não jogar tudo

no diagnóstico simplificador da transição planetária ou qualquer outro chavão popular.

John Lennon e Paul McCartney estavam cobertos de razão ao dizer que tudo o que precisamos é de amor. Jesus, aliás, também, disse isso. Nós é que subestimamos o amor, entendido como algo simples, e superficial, mas que, na verdade, é uma força complexa e profunda, que move homens e mundos, sendo a verdadeira essência divina.

Nesse início de 2024, enquanto os espíritas se avolumavam em filas enormes nas salas de cinema para assistir à produção *Nosso Lar 2*, em circuito alternativo era exibido a película indicada ao Oscar chamada *Vidas Passadas* (*Past lives*), produção estadunidense de caráter autobiográfico, dirigida por Celine Song.

Sem antecipar o que ocorre no filme, para não prejudicar a experiência do leitor, pode-se dizer que a peça aborda como nossas escolhas influenciam nossos destinos entrecruzados, trazendo perdas e ganhos nessas opções, e que cada encontro na verdade é um reencontro, pelas linhas da reencarnação, mas que esse compromisso não é um grilhão e, sim, uma construção, que pode se dar de diversas formas.

Ainda nos vemos, espíritas, enredados em ideias de almas gêmeas, carmas ou outras justificativas superficiais que, por muitas vezes, servem de racionalização para falta de coragem em fazer certas escolhas ou, ainda, reformar aquelas que julgamos equivocadas, e que pela lei da vida, colheremos algo dessas decisões a partir do que fizemos dela, na busca do bem de todos, e do seu próprio.

Mais importante do que o caminho é a motivação que nos leva a trilhar a esquerda ou a direita na encruzilhada que importa. O que fazemos diante do que

se apresenta, e como nos conduzimos naquele papel, é a chave da evolução, e não apenas usar a roupagem A ou B, por vezes, de forma burocrática e superficial.

A reencarnação é um mecanismo complexo que propicia encontros, reencontros e desencontros e, por vezes, o planejado se defronta com circunstâncias outras e, ainda, com a nossa própria fraqueza, nos impondo o reinventar, sem desconsiderar que não se faz crescimento espiritual com algemas e, sim, com o arado.

Talvez quem assista ao filme entenda melhor essas palavras, mas a mensagem que fica é de que cada reencarnação é uma nova oportunidade, na qual reencontramos antigos atores, que foram objetos de relações conosco, mas, também, encontramos outros novos, e nessa teia de relações, somos intuídos dos compromissos que necessitam ser saldados, mas, também, temos certa liberdade de fazer esse ressarcimento.

O bem não é algo ponto a ponto, e, sim, uma força omnidirecional que nos transforma e aos que nos cercam, e que o nascer é para crescer, podendo ser crescer com a pessoa A ou B, mas sempre crescer, em um sentido maior e amplo.

Se assim não for, a reencarnação, a lei de amor, se apresenta como algo reducionista, quase contábil, de pagar uma dívida X para a pessoa A para sermos *salvos*, distante de um modelo no qual a reencarnação é a porta de evolução que se faz com os que nos cercam, para quem fizemos o bem e o mal, em diversas proporções, dependendo de nossas fragilidades. Não ao

maniqueísmo que ignora a verdadeira essência do espírito.

Felizmente ou infelizmente, os desafios da vida espiritual são mais complexos do que se imagina. São muito mais do que A reencarnar com B e saldar a dívida X. É algo mais rico, mais dinâmico e mais à altura do que somos, imagem e semelhança da divindade.

56 Forças poderosas

Forças poderosas permeiam a existência do espírito encarnado e, por vezes, nos arrastamos ao labirinto do erro por ceder a esses gigantes. Algumas são entendidas como benéficas e até valorizadas de público, mas não se engane, estimado leitor, o caminho ao alimentar essas forças passa sempre pelo sofrimento.

A mágoa é uma tristeza fossilizada, fruto de um perdão que não se fez por alguma das partes no momento correto. Essa perda de *timing* vai cavando um fosso entre os envolvidos, e uma coisa pequena vai crescendo e crescendo na magia do tempo e, ao final, tem-se um afastamento quase insuperável, já nem se sabe por quê.

O Medo é uma força poderosíssima. A capacidade de projetar e antever o que pode acontecer nos fornece esse mecanismo de defesa que pode se converter em um fardo. Em um mundo hiperconectado, no qual recebemos pelas redes sociais sons e imagens pensadas para despertar nossos temores mais profundos, o medo é o rei de nossas motivações, andando, por vezes, de mãos dadas com o ódio e a violência.

Vivemos em uma época de expectativas irreais, infladas, o que gera uma crônica sensação de frustração, na qual não conseguimos valorizar o que temos, paralisados no sonho de coisas inatingíveis, perdendo a

ligação com a realidade. Frustrados, nos arrastamos tristes e cegos vendo a vida apenas cinza.

Quando a expectativa se direciona às pessoas, sua frustração vira decepção. Uma força que é a antessala da raiva, pois diferente do indiferente, a decepção julga a conduta em relação ao que se esperava, em uma régua mais rígida, e que converte a afeição mais terna no ódio mais mortal.

Por fim, o ciúme, um filho dileto da carência, é outra força que move o espírito encarnado. Sentindo-se desprestigiado em competições imaginárias, querendo um amor exclusivista e possessivo, tem-se o ciúme como causa de crimes, brigas e de cenários que até parecem amor, mas ao se olhar com carinho e de perto, se vê que nada de amor tem ali.

Ao subestimar essas forças poderosas, ao não dar a elas a atenção necessária, expomos a nossa reencarnação a riscos. Importante ver quando essas vêm crescendo em nosso coração, tomando o remédio necessário a sua cura. Diante da mágoa, o perdão. Frente ao medo, a fé. A decepção e a frustração nos pedem para olharmos para o lado. E o ciúme clama a visão universal do amor. Nos ensinamentos de Jesus residem os remédios que atuam na gênese dessas forças poderosas, que podem abalar nossa jornada no caminho da evolução.

57 Irmãos, é preciso coragem!

Passados cinquenta anos da telenovela *Irmãos Coragem*, exibida pela TV Globo de junho de 1970 a julho de 1971, escrita pela talentosa Janete Clair e com a trilha de abertura interpretada pelo também saudoso Jair Rodrigues, resgatamos essa peça da dramaturgia para trazer algumas reflexões sobre o texto *A coragem da fé*, Itens 13 a 16 do capítulo XXIV, de O Evangelho Segundo o Espiritismo, que se ancora nesses trechos evangélicos:

13. Aquele que me confessar e me reconhecer diante dos homens, Eu também o reconhecerei e confessarei diante de meu Pai que está nos céus; e aquele que me renegar diante dos homens, também Eu o renegarei diante de meu Pai que está nos céus. (Mateus, 10:32 e 33.)

14. Se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras, o Filho do Homem também dele se envergonhará, quando vier na sua glória e na de seu Pai e dos santos anjos. (Lucas, 9:26.)

A interpretação clássica desse trecho do Evangelho remete aos cristãos, que se mantinham fiéis à sua fé diante da perseguição, nos circos romanos ou na crucificação, situação derivada de lutas pautadas por diferenças religiosas. Uma situação que se repete ainda

hoje, com perseguições de diversas ordens, algumas, inclusive, patrocinadas pelos mesmos cristãos.

Esse trecho pode gerar interpretações curiosas se levadas de forma isolada em relação ao resto da mensagem do Cristo, como se Jesus necessitasse de defensores incontestes da condição de seus seguidores frente a terceiros, ignorando que se pode ter uma visão mais aprofundada dessa questão, em especial na seara espírita.

Cabe uma outra abordagem, não das dificuldades exteriores que nos hostilizam na defesa de nossa fé, mas das montanhas interiores que precisamos atravessar para nos manter coerentes com a nossa crença. Dentro de nós habita um homem velho, arraigado a um passado nada glorioso, e que se impõe como a grande limitação ao progresso. Como dizia Paulo de Tarso: *Pois não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse pratico.*

As dificuldades interiores nos demandam testemunhos diferentes dos circos e seus leões. Testemunhos cotidianos, não só de palavras, mas de atos, que refletem mudanças profundas no nível espiritual. Mudanças que são postas a provas em decisões que dizem muito de nós, do que somos e do que desejamos ser nessa reencarnação. Ações que convencem ou não a nuvem de testemunhas que nos acompanha.

Para vencer esses leões interiores, é preciso entender as nossas fraquezas e limitações. Pedro negou Jesus três vezes. Somos pequenos, e vamos fracassar

várias vezes. Mas, também, somos grandes às vezes, e avançaremos diante dessas dificuldades do aprimoramento espiritual. Somos humanos, espíritos em evolução, e quando a perfeição é grande, a sombra do embuste se faz. Fazemos a nossa caminhada sozinhos, mas com a ajuda dos que nos cercam, e ajudando os que nos acompanham.

Aí, chegamos à coragem necessária que embala as primeiras linhas desse texto. A coragem da fé é importante nas lutas exteriores, nas quais precisamos nos posicionar, com personalidade, em relação ao que acreditamos, mas atentos para não se tornar um fanatismo de tornar a defesa de pontos de vista como a finalidade de nossa existência.

Entretanto a coragem de esposar nossas convicções doutrinárias, essa agenda renovadora trazida pelo espiritismo, com valores como o perdão e a caridade, demanda coragem para uma luta silenciosa travada por nós contra nós mesmos, convencendo aquele homem velho de roupa nova, que ele precisa se modificar.

Essa coragem nos faz abraçar as oportunidades benditas que somos contemplados na atual reencarnação e fazer destas instrumentos de nossa evolução real. Essa coragem nos faz romper a ideia de ser apenas *sepulcros caiados: bonitos por fora, mas por dentro estão cheios de ossos e de todo tipo de imundície*, como nos alertou Jesus, para avançarmos realmente sobre as nossas imperfeições, dentro do possível.

E de forma inspiradora para essa coragem cotidiana que precisamos para viver no mundo sem ser do mundo, fica um trecho da canção de abertura da novela Irmãos Coragem: *Manhã, despontando lá fora. Manhã, já é sol, já é hora. E os campos se abriram em flor. E é preciso coragem. Que a vida é viagem. Destino do amor.*

Certa vez, em um evento da juventude espírita no Rio de Janeiro, nos idos da década de 1990, ao final da execução de música de sua autoria chamada *O amor de Jesus (diamantes de poeira)*, o músico Ariovaldo Filho indagou o público sobre se tínhamos ideia do tamanho do amor de Jesus.

Passados cerca de três décadas, essa pergunta ainda paira sobre as cabeças. Mais do que uma busca por uma medida ou comparação do amor que o mestre tinha no seu coração, o que serviria apenas para divagações pouco úteis, talvez fosse interessante saber o que permitiria fazer a expressão desse amor.

Sim, o tamanho desse amor se mede pelo que ele pode fazer. Pessoas que tinham grande amor no seu coração foram assim percebidas pelo que fizeram pelo seu próximo. O amor é algo concreto, sentido e transmitido. Uma visão consequentialista do amar.

Não é possível se ver o amor de Jesus como algo intrínseco a ele, divinizado, distante de nós, e, sim, como uma energia radiante e contagiante, que arrasta outros, provocando o amor que existe em cada um, fazendo-nos melhores. Uma força que nos faz nos levantar agora, e sair ao mundo hoje, como diz a letra da canção.

O amor não é um adereço, é uma força viva e pulsante, com potencial de construir coisas

maravilhosas. Pessoas abnegadas da história, reconhecidas por ter muito amor em seus corações, fizeram deste um legado, presente no real. O próprio Jesus indicou que seus discípulos seriam reconhecidos por muito se amarem, e que o importante era o amor ao próximo, indicando esse sentido do amor para fora do coração e materializado no mundo.

Discutir a natureza e as possibilidades desse sentimento é relevante no espiritismo, pois essa compreensão mais profunda permite que o amor tenha um sentido mais afinado ao que entendemos por caridade, por evolução e ao conceito de vida eterna. Não é à toa que o Evangelho Segundo o Espiritismo dedica três capítulos a essa questão, os de número 11,12 e 15.

O amor, por vezes, se apresenta nos discursos como algo banalizado, ou piegas, ou ainda, raso, sendo a sua falta a causa de todos os problemas. Importante entender o porquê de nos preocuparmos com o amor de Jesus, com a sua extensão, pois isso diz muito do que devemos fazer na nossa trajetória como encarnados.

Pode-se dizer que o Amor de Jesus é importante pelas lições que essas manifestações ao longo da sua vida nos trouxeram. Se fosse apenas pelos milagres, Jesus seria mais um personagem histórico que realizou prodígios. Não foi isso que o perpetuou e o fez tão importante, demarcando eras. Foi o seu amor.

E esse amor se fez em gestos e atitudes. Fez-se na forma como ele enfrentou cada situação e desafio posto, e que inspirou a todos que se seguiram. Um amor que ainda é muito incompreensível para nós todos, mas já

temos alguns clarões do que precisamos fazer, e de quanto amor vamos precisar.

59 Transmutando tolerância em caridade

Vivemos uma era galopante, ciclópica, na qual as mudanças de paradigmas, de hábitos, de visões se fazem mais rápido do que o tempo que a moça ajeitava o balaio, quando sentia que o balaio ia escorregar. Um tempo que se faz veloz, mas, também, interconectado, transparente, no qual o mundo e seus fenômenos cabem no nosso bolso, mas exatamente em um *smartphone*, e lutamos para processar tudo que ocorre na esfera terrestre, oferecido por vários guichês, todos querendo a nossa atenção.

Esse mundo pequeno e próximo, desnudo de diferenças, opiniões, posicionamentos. Os hábitos, antes aprisionados nas culturas e nas fronteiras, são jogados em uma arena de questionamentos e de contestação, na qual a ampliação do exercício coletivo nos convida a mais tolerância e entendimento do outro. Um convite à empatia, na regra evangélica do fazer ao próximo o que se deseja para nós, como um limite universal.

Esse mundo plural e dinâmico nos convida à tolerância, como regra para superar os conflitos e conviver em sociedade, na busca de uma possível harmonia. Mas a tolerância é uma palavra que indica falta de opção, dever imposto, cabendo a nós avançar em uma outra dimensão desse convívio, permeado de

respeito, paciência, perdão. Enfim, a caridade para com o próximo, a despeito de suas características.

Só a caridade no seu sentido sublime dado pelo Cap. XV de O Evangelho Segundo o Espiritismo tem o potencial de anular o preconceito, a xenofobia, o *bullying*, os atritos de toda a ordem causados pela diferença agora mais agudamente percebida. Só a caridade tem o condão de despolarizar um mundo aprisionado em extremos, que sufoca o diálogo, e faz de nossos objetivos diários alimentar e assistir a *tretas*, e *lacradas* nas redes sociais, distantes do equilíbrio entre dissensos e consensos necessários para que as coisas sejam construídas no mundo concreto. O ódio nada constrói.

Sair dessa armadilha é imperioso. Esse ambiente dinâmico no qual a realidade global se descortina a cada segundo nos coloca fragilizados e nos invoca o medo, que nos põe na defensiva, e daí atacamos, presos a sentimentos primitivos. O espanto com a realidade gera a banalização da violência, pela reação em palavras, sem gestos, por meio de notas de repúdio ou dos famosos *textões* nas redes sociais. Um mundo novo que nos convida a um equilíbrio diferente, que se dará com mais do que tolerar o que não se concorda, mas, sim, pela adoção do amor que integra e que compreende, respeitando cada um como filho de Deus que é, em seu grau de percepção e maturidade, oriundo de sua trajetória como espírito.

Kardec traz no mesmo Cap. XV que a máxima do espiritismo é *Fora da caridade não há salvação*, de um

sentido não excludente, pois o amor é possível de ser alcançado por todos. Uma evolução espiritual calcada na verdade ou em uma denominação religiosa, é fonte de lutas pela hegemonia e, conseqüentemente, de conflitos, como se viu com o próprio cristianismo, nos tristes episódios das cruzadas e da inquisição, ou na tragédia da morte da pensadora Hipátia, na Alexandria em 415 A.D., uma mártir desse desamor que não compreende.

Para transitar nesse mundo complexo e em rápida ebulição, precisamos mais do que a timidez do tolerar. Faz-se necessário um sentimento mais nobre, mais poderoso, que vença essas nuvens de ódio que nascem no mundo virtual, e que vez ou outra se precipitam em chuvas de linchamentos reais e agressões físicas. Somente o amor nos permitirá, como civilização encarnada, construir uma empatia que enxergue em cada um o espírito encarnado, na sua luta para evoluir da melhor maneira possível, precisando sempre de nossa mão amiga. Um mundo no qual todos se deem as mãos.